

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO
CULTURA MIDIÁTICA E GRUPOS SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Revista A Violeta: um estudo de mídia impressa e gênero

OTÁVIO BANDEIRA DE LAMÔNICA FREIRE

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação.**

SÃO PAULO

2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO
CULTURA MIDIÁTICA E GRUPOS SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Revista A Violeta: um estudo de mídia impressa e gênero

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Longhi.

OTÁVIO BANDEIRA DE LAMÔNICA FREIRE

SÃO PAULO

2007

Freire, Otávio Bandeira De Lamônica

Revista A Violeta: um estudo de mídia impressa e gênero. / Otávio Bandeira De Lamônica Freire. – São Paulo, 2007.

122 f.

Dissertação (Mestrado) – Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2007.

Área de Concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientação: Prof^a Dr^a Carla Longhi

1. Mídia Impressa 2. Gênero 3. Revista Feminina 4. Comunicação.

I. Título

Para Lurdinha, sol que me aquece, me alegra, me inspira...

Agradecimentos

São muitos os que, de alguma maneira, compartilharam, auxiliaram, deram suporte e participaram do meu caminho de pesquisa para este mestrado. A todos eles, devo agradecer o resultado alcançado. Há alguns, porém, que não posso deixar de reconhecer de maneira mais específica e pontual. São eles:

Professora Doutora Carla Longhi, minha orientadora, pela acolhida generosa, pela firme condução nas questões do texto, pela lisura e delicadeza nas questões do pensamento;

Professora Doutora Sandra Reimão e Professora Doutora Bárbara Heller, pela imprescindível contribuição, pelas sugestões construtivas no Exame Geral de Qualificação. Suas críticas e indicações abriram novas possibilidades, novos caminhos, enriquecendo esta Dissertação;

Professora Doutora Haydée Dourado de Faria Cardoso, que inicialmente dirigiu meus estudos como primeira orientadora neste Curso de Mestrado;

Todos os professores e funcionários do Programa de Mestrado em Comunicação da UNIP, meus sinceros agradecimentos pelo tempo e esforço dedicados ao conhecimento e sua produção, nosso alimento, nosso combustível, nosso produto em recursividade;

Professora Doutora Yasmin Nadaf, pela gentileza de seu tempo e sua pesquisa sobre A Violeta e demais periódicos do Mato Grosso; Professora Mestre Triana Veneza de Sodré e Dantas, incansável pesquisadora, meu braço e mente em Cuiabá, para as pesquisas nos arquivos e bibliotecas públicos e privados; Mestre em Ciências e Poetisa nacionalmente reconhecida Lucinda Persona, pelo acesso a fontes bibliográficas fundamentais para o meu trabalho.

Meus colegas coordenadores e pesquisadores do Centro de Estudos de Avaliação em Comunicação e Marketing da Universidade de São Paulo – CEACOM-ECA/USP, por partilharem comigo seus dias, seus conhecimentos, minhas angústias, meu

projeto.

Minha mulher Maria Lourdes, “Lurdinha”, sempre de mãos dadas comigo, caminhando pelas areias da vida;

Meu pai, Júlio, com sua presença acalentadora nos momentos de maior tensão, mesmo a quase dois mil quilômetros de distância. Minha mãe, Maria de Lourdes, eterna inspiração acadêmica, presença marcante em toda minha carreira como professor. Meus irmãos: André, pelo exemplo de garra e perseverança na perseguição dos objetivos mais difíceis e Bruno pela maneira de resolver as coisas da vida com muita clareza e direção. Amo-os incondicionalmente;

Minha sogra Maria Helena, seus filhos Maria Augusta, Alexandre e Antenor, sua neta Clara Beatriz que, para além do apoio à minha mulher, estenderam seu carinho e alegria a mim, sempre;

Carla Osório, pelas madrugadas divertidas, regadas a teorias, epistemes e metodologias e pelas valiosas trocas.

Resumo

Este trabalho traz a análise da revista *A Violeta* – publicação do Grêmio Júlia Lopes que circulou em Mato Grosso, entre os anos 1916 e 1950 – com o intuito de trazer à tona a relevância do papel das redatoras e editoras da revista no processo de emancipação da figura feminina, dentro da sociedade tradicional local. Buscando confirmar a relevância do estudo, foram fixados objetivos, como forma de balizamento do caminho a ser percorrido, priorizando a forma como a Revista *A Violeta* se coloca como veículo de comunicação feminina, tendo como fundo contrastivo o enfoque da dimensão comunicativa e cultural da questão de gênero e, como foco, a emergência do projeto moderno e seus ecos marginais. Mais especificamente, esta pesquisa procura observar e comentar em que medida o discurso da revista engendra um olhar feminino; entender o modo de apreensão da sociedade e, mais especificamente da imprensa; compreender como se configura o discurso da revista sobre as questões da modernidade e de progresso, durante seus dois primeiros anos de circulação. A abordagem do problema e a consecução dos objetivos do projeto estão diretamente ligadas ao caminho percorrido e ao procedimento interpretativo, neste caso, um procedimento de pesquisa qualitativa. A caracterização do objeto enquanto revista, enquanto mídia impressa necessitou de cuidadosa pesquisa documental para obtenção de dados relativos à estrutura e organização, circunstâncias de sua criação, processo de implantação, espaço físico, quadro de pessoal, competências, etc. Em seguida, abordou-se o seu fazer, através de levantamentos dos processos de produção de conteúdos de forma geral, classificação dos assuntos e seções. Os procedimentos metodológicos adotados se inscrevem no domínio dos Estudos Culturais que preconizam uma abertura em favor da combinação de diferentes estratégias que possibilitem melhor apreensão da multidimensionalidade do objeto. O esquema conceitual que deu suporte à descrição e análise da revista *A Violeta* correlacionou as concepções de Comunicação – Mídia Impressa – Cultura – Gênero – Modernidade. Foi de extrema importância a contribuição teórica de autores identificados com os Estudos Culturais, entre os quais Martin-Barbero, que trata a recepção como um lugar novo no âmbito das pesquisas acerca do processo de comunicação. Outra questão que surgiu, à luz do estudo dos meios e mediações foi o fato da sociedade brasileira não ter necessariamente um centro único, portanto, as ações hegemônicas não partiam de

um único grupo social. Para isso, o estudo se apóia nos escritos de Gramsci acerca da hegemonia. Ao modo dos Estudos Culturais, ao construir uma metanarrativa de inclusão, de luta feminina, busquei a desconstrução de certas metanarrativas de exclusão, algumas delas comunicadas através da própria imprensa local, no que tange à mulher e o trabalho, dentre outras. A modernidade também foi tema de grande relevância para o presente estudo, analisada a partir das proposições de Hobsbawm e Sevcenko que deram suporte à análise espiral das questões culturais envoltas nos processos de modernidade e modernização. Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, procuro dissertar sobre a orientação teórico-metodológica que utilizo na abordagem da revista. No segundo, trato mais diretamente do *corpus*, focalizando a revista, descrevendo sua materialidade. No terceiro capítulo, em conformidade com a orientação teórico-metodológica dos Estudos Culturais, procuro capturar os elementos significantes do contexto da revista, centrando-me nas relações de gênero. Já no quarto capítulo, examino alguns aspectos do discurso feminino que *A Violeta* veiculou, bem como algumas aproximações e distanciamentos entre o nacional e o local, tirando implicações sobre gênero, modernidade e modernização.

Palavras Chaves: Mídia Impressa, Gênero, Revista Feminina, Comunicação.

Abstract

This work purposes an analysis of the magazine *A Violeta* – a “Grêmio Julia Lopes” publication that was printed in Mato Grosso state from 1916 to 1950 – taking it in terms to lighten the relevance of editors’ and writers’ role in the feminine figure emancipation process, among the local traditional society. Some goals were projected, as a path to follow, to confirm the importance of the study. The prior discussion and comprehension of the way the magazine puts itself as a feminine communication media, ends on the communicational and cultural gender agenda, with some focus on the emergency of the Modern Project and its surrounding echoes. More specifically, this project tries to observe and make some notes on the magazine discourse to figure out if a feminine look emerges from its texts; to understand the way society and press face and consider the magazine; to comprehend the magazine discourse configuration about modernity and progress, in its two first years of publication. The approach method and the goals achievement are directly linked to the chosen path and to the interpretative procedure that, in this case, was a qualitative research type. The object characterization as a magazine, as a press media kind, requires careful desk and documental research, allowing magazine data gathering as far as its structure and organization, circumstances of creation, implementation process, building facilities, human resources, and competences are concerned. Besides, there was a look in the making of the magazine, built from the subject production process, article classification and sections. The adopted methodological procedures are attached to the Cultural Studies, which provide an opening in favor of different strategies combination, making it easier to understand the objects’ multidimensional characteristic. The conceptual scheme supporting the description and analysis of *A Violeta* magazine gathered the conceptions of Communication – Press Media – Culture – Gender – Modernity. The theoretical contribution of authors close to the Cultural Studies, such as Martin-Barbero, who deals with the reception as a new place, regarding the communication process researches, was of great importance. Another relevant issue is the fact that Brazilian society doesn’t have necessarily only one center of social power. Therefore, hegemonic actions don’t come from only one social group, leading the research to Gramsci studies about hegemony. Modernity is also aimed in this research, and supported by Hobsbawm and Sevcenko proposals, which are used to

build a spiral analysis of the cultural questions concerning to modernity and modernization processes. This master dissertation is organized in four chapters. The first one brings theory and method used to intend the object approach. The second one is a deep description of the magazine as the *corpus* of the research, where the magazine materiality is revealed. The third chapter, based on Cultural Studies methodology, captures significant elements that expose the historical context of the magazine, centered in gender questions. And finally, in the fourth chapter there is an examination of some feminine discourse aspects that *A Violeta* published, as well as some similarities and some distances between the national and the local, regarding to gender, modernity and modernization.

Key words: Press Media, Gender, Female Magazine, Communication.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução..... | 13 |
| Capítulo I – Balizamentos teórico-metodológicos..... | 22 |
| Por que Estudos Culturais?..... | 24 |
| Amarrações metodológicas..... | 29 |
| Capítulo II – <i>A Violeta</i> e seu entorno..... | 36 |
| 1. A imprensa masculina de Mato Grosso..... | 37 |
| 2. O grito precursor silenciado: antes d’ <i>A Violeta</i> , o Jasmim..... | 44 |
| 3. Uma agremiação de mulheres..... | 47 |
| 4. Surge <i>A Violeta</i> | 52 |
| 5. Pode entrar, a casa é sua..... | 55 |
| Capítulo III – <i>A Violeta</i> , o feminino e a questão do gênero..... | 60 |
| Capítulo IV – O Contexto da Modernidade e o Texto da Revista <i>A Violeta</i> | 85 |
| Cenário Internacional..... | 86 |
| Modernidade no Brasil: <i>e la nave va</i> | 89 |
| Cenário Mato-grossense..... | 92 |
| A cidade de Cuiabá..... | 95 |
| A Narrativa de Gênero e o Feminino Local..... | 98 |
| Aproximações e distanciamentos entre o nacional e o regional: um olhar sobre os primeiros anos d’ <i>A Violeta</i> | 103 |
| Considerações Finais..... | 116 |
| Bibliografia..... | 119 |

*Talvez seja necessário considerar que o
nosso conhecimento do mundo é um
misto de rigor e poesia, de razão e de
paixão, de lógica e de mitologia.*
Michel Maffesoli

Introdução

A comunicação é parte indissociável de nosso dia-a-dia, de nossa vida. Nós nos comunicamos em nossas casas, nas ruas, avenidas e praças, nos mercados, nos estádios, nos shopping centers. Em todos os lugares nos envolvemos na teia da comunicação. Nela e com ela nos movemos, pois nos servimos de um sistema de signos convencionados, com que representamos a realidade.

A prática comunicativa circunscreve-se no domínio das trocas simbólicas, circulantes nas relações sociais, agregando poder aos que detêm as chaves dos seus códigos comunicacionais.

Como prática social, a comunicação implica saberes. Como saber, a comunicação é conhecimento social e histórico milenar. Mas, o conhecimento científico do fazer comunicativo só começa efetivamente a se constituir, a se configurar, no início do século XX, na esteira do desenvolvimento das ciências sociais, iniciado na segunda metade do século XIX.

O desenvolvimento das ciências sociais e, em especial, da Comunicação articula-se à busca de entendimento dos processos sociais em que se engolfavam as sociedades ocidentais com a ativação do processo mundial de urbanização, na fase de consolidação do capitalismo industrial e da sociedade de consumo. A aceleração dos estudos de comunicação reflete também o papel central ocupado pela ciência, cada vez mais responsável pelo progresso e planificação da vida social. (FRANÇA, 2001, p.53).

As mudanças sociais que ocorreram no bojo desses processos trouxeram consigo outras formas de sociabilidade que configuraram novos processos de socialização. A posição da mulher é um bom exemplo de como os processos de mudança social e cultural afetaram a vida social. Essa mudança de posição social da mulher criou, para elas e para os homens, o desafio de outras mudanças fundamentais, entre as quais a mudança de referências, a revisão de conceitos, para adaptação às transformações do nosso ambiente social, no que se refere às

relações de gênero. Os atores sociais foram instados a ressignificações, à criação e a internalização de novas formas e novos padrões de relações.

Nesse contexto de amplas e profundas mudanças, a comunicação, ao lado da família e da escola, tornou-se importante agente de socialização¹, desempenhando função relevante nos processos de transmissão e de produção da cultura, nos processos de construção da pessoa, na sua formação social, cultural, moral, psicológica e cognitiva.

Comunicação envolve tanto meios de veiculação, quanto produção, emissão e recepção de mensagens. Os meios de comunicação, e as mensagens do novo que veiculam, desempenham papel crucial nos processos de mudança cultural. Essas mudanças, todavia, não ocorrem num passe de mágica. Como em todo processo, elas envolvem avanços e recuos, saltos e quedas, ganhos e perdas, até adquirirem consistência, consolidando novas pautas culturais.

A mídia impressa, mesmo num país de suposta pouca leitura como o nosso, vem desempenhando a função de conformar e compartilhar significados e sentidos, discursos e narrativas. Os leitores habituais, de modo geral, tendem a se tornar formadores de opinião e, como tais, intermediários da cultura, no sentido que a história das mentalidades atribui a essa modalidade de agentes culturais². Como formadores de opinião, estendem e ampliam a ação sociabilizadora dos órgãos de comunicação social escrita. Nesse sentido, a imprensa se impõe como objeto relevante de pesquisa no campo da comunicação, configurando um corte temático de largo espectro a que se afiliam os estudos de revistas femininas.

Os estudos de revistas femininas ganharam visibilidade a partir da década de sessenta, na esteira dos estudos feministas.

¹ De acordo com Frederick Eldin (1968), socialização é o processo pelo qual o indivíduo aprende os modos de uma determinada sociedade ou grupo social, tornando-se membro desta sociedade ou grupo social.

² Michel Vovelle (1987) enfatiza a importância dos intermediários culturais, isto é, dos mediadores, ou “testemunhas privilegiadas”, personagens de processos de ruptura ou de instabilidade que podem nos trazer como contribuição sonhos, fantasmas, imaginários, idéias circulantes como elementos vividos da história desses processos.

Jacqueline Rios dos Santos (1996), em sua Dissertação de Mestrado sobre a revista feminina *Cláudia*, fez um oportuno inventário da produção dos estudos e pesquisas sobre jornalismo feminino, em que as revistas mereceram especial relevo. Tomando esse inventário como referência, considero pertinente ressaltar, ainda que de modo ligeiro e esquemático, alguns estudos emblemáticos de certo modo de abordagem de revistas femininas. Primeiramente, faço uma breve menção aos estudos inaugurais da francesa Sullerot e da brasileira Habert, em reconhecimento ao seu pioneirismo.

Evelyn Sullerot realizou uma pesquisa histórica cobrindo duzentos anos de jornalismo feminino na França. Segundo Santos (1992), Sullerot recortou a produção desses periódicos em dois planos normativos em relação aos deveres e aos direitos da mulher. Grosso modo, os periódicos orientavam a mulher sobre convenções e normas sociais, tendo como referência o mundo masculino; veiculavam um discurso orientado para discussão da igualdade do direito da mulher à educação, ao trabalho, à remuneração condigna, ao voto, ao divórcio.

No Brasil, o primeiro estudo foi realizado por Habert (1974), na década de setenta, tendo como objeto o universo das fotonovelas. Nesse estudo, procurou mostrar que as fotonovelas criam um mundo imaginário, induzem a leitora ao consumo de emoções, através da repetição evasiva e hipnótica. As revistas de fotonovela, segundo a autora, criam necessidades que impõem padrões de consumo, facilitando e estimulando a venda, aumentando o lucro.

Maria Cristina Bruschini e Fúlvia Rosemberg (1980), numa publicação que organizaram sobre vivência feminina, nos dão a ver que ao estudo de Habert, seguiram outras contribuições enfocando revistas femininas como *Cláudia*, *Carícia* e *Nova*.

Os estudos sobre revistas femininas da década de oitenta utilizaram o conceito de ideologia como suporte teórico central em suas análises sobre imagem da mulher e mensagens que elas veiculam.

Ainda nos anos oitenta, estudos de revistas femininas sob a ótica da linguagem, adotando uma abordagem semiótica, começaram a se disseminar a partir de trabalhos pioneiros realizados por Eni Orlandi. Na abordagem da linguagem como conflito social e como expressão de identidade, esses estudos continuaram a utilizar a concepção de ideologia como suporte teórico basilar.

O estudo de materiais impressos, como jornais e revistas, contribui para a produção de conhecimentos não só no campo da Comunicação, como também no campo da História, da Sociologia, da Antropologia, da Semiótica, da Psicologia.

As pesquisas empíricas de comunicação social focadas em mídia impressa, como nos diferentes campos da pesquisa social, têm privilegiado objetos e problemas de âmbito e interesse centrais. Objetos e problemas de âmbito regional e local têm pouca visibilidade e, via de regra, despertam pouco interesse.

Tendo presente o caráter plural de nossa sociedade, de nossa cultura, as nossas diferenças regionais e a necessidade de conhecimento e reconhecimento das nossas diversidades, torna-se imperativo o alargamento do âmbito das pesquisas, de modo a promover uma integração margem/centro, na perspectiva de melhor compreensão da sociedade e da cultura brasileiras. É nessa perspectiva que o estudo de uma revista feminina editada fora dos centros nacionais de produção e circulação ganha interesse e relevância.

Este trabalho propõe-se a fazer um estudo de uma revista feminina cuiabana que circulou na primeira metade do século XX. Essa revista feminina circulou de 1916 a 1950, veiculando acontecimentos, opiniões, representações por mais de três décadas, num rico período da vida social brasileira. O estudo desta revista reveste-se de duplo interesse, porquanto de um lado possibilita sintonizar as vozes femininas de Mato Grosso e ouvir suas falas sobre esse período de importantes mudanças políticas, econômicas, sociais, e culturais, bem como sobre a condição da mulher em movimento. De outro lado, este estudo pode

contribuir com a produção de um contraponto à visão dominante dos pólos centrais de difusão da cultura.

Na realização da pesquisa, procurei apoiar-me em Bounoux (1999), tomando como marco paradigmático o entendimento da comunicação como fenômeno profundamente imbricado à intersubjetividade, relação fundadora que possibilita a emergência do Sujeito no social, sujeito esse dotado de identidade.

Tomar a intersubjetividade como episteme³ de comunicação é investi-la de sentido fundador da relação instituinte entre sujeitos e comunidade. Essa episteme empresta sentido ao estudo de uma revista feminina, como mídia impressa capaz de comunicar a emergência do discurso feminino numa comunidade da margem, distante dos centros de produção de estímulos culturais da modernidade nacional.

A abordagem comunicacional da questão da modernidade numa revista feminina provinciana permite surpreender a constituição de um fluxo de comunicação alternativa à comunicação masculina dominante na província, possibilitando vislumbrar em que medida as protagonistas da revista se constituem como sujeito construindo sua identidade, ou meramente reproduzindo valores conservadores tradicionais, reforçando sua continuidade. Permite, ainda, analisar se, ao mesmo tempo em que seu discurso supostamente confronta a dominação masculina que impregna a feição local da sociedade tradicional mais ampla em que se insere, a revista defende a permanência de valores familiares e religiosos nos quais a secundização da mulher se enraíza.

Ao montarem a revista, suas protagonistas se envolveram com a esfera técnica da comunicação, um universo tradicionalmente masculino, e com a esfera semiótica de produção social de mensagens. As mulheres colaboradoras d'A *Violeta*, ao fazerem a revista, começaram a empreender um caminho de

³ Utilizo o termo episteme na acepção que lhe atribui Michel Foucault em *As palavras e as coisas* (1996). Para Foucault, formas específicas de discurso fornecem os conceitos básicos e limitados que fundamentam as ciências, nesse caso, a concepção epistemológica de intersubjetividade como interação entre diferentes sujeitos, constitutiva do sentido cultural da experiência humana de comunicação.

construção de si mesmas como sujeito, passando a agir sobre suas leitoras e seus leitores por meio da ação sógnica de suas produções? O estudo revela que conquanto abertas à sintonização de mudanças sociais e culturais em curso na sociedade como um todo, colocaram-se numa posição contraditória de mudança e resistência, sem assumir compromisso com rupturas ou mudanças radicais, o que as colocaria em rota de colisão com a expressão local da sociedade a que pertencem.

Desde a primeira leitura, tornou-se evidente que a revista *A Violeta*, enquanto revista feminina na imprensa cuiabana, essencialmente masculina, configurava-se como espaço de contradição, aberto a uma possível produção cultural contra-hegemônica da identidade feminina. Essa possibilidade não se realiza plenamente.

Ao fazer uma leitura preliminar da revista, prestando atenção nas matérias e nos conteúdos que veiculavam, foi possível identificar recorrências significativas. Decidi ocupar-me especialmente da 'Chronica' e dos Noticiários, por conectarem-se de forma mais direta com o cotidiano vivido pela editoras e colaboradoras da revista e com o meu interesse de pesquisa. Algumas seções como Perfil, Na Hora do *Footing*, Recreativa, De Tudo Para Todos e Álbum também foram pontualmente focadas nesse estudo, por darem a ver práticas educativas, lúdicas, recreativas, expressivas de interesses, preocupações, ou simplesmente diversões com que as mulheres se ocupavam ou em que investiam sua energia, sua força comunicativa. A literatura, os textos literários já haviam sido objeto de estudo da brilhante dissertação de mestrado de Yasmin Jamil Nadaf.

Procurei ancorar a análise e interpretação do processo comunicacional da revista na contribuição teórica de autores identificados com os Estudos Culturais, entre os quais Martin-Barbero, para quem comunicar não é somente fazer chegar uma informação. Epistemologicamente, a significação da mensagem não se confunde com o sentido do processo e das práticas comunicacionais. A comunicação abordada como processo interagente com a pluridimensionalidade do tempo histórico, remete à mediação da heterogeneidade de temporalidade. A

comunicação, abordada como processo interativo de sujeitos plurais, remete à mediação da fragmentação social e cultural.

O estudo de uma revista feminina da primeira metade do século XX, enquanto expressão de diversidade cultural, permite-nos fazer uma sutura entre memória, comunicação, questão de gênero e cultura, à medida que nos exige pensar, a partir de uma base empírica, a relação entre mídia impressa, sociedade e diversidade e, mais especificamente, entre a revista feminina investigada, diferença de gênero, sociedade e cultura local.

Por essa ótica, para trabalhar os materiais que a revista oferece, parti do entendimento de que a sociedade brasileira não tem um centro único, portanto, a hegemonia não parte de um único grupo dirigente. A vida cotidiana joga um papel fundamental na constituição do tecido social. No cotidiano de Cuiabá, as protagonistas da revista *A Violeta* ganham visibilidade. Na produção cotidiana de sentido da existência da revista, suas protagonistas estabelecem um processo de comunicação.

Tendo decidido que o lugar epistemológico de onde partia para a investigação da revista seria o da intersubjetividade, abordei a comunicação da revista como construção de subjetividades, analisando as convergências de conteúdos, as percussões expressivas dos interesses e preocupações circulantes na recepção. Procurei olhar o fundo da escrita da revista e ver além das aparências, apreendendo a fala das mulheres, e descobrindo o ambiente comunicacional de construção de sentidos de modernidade, de ser mulher, de identidade imputada e identidade conquistada, de sociabilidade feminina, de experiência de interação entre diferentes.

É indispensável registrar que a Dissertação de Mestrado de Sylvia Victorino Alves Corrêa (1991), intitulada *Mulher, trabalho e educação: diferença de gênero e magistério primário em Cuiabá (1889-1945)*; os livros *Por uma poética popular da Arquitetura* de Júlio De Lamonica Freire (1997) e *Sob o signo de uma flor* de Yasmin Jamil Nadaf (1993) foram de grande importância, em todas as fases de

meu trabalho. O livro de Yasmin Jamil Nadaf, sobretudo, foi de importância crucial, pois nele é possível encontrar um “Índice Geral” de assuntos e de colaboradores da revista, uma descrição dos seus elementos estruturais e dos seus conteúdos, num estudo da literatura escrita por mulheres para mulheres em Mato Grosso.

A Dissertação de Sylvia Victorino Alves Corrêa analisa o processo inclusivo da mulher no mercado de trabalho, no magistério primário em Cuiabá, na Primeira República e Estado Novo, pelo enfoque da diferença de gênero. O trabalho tem como fundamentos empíricos, além de documentos históricos, histórias de vida de seis professoras primárias, com idade entre 70 e 92 anos, que exerceram a docência na primeira metade do século XX.

Júlio De Lamonica Freire faz um estudo do processo de redesenho e reconstrução, pelos moradores, das casas padrão de um conjunto de habitação popular de Cuiabá, apreendendo elementos simbólicos da casa da infância nele operantes. Para dar suporte à análise e interpretação, faz uma descrição da evolução urbana de Cuiabá, desde sua fundação até a década de oitenta, e apresenta um rico levantamento do seu repertório arquitetônico, assunto de extrema importância no processo de modernização do país.

Esses autores, através desses estudos, ofereceram-me os fundamentos empíricos de suas explicações lítero-urbano-educacionais e culturais de aspectos significativos no cotidiano da vida cuiabana, na primeira metade do século XX, abrindo pistas valiosas que repercutiram na direção investigativa da revista *A Violeta*.

Apresento os resultados da pesquisa realizada em quatro capítulos, antecedidos da introdução e precedidos de algumas considerações finais que julguei pertinente registrar.

No primeiro capítulo, procuro dissertar sobre a orientação teórico-metodológica que utilizo na abordagem da revista e que se constituiu em referência de análise e interpretação dos processos comunicacionais que enseja.

No segundo capítulo, trato mais diretamente do *corpus*, focalizando a revista, descrevendo sua materialidade, tendo como ponto de partida as estruturas sociais de poder e o contexto histórico como vetores de compreensão da significação d'*A Violeta* como produção cultural feminina mato-grossense.

No terceiro capítulo, em conformidade com a orientação teórico-metodológica dos Estudos Culturais, procuro capturar os elementos significantes do contexto da revista, centrando-me nas relações de gênero, na primeira metade do século XX. O propósito é criar um horizonte contrastivo sobre o qual aspectos significativos d'*A Violeta* ganhem melhor visibilidade.

No quarto capítulo, examino alguns aspectos do discurso feminino que *A Violeta* veiculou, procurando apreender elementos de construção de identidade, de subjetividades de produção ou reprodução de sentidos da diferença. À guisa de conclusão, desentranho algumas aproximações e distanciamentos entre o nacional e o local, tirando implicações sobre gênero, modernidade e modernização em trânsito entre Rio de Janeiro (centro) e Cuiabá (margem), abrindo perspectivas a novos trabalhos de pesquisa a quem interessar possa.

Capítulo I – Balizamentos teórico-metodológicos

A revista feminina *A Violeta*, em forma de tablóide, foi lançada em Cuiabá, Mato Grosso, em 16 de dezembro de 1916 e circulou até 31 de março de 1950. De acordo com minucioso catálogo elaborado por Nadaf (1993, p.509-522), ao longo desse período a revista totalizou 347 números publicados. Levando em conta que alguns números apresentam numeração repetida, esse total pode passar de 350.

A revista foi criada pelo Grêmio Julia Lopes de Almeida tendo

por fim único e exclusivo o cultivo das letras femininas e patricias, abrindo as suas columnas a todas que conosco quiserem colaborar para o engrandecimento moral da nossa estremeçada terra” (A Violeta, nº 01, p.01).

A escolha do nome do grêmio já apontava uma dada direção ao seu órgão de comunicação, considerando as posturas assumidas pela escritora, de um feminismo ameno, mas inovador à época. Julia Lopes de Almeida não confrontava as regras estabelecidas, mas procurava delas se servir para ancorar o argumento da autonomia da mulher, como requisito necessário ao desenvolvimento da própria sociedade.

Tal qual sua patrona, as editoras e colaboradoras d’*A Violeta* abraçaram uma postura não aquiescente à secundização feminina, lutando por meio da escrita pela subjetividade da mulher como agente de mudança social.

As mulheres que criaram e produziram *A Violeta* construíram sua subjetividade num período histórico marcado por contradições, rupturas e deslocamentos.

Na primeira metade do século XX, período de circulação da revista, Mato Grosso – e mais especificamente Cuiabá – encontravam-se imersos nas lutas políticas das oligarquias que se pretendiam focadas nos esforço contra a estagnação econômica em que o estado se engolfava, após o florescente surto de exportação do final do século XIX e dos primeiros anos do novo século. Nesse entremeio, observando a fisionomia urbana de Cuiabá, a partir da descrição bem

fundamentada com que Júlio De Lamônica Freire (1997) nos brinda, pode-se perceber a cidade de Cuiabá em movimento, equilibrando-se entre o atraso obscurantista, o desejo e o esforço de modernização.

A cidade de Cuiabá se modernizava, mas a estrutura econômica e a ordem social tradicional resistiram. A modernização tecnológica das usinas no breve surto açucareiro trouxe mudanças à fisionomia urbana de Cuiabá, mas não acarretou a modernização das forças produtivas regionais.

No curso das mudanças histórico-sociais que marcaram a época da circulação da revista (Capítulo IV), a modernidade chegava pontualmente, de modo fragmentado, sem ensejar desenvolvimento econômico-político-social, sem promover transformação das estruturas do capitalismo tradicional.

Nesse contexto marcado pelo contraditório entre a modernização – que chegava na proa dos vapores que subiam e desciam o rio Paraguai e o rio Cuiabá, garantindo um fluxo periódico de comunicação entre o Rio de Janeiro e Cuiabá – e a forte persistência da força oligárquica do poder local, mantenedora de conceitos, práticas e formas culturais cristalizadas, o estudo da revista e das suas circunstâncias exigiu como exercício investigativo a procura de um aporte teórico-metodológico multireferenciado, para responder à necessidade de percussão na interface comunicativa da revista com seu espaço e seu tempo, para melhor compreensão da relação cultura-comunicação que nela e com ela se processava.

A perspectiva dos Estudos Culturais abriu-se como importante orientação teórico-metodológica para a compreensão de como as estruturas de desigualdade e opressão funcionavam na sociabilidade local, a partir de formas cristalizadas de expressão de desigualdade, incrustadas no discurso social.

Ao abordar a fala dos sujeitos que emitiam um conjunto de opiniões veiculadas na mídia impressa mato-grossense do início do século XX, tornou-se possível trabalhar com o dito e o não dito, o indiciado, procurando examinar seus vínculos

com as experiências que editoras e colaboradoras d' *A Violeta* mantinham com o meio social em que viviam.

Por que Estudos Culturais?

A expressão Estudos Culturais abarca um vasto e diversificado empreendimento investigativo, preocupado em desconstruir metanarrativas de exclusão, dando abertura a uma política cultural contra-hegemônica. Nesse amplo projeto investigativo, Gramsci constituiu-se como autor primordial de referência.

A contribuição de Antonio Gramsci é, aqui, fundamental, pois mostra como a mudança pode ser construída dentro do sistema. A teoria da hegemonia gramsciana pressupõe a conquista do consentimento. O movimento de construção da direção política da sociedade pressupõe complexas interações e empréstimos entre as culturas populares e a cultura hegemônica.

Com isto, o que se quer dizer é que não existe um confronto bipolar e rígido entre as diferentes culturas. Na prática, o que acontece é um sutil jogo de intercâmbios entre elas. Elas não são vistas como exteriores entre si, mas comportando cruzamentos, transações, interseções. (ESCOSTEGUY, 1999, p.147).

Os Estudos Culturais concentram-se num campo emergente de estudos que têm como característica a recursividade entre saberes. Eles não se constituem numa nova disciplina. Constituem uma área transdisciplinar em que as disciplinas, uma vez inter-relacionadas, contribuem para uma abordagem mais abrangente de aspectos que afetam a vida pessoal e social, aspectos relativos a gênero e sexualidade, nacionalidade e identidade, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnia, cultura popular e seus públicos, ciência e ecologia, política de identidade, pedagogia, política de estética, instituições culturais, política de disciplinaridade, discurso e textualidade, história e cultura na era pós-moderna, buscando descobrir as regulações que sustentam suas formas.

Os Estudos Culturais se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para um projeto específico de investigação produzir conhecimento. Não há como esperar uma definição linear, pois como dizia Stuart Hall, os Estudos Culturais

não são uma coisa, não tratam de uma coisa, de um objeto delimitado. Eles tratam de muitas questões.

De acordo com Johnson (1999), existem três matrizes básicas de investigação em Estudos culturais: estudos baseados na produção, no texto e nas culturas vividas.

Os estudos baseados na produção implicam uma luta para controlar ou transformar os mais poderosos meios de produção cultural ou para desenvolver meios alternativos pelos quais estratégias contra-hegemônicas poderiam ser buscadas. Esses discursos são, em geral, dirigidos a reformadores institucionais ou a partidos políticos de esquerda. Os estudos baseados no texto, ao se focalizarem nas formas dos produtos culturais, têm em geral, se preocupado com as possibilidades de uma prática cultural transformativa. Eles têm se dirigido, mais freqüentemente, aos praticantes de vanguarda, aos críticos e aos professores. Essas abordagens têm atraído, especialmente, educadores profissionais em faculdades ou escolas, porque os conhecimentos apropriados à prática crítica têm sido adaptados (não sem problemas) a um conhecimento apropriado a leitores críticos.

Finalmente, a pesquisa das culturas vividas tem estado estreitamente associada com uma política da "representação", apoiando as formas vividas dos grupos sociais subordinados e criticando as formas públicas dominantes à luz de sabedorias ocultas. Este trabalho pode, inclusive, aspirar a contribuir para tornar hegemônicas culturas que são comumente privatizadas, estigmatizadas ou silenciadas. (JOHNSON, 1999, p.104-105).

A essa matriz se vincularam novas frentes de estudo, preocupadas com as problemáticas dos movimentos sociais, com as representações da mulher e com a ideologia da feminilidade.

Essa nova vertente de estudos pretendia oferecer uma alternativa crítica de pesquisa dos meios de comunicação de massa, focada nos atores e em suas inter-relações dentro do processo de comunicação.

A linha de pesquisa sobre as representações de gênero, classe e grupos étnicos ganhou força dentro dos Estudos Culturais, associada à vertente dos estudos de recepção.

A corrente de estudos que, nos Estudos Culturais, encaminhou-se rumo à questão da dialogicidade entre texto e leitor, abordando a recepção em seu contexto histórico, enfatizando o poder da cultura no universo dos meios de comunicação, foi fortemente influenciada pela noção de cultura do antropólogo americano Clifford Geertz (nascido em 1926), que a entende como um complexo emaranhado de significações tecido nas inter-relações e que empresta sentido aos comportamentos e atitudes individuais e coletivas, no âmbito de um determinado grupo social. Para Geertz, a melhor maneira de apreender esses sentidos e interpretá-los se dá através da 'descrição densa' da vida e das ações sociais que nela têm lugar, descartando qualquer possibilidade de visão totalitária dos sentidos, enfatizando o caráter fragmentário, particular – mas não dissociado do todo e do contexto – da interpretação das culturas.

A extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas e suas implicações na rígida divisão entre níveis culturais distintos – propiciou considerar em foco toda produção de sentido. E, ao enfatizar a noção de cultura como prática, se dá relevo ao sentido de ação, de agência na cultura.

No momento em que os Estudos Culturais prestam atenção a formas de expressão culturais não-tradicionais se descentra a legitimidade cultural. Em consequência, a cultura popular alcança legitimidade, transformando-se num lugar de atividade crítica e de intervenção (ESCOSTEGUY, 2001, p.157).

O marco teórico dos Estudos Culturais conquanto ancorado no marxismo, pretende-se multireferenciado, enraizando-se na matriz filosófico-política gramsciana, na fenomenologia, na etnometodologia, e no interacionismo simbólico.

(...) os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos (...) os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais. (RICHARD JOHNSON, 1999, p.25).

Valorizando as práticas vividas, esses estudos põem em foco a produção de sentidos.

O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder), e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o

deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas. (ESCOSTEGUY, 1999, p.143).

Sob a égide desse marco, as pesquisas focalizam a questão da mulher associada às diferenças culturais, ao poder e à história, favorecendo, de certa forma, a possibilidade de debate e de diálogo sobre a qualidade de vida pública democrática e, ainda, sobre a criação de um espaço para compreensão e análise crítica de múltiplas histórias, experiências e culturas.

Gênero e sexualidade, discurso e textualidade são temáticas que ganharam relevância no desenvolvimento dos Estudos Culturais. As pesquisas sobre a questão da mulher assumiram o propósito de produção de conhecimento novo no sentido de contribuir com o desenvolvimento da cidadania, fornecendo novos elementos ao aperfeiçoamento de políticas da diferença articuladas ao pluralismo, ao direito à diferença.

Empreendimentos investigativos da questão feminina associados aos estudo do cotidiano põem ênfase na comunicação lingüística e no poder, especialmente quando os sujeitos utilizam a comunicação para expressar formas de autoridade. O estudo da comunicação ganha relevância principalmente no esforço de compreensão de como as estruturas de desigualdade e opressão funcionam.

Destarte, considera-se a perspectiva dos Estudos Culturais de fundamental importância na abordagem das questões relacionadas a revistas femininas o que me motivou a adotá-la especificamente, na abordagem da revista *A Violeta*.

Dois motivos me levaram a assumir essa perspectiva: primeiro, porque as mulheres que fizeram uma revista feminina em Cuiabá, na primeira metade do século XX, ao se expressarem, assumiram uma posição contestatória, ainda que bem comportada, ao refletirem publicamente sobre sua condição social, num contexto conservador, eminentemente dominado por homens; segundo porque, ao se atribuírem o papel de intelectual público, atuante na imprensa, conferiram materialidade à sua subjetividade cidadã, ao lutarem pela inserção da mulher no mundo do trabalho, na vida política, no espaço público.

A escolha dessa orientação levou em conta que uma das características marcantes dos Estudos Culturais é a interdisciplinaridade. O pesquisador aproveita-se da contribuição de diferentes disciplinas para produzir o conhecimento de seu objeto particular. Outra característica importante é o empenho no exame das práticas culturais no interior das relações de poder.

De acordo com Nelson, Theichler e Grossberg (1992), os Estudos Culturais são

tipicamente interpretativos e avaliativos em suas metodologias, mas diferentemente do humanismo tradicional, eles rejeitam a equação exclusiva de cultura com alta cultura e argumentam que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas em relação a outras práticas culturais e às estruturas sociais e históricas. (p. 13)

Este trabalho parte desta postulação, tomando como referência Martin-Barbero (2003) que em suas pesquisas tem se alinhado ao projeto investigativo de recuperação da cultura e da história das classes populares.

As editoras e colaboradoras da revista *A Violeta* não pertenciam às classes populares, pertenciam à elite cuiabana, mas integravam uma fração subordinada dessa elite.

Sob esse foco, Barbero tem muito a oferecer, pois sua contribuição aos estudos de Comunicação permite aos pesquisadores desse campo de conhecimento enveredarem por uma fecunda via investigativa das tradições progressistas na nossa história intelectual, tanto as do centro quanto as da margem, tanto aquelas que tiveram objetivos políticos claros quanto aquelas que os tiveram implícitos, como a revista *A Violeta*.

O estudo da revista feminina *A Violeta* ajuda na compreensão do tímido processo de mudança de mentalidade em Cuiabá, emergente no contraditório entre práticas comunicativas que atualizavam a mentalidade conservadora do lugar secundizado – reservado à mulher – e as novas práticas de sua inclusão democrática em

construção, repercutindo o movimento feminista em curso na sociedade brasileira, sob o influxo dos movimentos feministas internacionais.

Algumas questões serviram de ponto de partida para a realização da pesquisa: o que teria levado a sociedade cuiabana a abrir espaço para uma revista feminina? Como a sociedade representava a relação mulher-imprensa? A revista feminina seria uma conseqüência “natural” de uma sociedade que se modernizava e, portanto, abria às mulheres a possibilidade de participação na esfera da comunicação social? O que as colaboradoras de *A Violeta* falavam? Como lidaram com os mecanismos de pressão sobre a mulher em relação à manutenção/superação de sua posição social secundizada?

A investigação foi conduzida no sentido de buscar nas páginas da própria revista as respostas para essas questões, em conexão com o seu contexto socio-histórico e cultural.

Amarrações metodológicas

Todo trabalho de investigação envolve uma relação recursiva entre teoria, método e dados, que se estabelece a partir de um conjunto de decisões que o pesquisador vai tomando, desde a definição do objeto e formulação do problema sob cuja angulação se propõe à produção de conhecimento, até a análise e interpretação dos dados e elaboração do relatório de pesquisa.

A construção do objeto de pesquisa é, ela mesma, uma construção teórica.

Ao problematizar o objeto, o pesquisador já se situa em um dado lugar epistemológico que, de alguma maneira, orienta-se em direção a certos referenciais teóricos que postulam certos procedimentos, certas posturas e certas estratégias metodológicas.

Os procedimentos, posturas e estratégias escolhidos, no arco de possibilidades, de combinações entre teoria e método, engendram um campo de visão, sob o qual se apreende o objeto, sob o enfoque da definição do problema anteriormente elaborada.

O lugar epistemológico de onde partiria para a investigação da revista *A Violeta* era o da intersubjetividade. Isso decidido, meu propósito de pesquisa configurou-se como sendo o de investigar a comunicação da revista como construção de subjetividades, através da convergência de conteúdos, mas também, de percussões expressivas de interesses e preocupações circulantes na recepção, fertilizando um ambiente comunicacional de construção de sentidos, no caso em exame, de sentido de modernidade.

A ruptura epistemológica entre esse objeto construído e o objeto concreto revista em exame é a leitura, análise e interpretação articuladas a um suporte teórico de referência, que possibilita olhar o fundo da escrita e ver além das aparências, descobrindo, desvendando, descortinando a fala.

“... a palavra escrita é o conteúdo da imprensa” e “o conteúdo da escrita é a fala” (McLUHAN, 1999, p.22).

A fala é um fenômeno de comunicação, a comunicação um fenômeno relacional. A revista é encarada como suporte de manifestação de processos de pensamento, de opiniões, de pontos de vista em confronto, em confluência. Apresenta um mosaico do cotidiano vivido, imagens da sociedade local e nacional. Leitoras e leitores da revista se envolvem na criação de significados no fluxo relacional que se estabelece entre margem e centro.

O recorte do objeto, como consoante à pesquisa de periódicos, requer uma decisão sobre o *corpus* a ser trabalhado.

O *corpus* é uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar.

Por um lado, o *corpus* deve ser bastante amplo para que se possa razoavelmente esperar que seus elementos saturam um sistema completo de semelhanças e diferenças (...) Por outro lado, o *corpus* deve ser o mais homogêneo possível. (BARTHES, 1993, p.104-105)

O *corpus* de pesquisa desta dissertação de mestrado compreende a coleção de números catalogados da revista *A Violeta* pela pesquisadora Yasmin Nadaf e reunida numa exaustiva pesquisa documental, realizada em arquivos e bibliotecas locais e nacionais, em acervos particulares e no acervo do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da Universidade Federal de Mato Grosso, cujos exemplares da revista são microfilmados. Yasmin disponibilizou-me essa coleção em cópia xérox, obtida ao longo de muitos anos de levantamento de fontes que realizou.

Inicialmente, fiz uma leitura completa dos primeiros 25 números da revista que correspondem ao seu primeiro ano de publicação e funcionamento. Em seguida, procurei captar a fala das escritoras, identificando e recortando trechos em que elas expressavam pontos de vista; em que informavam às leitoras; em que anotavam ou destacavam fatos e acontecimentos, tendo presente que se o fizeram é porque os consideraram importantes (fosse sob a ótica do interesse e apreciação da recepção, fosse sob a ótica da própria escritora).

Durante o processo de leitura, procurei ter sempre presente que as editoras e colaboradoras d'*A Violeta* estavam construindo e reconstruindo sua identidade social por meio de suas produções escritas. Conseqüentemente, ao examinar o que escreveram, poderia construir, como leitor, melhor entendimento da inserção da mulher na sociedade cuiabana, uma vez que os processos sociais formam e são formados por atores sociais.

Na análise dos textos, levei em conta que a revista reflete os contextos socioculturais específicos nos quais suas editoras e colaboradoras viveram e atuaram. Os textos que escreveram e publicaram exibem fragmentos de identidade que foram tomando forma nos diferentes números da revista. A natureza multifacetada da identidade feminina, carregada de traços de outras

identidades que as autoras portavam, combinando-se numa identidade compósita, permeava seus escritos. As mulheres que produziram *A Violeta* eram moças casadoiras, esposas; seguiam uma religião, trabalhavam, tinham posições femininas avançadas no tempo e no espaço em que viviam. Tornaram-se escritoras e jornalistas na interseção dessas diferentes identidades.

A identidade feminina era social e culturalmente cercada de idéias, de mitos, reforçando aspectos positivos e negativos dessa feminilidade.

Fazendo uma leitura atenta da revista, foi possível perceber dobras no discurso encerrando esses aspectos e, à medida que me empenhei em escavar essas dobras, procurei captar os sentidos que guardavam ou escondiam. Para isso, muitas releituras foram feitas com o intuito de perscrutar o fundo dessas dobras.

Situando a revista no seu espaço-tempo, pude apreender melhor sua ressignificação enquanto produção cultural. Da fonte da fala contida nas páginas da revista, brotaram os sentidos do feminino que buscavam construir.

No contraste com o horizonte histórico perfilado no espaço e no tempo, certas relações, certos acontecimentos, certas ações, certos chistes, certos comentários, certas notícias, certas afirmações, certos argumentos ganham relevo, ganham colorido, ganham dada importância semântica. Partindo, portanto, do campo visível da palavra escrita, através e pela leitura, o leitor vai se deslocando para o campo simbólico, preche de significados.

Conforme Bogdam adverte:

Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelos processos do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Como é que as pessoas negociam os significados? Como é que começaram a utilizar certos termos e rótulos? Como é que determinadas noções começaram a fazer parte daquilo que consideram ser o “senso comum”? (BOGDAM, 1994, p.4a)

Seguindo a direção que essas perguntas apontam, esforcei-me em perceber como as editoras e colaboradoras da revista negociavam – no que escreveram –

significados do feminino e do feminismo; como utilizavam termos, expressões, metáforas relativas à condição feminina; como, pela interação de temas e de falas, circulavam certas notícias feministas, tornando-as familiares, vestindo-as de “senso comum”.

Lendo e relendo, fui ao encontro dessas mulheres, ouvindo suas vozes, mergulhando no seu cotidiano, no cotidiano da cidade que me apresentavam nas “Chronicas”, nas seções Perfil, Na Hora do *Footing*, Recreativa, De Tudo Para Todos e Álbum, principalmente nos Noticiários. No porto, gente que partia, gente que chegava; nas casas, comemorações, nos espaços da cidade, festas, acontecimentos vários.

Ao escreverem sobre as diversas dimensões da vida social, as editoras e colaboradoras negociavam significados com as leitoras / leitores. Do ponto de vista interacional e discursivo, a reiteração de certos temas, de certas colocações, de certos argumentos, indicam uma negociação entre sujeitos da comunicação.

O fazer a revista não era visto tão somente como ofício, como profissionalismo na imprensa escrita. Era mais que isso. Era visto pelas mulheres que a faziam como protagonismo e é sob essa ótica que este trabalho o aborda.

Foi nessa perspectiva que procedi ao levantamento de falas, procurando agrupá-las de acordo com o assunto em foco. Esse agrupamento permitiu a visualização de recorrências que apontavam focos de produção de sentido no discurso da revista. Esse procedimento técnico-metodológico permitiu a constituição da base de dados que garantiu fundamentos empíricos à análise e à interpretação de aspectos importantes da relação comunicativa revista / contexto cultural, aspectos da recursividade cultura / revista / subjetividade feminina, aspectos da questão do feminino que a revista inscreve, aspectos da modernidade que a revista percute.

Permitiu, ainda, à guisa de conclusão, prospectar aproximações e distanciamentos entre o regional e o nacional, no concernente às cintilações da modernidade.

A técnica de coleta de dados usada foi, inicialmente, a de agrupamento de conteúdos em torno das idéias que expressam. Em seguida, procurei investigar se os conteúdos ideativos estabeleciam alguma relação com a modernidade, anotando o que indicava essa relação e que sentido esse índice apontava, tomando como referência signos da modernidade recolhidos na leitura de obras basilares de Hobsbawm (1995), Tourraine (2002), Bauman (2003), Ortiz (1993) e Canclini (2000).

A metodologia de pesquisa, segundo Lopes (2001), implica um conjunto de decisões e opções tomadas ao longo da pesquisa, num exercício de crítica metodológica.

Este trabalho, como já colocado anteriormente, se inclui no esforço de pesquisa em Comunicação que, sob influência gramsciana, privilegia a idéia de consumo como espaço de produção de sentido.

O conceito de sociedade/cultura de consumo é uma ferramenta auxiliar importante na abordagem do estilo de vida que a revista deixa entrever, através de fatos, acontecimentos e comentários que suscitam. E, ao conceito de sociedade de consumo, convém associar o conceito de sociedade da imagem, conotando a valorização da aparência, da cópia, do efêmero.

No processo de análise dos dados, privilegiei as seções denominadas “Chronicas” e “Noticiários”, procurando mostrar como estão em jogo, nos comentários, nos pontos de vista, nas notícias de chegadas e partidas, de acontecimentos em pauta, múltiplas questões relacionadas às formas pelas quais os sentidos de urbanidade e modernidade são mutuamente produzidos.

Através de conteúdos veiculados nessas seções, mas não somente nelas, tornou-se-me possível analisar a revista na sua relação com a produção de subjetividade dessa mulher que se dá a ver moderna na cultura local. A discussão acerca das questões de gênero serviu de suporte à lente com que procurei des-cobrir, nos

escritos das moças do Grêmio Júlia Lopes, a tensão propulsora de sua subjetividade feminina.

Por outro lado, possibilitou-me perceber que a revista, ao suplantar a produção de suas escritoras, serviu de sustentação midiática ao consumo das leitoras, inter-relacionando emissor e receptor no âmbito da construção de sentidos e significados.

Como todo o *corpus* da revista foi objeto de pesquisa de Yasmin Nadaf, tomei a decisão metodológica de utilizar o índice geral de assuntos que ela oferece ao leitor, como guia seletivo de leitura, a partir do número 26.

Atendendo a seus propósitos investigativos, Yasmin classificou os conteúdos da revista em 25 seções, informando os conteúdos de cada uma delas de acordo com a seguinte sistemática de exposição: dados de autoria, dados de publicação (título, número e página em que foi publicada), dados do conteúdo (descrição sumária do que trata).

Utilizando esse índice pude identificar matérias cujos conteúdos se inscreviam no domínio do meu foco de interesse e localizá-las, o que me permitiu ampliar o espectro, fazendo uma leitura seletiva, agora orientada pelos eixos de construção de sentidos identificados na leitura e análise de conteúdos dos primeiros 25 números da revista.

A leitura e análise das matérias assim selecionadas permitiram-me, metodologicamente, fazer a revisão crítica dos componentes da construção do sentido de modernidade que a revista constrói em seu primeiro ciclo anual que abrange de dezembro de 1916 a dezembro de 1917.

Por último, esforcei-me em proceder à análise e interpretação dos sentidos da modernidade que a revista circula sob o enfoque das intersubjetividades que desvelam.

Capítulo II – A Violeta e seu entorno



Arranjo ilustrativo de capas da revista *A Violeta* (em sentido horário: s/d, s/d, maio de 1937 e dezembro de 1917)

Para apresentar a revista, entendo ser pertinente uma aproximação com seu entorno. *A Violeta* nasceu e vicejou num ambiente hostil, gestada, porém, numa agremiação de mulheres que dela cuidou com atenção e desvelo, contando, também, com a condescendência da elite local a que suas editoras e colaboradoras pertenciam.

Nesse entorno, destaca-se a imprensa masculina como instituição circundante, por constituir um horizonte semântico em que o lançamento da revista ganha relevância e sentido.

1. A imprensa masculina de Mato Grosso

Na sua *Breve Memória sobre a Imprensa em Mato Grosso*, o historiador Estevão de Mendonça (1975) fornece indícios de que, no estado, a imprensa tem uma longa tradição, que vem desde o período colonial. Uma característica dominante na imprensa mato-grossense tem sido sua subsunção aos interesses políticos, ao longo de sua história.

Todavia, o atrelamento a grupos oligárquicos rivais exacerbou-se nos primórdios da República em Mato Grosso, estendendo-se pelas décadas subseqüentes.

Nas primeiras décadas do século XX, além da **Gazeta Oficial**, circulava em Cuiabá uma dezena de órgãos de comunicação impressa:

- **A Capital** – órgão livre, 1925;
- **O Comércio** – 1919;
- **A Cruz** – órgão da Liga Católica Brasileira de Mato Grosso, 1910;
- **O Democrata** – órgão do Partido Democrata de Mato Grosso, 1926;
- **O Ferrão** – Folha independente, 1926;
- **A Luz** – órgão independente, 1924;
- **O Mato Grosso** – órgão democrata dedicado aos interesses do povo, 1889;
- **Pró-Família** – órgão do Círculo Domingos Sávio;

- **A Reação** – órgão do Partido Republicano de Mato Grosso, 1902;
- **A Semana** – órgão independente, 1926.

Esses jornais desempenharam ações socializadoras de gerações, reforçando pautas culturais, guias padronizados acerca daquilo que se elegia como adequado e desejável na construção social das pessoas e de suas identidades sociais, compondo um plano de clivagem de comportamentos de conformidade com a ordem vigente.

Os jornais da época dão a ver ações de socialização orientadas em direção a diferentes focos de significação do ser mulher, sua identidade biológica, sua identidade psíquica, sua identidade social e cultural.

A palavra ‘foco’ acima utilizada tem seu fulcro semântico assentado no ponto de convergência ou de afastamento dos raios de um feixe de luz. Quando falo em foco direcional da ação socializadora dos jornais, estou tomando o espaço social cuiabano como ponto de convergência ou de afastamento de modos de ver a mulher. Utilizo a palavra sinalizando uma metáfora situacional da socialização feminina, para além da visão estática de lugar, propondo apreender o lugar em processo, impregnando o sentido de convergência e de afastamento, o sentido de divergência, de movimento, de luz, de iluminação.

Intento, com isso, apreender alguns aspectos dinamizadores do processo de socialização que a imprensa cuiabana desenvolvia, como processo de aquisição da cultura masculina, com a finalidade de entender o duplo movimento de produção e apreensão de significações do feminino. Antes de trabalhar os focos de significação do ser mulher que a imprensa convergia e que entendo mais relevantes, convém ressaltar o significado antropológico de socialização, que remete à internalização da cultura.

O sentido antropológico de socialização nos remete a símbolos, significados e significações. A socialização como processo cultural implica um ir-e-vir ao domínio do simbólico. Na perspectiva semiológica, símbolo pode ser um objeto

que apresenta outro de forma análoga, pode ser um sinal convencionado, através do qual se designa um objeto no sentido amplo de tudo aquilo que pode ser percebido, pensado, representado.

O símbolo é, na perspectiva semiótica, algo a que se atribui valor ou significado por aqueles que o utilizam na sua interação. O símbolo tem imensas possibilidades de materialidade: pode ser uma forma, uma cor, um cheiro, um movimento, um som, um sabor, um gesto, uma palavra, um objeto. É mediante o símbolo que atribuímos sentido; é com eles – portanto - que significamos.

O símbolo verbal, a palavra (falada e escrita) é o símbolo dominante na socialização. Com a palavra, os homens da imprensa cuiabana elaboravam o universo invisível e intangível das idéias, das crenças sobre o que e como a mulher devia ser, transpondo essa idealização para o real, tornando-a comunicável. Os indivíduos (homens e mulheres), no processo de socialização, entram em comunicação com o social por meio dos símbolos. Os símbolos são socialmente construídos e têm caráter público. A imprensa, na sua ação socializadora, mediava a comunicação social do feminino por meio de símbolos estimulantes da subordinação aquiescente.

Significado é a referência, o contexto, o que se pensa de algo e tem conteúdo de apreciação. Significação implica ação sígnica, ou seja, ação de significar, de atribuir significado.

A socialização só é possível com e por meio da comunicação simbólica. Diz respeito a processos com que, pela comunicação simbólica, se procede à transmissão e assimilação de padrões de comportamento, normas, valores e crenças; ao desenvolvimento de atitudes e sentimentos coletivos.

Em Cuiabá, a mentalidade dominante sobre a condição da mulher pode ser pinçada nos jornais que aí circulavam na Primeira República, cujos sujeitos da comunicação simbólica eram exclusivamente homens. O que eles diziam sobre a

mulher, e para elas, tinha o propósito de balizamento, de direcionamento, tinha o intuito de regulação.

Entre os periódicos que circulavam, havia jornais que se diziam independentes, jornais de partidos políticos, jornais da igreja católica. Em conjunto, abarcavam interesses de diferentes matizes e cobriam um largo espectro social. Aquilo em que apresentavam uma visão convergente evidenciava comunhão de idéias consolidadas numa mentalidade masculina, num conteúdo impessoal do pensamento da época sobre a mulher.

(A mentalidade) integra o que não está formulado, o que permanece aparentemente como “não significante”, o que se conserva muito encoberto, ao nível das motivações inconscientes (VOVELLE, 1987 p.19).

A ótica geral da imprensa cuiabana, sobre o que a mulher devia ser e como a mulher devia se portar, era referida nas oposições das seguintes esferas: doméstico/público, natureza/cultura, permitido/interdito.

Os jornais da época ressaltavam a domesticidade e a docilidade do caráter feminino. Reforçavam valores relacionados à obediência, à dedicação, à submissão. Louvavam a filha obediente, a esposa carinhosa e submissa, a mãe dedicada, a dona de casa prezada e pressurosa. Criticavam a frivolidade, a vaidade, a emancipação feminina.

Um dos estereótipos vinculados à natureza, diz respeito a uma suposta inferioridade mental da mulher. *A Semana* circulou em suas páginas uma crônica em que o autor fez uma tradução livre de uma história que, segundo ele, teria lido em uma revista francesa. A crônica referia-se à nova moda feminina de uso de cabelos curtos, a *la garçone*.

(...) se por ironia do acaso as mulheres, a força de cortar os cabelos começarem a ter idéias, como será possível tolerá-las de cabelos curtos e idéias longas?

Aí, então, para que elas fiquem sempre interessantes, e se tornem eternamente coquetes, ensinar-lhe-emos também a cortar as idéias. (*A Semana*, 07-11-1926 p.2).

Os dois excertos acima permitem pinçar um discurso latente revelador, por um lado, de um contraditório e, por outro, um deslize semântico do olhar do autor. No primeiro, o cronista intenta – através de um comentário que se pretende jocoso – reafirmar a inferioridade feminina ao comentar que “a força de cortar os cabelos”, à época uma prática masculina, as mulheres poderiam começar a ter idéias. Atribuindo superioridade aos homens, reforçava esse poder ao indagar se seria possível tolerá-las com “idéias longas”.

É interessante observar a associação que o cronista faz entre uma suposta superioridade da mente do homem ao uso dos cabelos curtos. No segundo excerto, todavia, o cronista deixa aflorar certa agressividade e violência. No dito “para que elas fiquem sempre interessantes” esconde-se o não-dito que o uso de cabelos longos tornava a mulher atraente; no dito “ensinar-lhe-emos também a cortar as idéias” escondia-se o não-dito acerca da secundização da mulher; no dito para que “se tornem eternamente coquetes” insinua-se o não-dito que as mulheres eram pouco inteligentes e que sua função, costumeiramente, era cuidar da aparência para agradar aos homens e assim deveriam permanecer. Vale ainda ressaltar que o campo semântico do termo coquete abarca os sentidos de volubilidade e inconstância.

Esses excertos dão a ver, também, o controle social que os homens exerciam sobre as mulheres. Controle, aliás, que se estendia aos movimentos da mulher nas diferentes esferas da vida social.

No concernente ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, por exemplo, a imprensa apresenta duas posições convergentes: uma posição concessiva, tratando o fato das primeiras nomeações de mulheres para o Serviço Público como curiosidade; uma posição obscurantista de oposição intransigente.

(...) as mulheres, assim, direta ou indiretamente vão prejudicando tantos rapazes habilitados que muitas vezes deixam de se inscrever num concurso porque as mulheres já tomaram as suas dianteiras, aparelhadas de pistolões, lágrimas e risos para vencerem a luta. (*A mulher funcionária*. in O Ferrão, 26.01.1928 p.2).

O trecho acima constrói significados de inferioridade da mulher e atualiza regulações do trabalho feminino. De modo claro, *O Ferrão* afirma que a mulher não tem competência para exercer cargo ou função pública; que o serviço público é área reservada ao sexo masculino; que o ingresso da mulher é mediado pelo apadrinhamento, pela exploração de sua suposta fragilidade; que a iniciativa das mulheres em se candidatarem a concursos públicos inibe os homens; que a entrada das mulheres no setor público prejudica os homens e é indevida.

Em outra matéria, esse mesmo jornal regula o inevitável ingresso da mulher no mundo do trabalho, pela restrição:

(...) as senhoras devem ter como limite de acesso, um cargo equivalente ao de amanuense, isto é, nem chefe e nem subalterno. Podem, porém, as moças fazer concorrência com vantagens sobre os rapazes para os lugares de datilógrafa, pois é uma profissão decente, moderna, delicada e muito adaptável ao belo sexo. (*O Ferrão*, 09-02-1928 p.1).

O jornal passa a idéia de que as posições de chefia, por envolverem exercício de poder, deveriam ser interditas às mulheres a quem socialmente se reservariam posições subalternas. Por extensão, reforça a superioridade masculina e a inferioridade feminina.

O lugar da mulher, de acordo com esse mesmo jornal, circunscreve-se ao “recinto do lar, que sempre foi e há de ser sempre o seu reinado, o seu império, a sua verdadeira repartição” (*O Ferrão*, 09-02-1928 p.1).

O espaço da mulher está circunscrito ao domínio privado, ao doméstico, ao lar. A esfera pública, portanto, é primado exclusivo e de direito dos homens.

Duas moças foram aprovadas em concurso público, como escriturárias do Ministério da Fazenda. Um jornal noticia o fato numa matéria cujo título “Eva no Ministério”, de certo modo indicia um sentido de pecado associado ao ingresso da mulher no serviço público. No corpo da matéria, porém, o jornal dá um tratamento

mais ameno ao acontecimento, registrando que “a mulher acaba de inaugurar uma nova era no feminismo indígena”.

Essa amenidade, entretanto, é carregada de ironia, ao referir “uma nova era no feminismo indígena”. O qualificado indígena atribuído ao feminismo permite fazer um corte estratigráfico que expõe pelo menos duas camadas de significação. A mais profunda remete ao sarcasmo com que o poeta Gregório de Matos Guerra qualificava de tupiniquim a “nobreza” baiana, ironizando a classe dominante. Esse conteúdo sarcástico expresso através da qualificação de indígena atribuída a uma instituição de matriz europeia tornou-se um recurso estilístico bastante usado, mesmo nos dias de hoje. Já a camada seguinte diz respeito à relação contraditória índio (primitivo) e nova era.

Um outro aspecto revelador da posição que a imprensa masculina reserva à mulher diz respeito ao trabalho. O elogio ao ingresso da mulher no serviço público é, porém, bastante dúbio. Na superfície, o jornal qualifica o acontecimento como conquista do feminismo. A fala de fundo, porém, desqualifica o feminismo, atribuindo-lhe uma divisão maniqueísta. Argumenta que o trabalho no setor público é conquista do feminismo do bem

digno, produtivo, construtor, capaz de fazer a emancipação da mulher pelo esforço próprio, pelo trabalho, pela atividade compensadora e pela atitude respeitável nos que trabalham. (O Democrata, 03-07-1930 p.1).

O jornal, contrastivamente, rejeita o feminismo do mal “feminismo violento, subversivo, incompreensível e efêmero que dinamita, agride, vocifera e nada representa”. (Idem, ibidem).

O feminismo do bem, evidenciado como sendo a conquista do trabalho; por exclusão, o feminismo do mal se refere às demais lutas e conquistas emancipatórias da mulher, portanto, dotado de mérito até que se prove o contrário.

A imprensa, se por um lado desenvolveu e promoveu essa ação cultural conservadora, assumindo o papel social de baluarte da mentalidade patriarcal, como agente de inculcação da inferioridade feminina, ora por meio dos preconceitos, da ridicularização, da intimidação e da violência; ora por meio da atribuição de características desabonadoras, desqualificadoras como vaidade, superficialidade, frivolidade e incompetência, por outro lado – e não necessariamente de maneira contraditória –, possibilitou o veículo público de voz, o espaço de manifestação do seu pensamento; possibilitou, enfim, se não romper, ao menos abrir fissuras no status atribuído à figura feminina, favorecendo o processo de emancipação, a construção de identidade positiva. É o que a revista feminina *A Violeta*, em suas páginas, tentaria objetivar.

2. O grito precursor silenciado: antes d´*A Violeta*, o Jasmim

Como corolário da visão conservadora – e muitas vezes coercitiva – que a imprensa masculina cuiabana tinha da mulher, coloca-se a forma incisiva e virulenta de repressão do primeiro jornal feminino de Mato Grosso, lançado em 10 de outubro de 1897, intitulado *O Jasmim*. Esse jornal tinha Dona Leonor Galvão à frente da redação e era impresso na tipografia de Emílio Calhao (MENDONÇA, 1973b, p.199).

Como procurei evidenciar anteriormente, a presença feminina na imprensa cuiabana era dada através da voz masculina. Na maior parte das vezes em que havia menções às mulheres nos periódicos locais, elas eram feitas de acordo com o modo masculino de considerá-las. Ressaltavam-lhes a docilidade, a domesticidade, a obediência, qualidades que remetiam à submissão, à aceitação da condição social secundária que lhes imputavam.

Os jornalistas, quando abriam espaço à mulher nas matérias que produziam, celebravam a filha obediente, a esposa carinhosa, a mãe dedicada. O máximo de visibilidade que davam à atividade feminina na esfera pública era a sua

participação ativa em festas religiosas. Sua presença social era mencionada nas crônicas que exaltavam a elegância e a beleza femininas.

Algumas mulheres das camadas média e alta da sociedade local decidiram que era hora de ter voz própria na imprensa cuiabana. Em 1897, fundaram o primeiro jornal feminino, intitulado *O Jasmim*.

Ainda que essas mulheres tenham procurado relativizar a “ousadia” de produzir um jornal feminino numa imprensa masculina excludente – dando-lhe o nome de uma flor –, não conseguiram conquistar qualquer simpatia da imprensa masculina. Flor é um signo de carga simbólica associada ao universo feminino. Ao escolherem o nome de uma flor do gênero masculino, ao mesmo tempo em que reconheceram o sentido masculino associado ao mundo jornalístico local, anunciaram o posicionamento feminino do seu jornal.

A iniciativa encontrou forte oposição no meio social, orquestrada pela imprensa que assumiu posição francamente desfavorável, como a adotada pelo jornal *O Mato Grosso*, em sua edição de 31-10-1897.

Um dos redatores do jornal que, segundo ele, já fora anteriormente alinhado ao entendimento de que cabia às mulheres os mesmos direitos do homem, ao ser confrontado com o jornal feminino, mudou de opinião. Imputando à mulher uma função decorativo-familiar, pontificava na coluna “Folhetim” d’*O Mato Grosso*:

(...) a função estética da mulher está circunscrita à família. Aí é que sua ação deve refletir-se e é essa sua mais nobre missão. (...) desde o momento em que ela abandona o doce aconchego do lar para discutir nos meetings, à praça pública, a marcha do governo e candidatura do Sr. X ou Sr, Z, perde o direito de ser venerada. (*O Mato Grosso*, 31-1-1897).

Não satisfeito em execrar a publicação de *O Jasmim*, o redator finalizou seu artigo brindando as editoras do jornal com o seguinte conselho:

Fundem uma sociedade em que se discuta, em lugar do direito ao voto, o arranjo da casa, o asseio da cozinha e a maneira de cultivar um canteiro de repolhos. (*Idem, ibidem*).

A repercussão de *O Jasmim* na imprensa é o registro que ficou de sua existência. Na pesquisa documental que realizou em vários arquivos, centros e núcleos de documentação, Alves Corrêa (1991, p.45) afirma não ter encontrado nenhum exemplar desse jornal feminino pioneiro.

As críticas d'*O Mato Grosso* dão conta de que em seu primeiro número o jornal anunciou a que viera, declarando seu alinhamento às lutas pela emancipação feminina. A repercussão, no entanto, foi tão violenta que causou profunda dissensão entre as redatoras, conforme *O Mato Grosso* registra. O autor do artigo que execrou o jornal feminino comentou em matéria subsequente uma carta que o jornal recebeu. A missivista, pertencente ao corpo editorial de *O Jasmim* negava “ser solidária com a idéia de emancipação, enunciada por uma colega sua no primeiro número daquele mimoso jornal”. O redator não escondeu sua satisfação. Na expressão “mimoso jornal”, depositou toda sua picardia, todo seu escárnio. Alguns dias depois, *O Mato Grosso* noticiou que:

O Jasmim (...) anuncia às suas leitoras que a bandeira da revolta que tremulava ameaçadora no corpo da folha fora arriada em nome do Bom Senso (*O Mato Grosso*, 7-11-1897, p.1).

A bandeira da emancipação feminina era “ameaçadora”, por isso foi destruída. Mulheres jornalistas, independentes, com voz própria, opinando sobre política; era perigoso, temeroso demais. Mulheres feministas editando um jornal; era uma idéia que causava temor pelo contágio, pelo risco de propagação da onda emancipatória, um mal que ameaçava a família, os preceitos da igreja, a ordem estabelecida. Por isso, era necessário nocautear a iniciativa do jornal feminino, arriando “a bandeira da revolta que tremulava ameaçadora no corpo da folha”, silenciando a folha transgressora.

Feito o amordaçamento, o passo seguinte foi o escárnio, pelo achincalhe ao frivolido feminino, uma forma de controle, pela via da agressão jocosa:

Entusiasmo muito mais com a cor da cinta, a flor do chapéu porque ainda lhe satisfaz em absoluto contemplar o rosto num espelho sem que procure nunca ver sua obtusa inteligência. (*O Mato Grosso*, 21-11-1897, p.2).

A mulher que ousava ter voz perdia o direito de ser respeitada; a mulher silenciada, oprimida, ganhava o castigo de ser desqualificada como fútil e burra. Dois modos nada sutis de opressão masculina.

3. Uma agremiação de mulheres

A primazia do universo masculino local evidenciava-se diferentes esferas da vida social. A política, a imprensa, os negócios, a igreja, o governo, as organizações civis não-governamentais, a vida pública de um modo geral era domínio dos homens.

As agremiações existentes nas primeiras décadas do século XX eram majoritariamente masculinas: o Clube Internacional (1904), o Grêmio Álvares de Azevedo (1911), a Liga Mato-Grossense de Livres Pensadores (1909), a Sociedade União dos Taifeiros (1917), o Grêmio dos Maquinistas Civis (1918) e a Sociedade dos Marinheiros da Marinha Mercante (1919) eram associações de homens (Mendonça, 1973b p.178; Siqueira et al. 1990 p.163). Nesse cenário, destacam-se duas exceções: o Grupo Feminino de Teatro Amador, dirigido por Zulmira Canavarros (1909) e o Grêmio Júlia Lopes de Almeida (NADAF, 2004, p.16).

O Grêmio Júlia Lopes foi fundado em 26 de novembro de 1916 por um grupo de normalistas egressas da Escola Normal de Mato Grosso, contando com apoio de algumas senhoras e senhoritas “simpatizantes da cultura”

que desejavam a instalação de uma agremiação onde pudessem cultivar as “letras femininas patricias”, criada para divulgação (de) uma revista bimensal (NADAF, 1993, p.23).

A sessão solene de instalação do Grêmio, prestigiada por autoridades, apoiada por empresários e abrilhantada pela apresentação de orquestra.

A sessão inaugural do nosso grêmio esteve brilhante, graças à presença dos distintos cavalheiros e gentis senhoras que nos quiseram honrar, animando-nos assim de uma esperança e de um desejo de levarmos sempre avante a nossa missão.

A alegria era geral e, sem modéstia, confessamo-nos sinceramente contentes com a nossa estréia, tanto mais que encontramos apoio de todos, aos quaes nos dirigimos (A Violeta, nº 3, p.1).

O discurso proferido pela Professora Francisca Figueiredo na sessão inaugural, em nome do Grêmio, foi publicado, na íntegra, no número três d'A *Violeta*. No seu discurso, a professora ressalta as finalidades da agremiação, justifica a escolha de Júlia Lopes como patrona.

O Grêmio Júlia Lopes terá por fim único e exclusivo o cultivo das letras patricias, na grande obra do progresso moral de nossa terra (A Violeta, nº 3, p.7)

A professora Francisca credita a escolha do nome de Júlia Lopes, à importância de sua obra literária, às suas qualidades de intelectual, ao seu exemplo como mulher, esposa, filha, mãe e mestra. Alinha-se muito claramente ao pensamento hegemônico que instava a mulher à condição secundizada, delineada anteriormente.

Júlia Lopes, sob qualquer ponto de vista que se encare, é o prototypo da mulher, nunca sua penna poderosa deixou de traçar a rota luminosa da sua missão social.

No lar, sobretudo, é que ella mais se salienta aconselhando as patricias a serem verdadeiras sacerdotizas desse templo santo. (A Violeta, nº3, p.7).

No editorial do primeiro número da revista a Violeta, Tereza Lobo assim justifica a escolha do nome do Grêmio:

Como protectora do nosso Grêmio, escolhemos o nome de D. Julia Lopes de Almeida que, na rútila constellação das escriptoras brasileiras, fulgura como estrella de primeira grandeza.

Admiradoras sinceras da lucida intelligencia, do espirito esclarecido da notavel escriptora, dedicamos a ella o primeiro numero da *A Violeta*, certas de encontrarmos um pequenino asylo no seu coração e na sua alma, feitos para o Bem e para o Bello. (A Violeta, nº1, p.1)

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) foi jornalista e escritora de grande repercussão em todo o país. Enfrentou grande oposição no início da sua carreira,

mas foi superando as resistências ao conquistar renome e prestígio nos meios intelectuais.

Em suas crônicas fez campanhas em defesa da cidade, da educação da mulher, do divórcio, da exposição de flores, assim como fizera a defesa da Abolição e da República.

Preocupada com a urbanização, tinha por modelo a cidade jardim. O morro de Santo Antônio, na cidade do Rio de Janeiro, não foi arrasado devido à oposição feita por ela nos jornais. (...) Esteve envolvida com o caminho aéreo para o Pão de Açúcar. O Mercado das Flores foi obra sua, assim como a primeira exposição de flores organizada na cidade. (...) Fez campanhas pela instalação de creches. Estava imbuída de uma missão pedagógica de melhoria das condições de ensino, do modo de vida, da mudança do papel social da mulher. (...) tentou conciliar na vida e na obra, o modelo de Nova Mulher: companheirismo e organização, rebeldia e luta, com o papel “sagrado” de mãe e esposa. Ambigüidade e compromissos, avanços e acomodações transparecem em seus escritos. (TELLES, 2006 p., 435-6)

Ambigüidade, avanços e acomodações foram, também, as marcas das atuações das escritoras do órgão de comunicação do grêmio Júlia Lopes de Almeida, cujo principal escopo era a criação de uma revista feminina.

A revista, com nome de flor – como também fora o nome do primeiro jornal feminino de Cuiabá – foi lançada e mantida pelo Grêmio ao longo de toda sua vida. Grêmio Júlia Lopes e *A Violeta* são indissociáveis, não sendo possível conceber um sem a outra.

As finalidades a que o Grêmio se propunha, conforme seu Estatuto, eram:

1. Promover o desenvolvimento intelectual das suas associadas;
2. Manter uma revista de publicação bimensal;
3. Desenvolver o gosto pelas artes entre suas associadas;
4. Manter uma biblioteca;
5. Criar formas de desenvolvimento intelectual da mulher mato-grossense.

Note-se a maior abertura para o projeto emancipatório da mulher, a partir das finalidades listadas para os trabalhos do Grêmio recém inaugurado.

A promoção do desenvolvimento intelectual fazia-se por meio de conferências, discussões de teses sobre assuntos diversos, com ênfase sobre assuntos cívicos, morais e instrutivos. Durante seu primeiro ano de vida, promoveu cinco conferências, todas elas proferidas por intelectuais ou autoridades da esfera oficial.

O Grêmio procurou desenvolver o gosto pelas artes através da promoção periódica de verdadeiros festivais lítero-musicais. Essas festas eram foco de ações culturais de grande repercussão no meio social local. No primeiro ano de vida, o Grêmio realizou cinco festivais com programação diversificada, apresentando conferências, poesias, canto, números de música erudita, etc.

Encontrei poucas referências à biblioteca nos primeiros 24 números da revista. Por elas, é possível perceber que a biblioteca era um projeto que ainda não tinha sido implementado.⁴

A primeira menção à biblioteca é feita numa carta de Júlia Lopes de Almeida dirigida à Diretora do Grêmio e transcrita pela revista. Nessa carta, a escritora diz:

Para início da Bibliotheca do Grêmio, dei ordem ao meu editor para vos enviar um exemplar de cada uma das minhas obras (A Violeta, nº 14, p.1).

A revista registra o recebimento das obras e finaliza fazendo o seguinte comentário: “A biblioteca d’A *Violeta* dest’arte com tão grande concurso, esperamos ser brevemente instalada” (Idem, p.2).

Anteriormente, em outro número, a revista havia veiculado artigo com sugestões de leitura. Em carta aberta “As colaboradoras da Secção Infantil”, uma das redatoras escreveu:

Já que tomastes esta iniciativa, prepara-e-vos com a leitura de bons livros para a continuação da tarefa (...) Uma leitura

⁴ D. Benilde Moura, uma das gremistas e diretora da revista, já com mais de 90 anos de idade, confirmou-me em entrevista a grande circulação que as obras da biblioteca tinham entre as participantes do grêmio. O controle era feito de maneira doméstica, mas possibilitava o giro e o controle das obras. Não soube, porém, dizer-me quando nem como o projeto acabou.

escolhida de bons auctores, por pessoas mais experimentadas que vós, vos será o manancial dum thesouro inestimável, precioso. (MARIA DIMPINA. A Violeta, nº7, p.10).

Posteriormente, em outro número, transcrevem trecho do *Livro das Noivas*, de Júlia Lopes, alertando pais que proibem suas filhas de lerem, sobre a importância dos livros e da leitura.

No final do ano, uma das redatoras volta a falar sobre o assunto biblioteca nos seguintes termos:

Cogita-se da fundação duma bibliotheca do Grêmio “Júlia Lopes” (...) O que as minhas collegas reflitam bem nas phrases de D. Júlia (...) que cada uma venha contribuir para que seja esta uma das obras do Grêmio na sociedade cuiabana e que ella dure até a geração vindoura, atestando a nossa constancia e a nossa dedicação. E, embora superado as maiores difficuldades continuemos sempre promovendo o que for necessário e útil para a educação da mulher. (A Violeta, nº 24, p.2-3)

O Grêmio desenvolveu campanhas filantrópicas, visando a angariar recursos para, entre outras organizações beneficentes, a Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá e Cruz Vermelha. Desenvolveu campanhas de valorização da mulher. Desenvolveu ações voltadas para o progresso econômico e social do Estado, entre as quais a da construção da Estrada de Ferro e as de estímulo ao desenvolvimento urbano de Cuiabá.

O Grêmio mantinha um quadro com duas categorias de sócias: sócias formais ou sócias contribuintes e sócias informais ou sócias benfeitoras que não eram inscritas na agremiação. As sócias contribuintes pagavam uma mensalidade de 2\$000 (dois mil réis), com direito a gratuidade da revista; as sócias benfeitoras faziam doações não inferiores a 50\$000 (cinquenta mil réis). Sobre a composição do quadro de sócias contribuintes, Yasmin Nadaf diz o seguinte:

Suas sócias contribuintes formavam um grupo bastante heterogêneo composto de alunas da Escola Normal “Pedro Celestino” de Cuiabá, de professoras e funcionárias públicas, de profissionais liberais, de escritoras, de jornalistas e de musicistas de renomada projeção regional. (NADAF, 1993, p.26).

O quadro de sócias, de acordo com a descrição acima, era essencialmente composto por mulheres da elite local.

A diretoria do Grêmio era composta de Presidente, Vice-Presidente, duas Secretárias, Tesoureira e Diretora de Biblioteca.

A agremiação foi pioneira da cultura associativa no Estado, no século XX, e propulsionou o surgimento de entidades de natureza análoga à sua, em sua região. Para ilustrarmos citamos a fundação, em 1925, do Grêmio “Castro Alves”, em 1935, do Grêmio “José de Mesquita”; em 1937, do Grêmio “Álvares de Azevedo”; e, em 1940, do Grêmio “Machado de Assis” e do Grêmio “D. Aquino Corrêa”. Essas entidades se diferenciaram do Grêmio Literário “Júlia Lopes” apenas pela constituição do sexo que as compunha, restringindo-se a homens e não a mulheres mato-grossenses. O grêmio feminino antecedeu, também, a instalação do Instituto Histórico, fundado em Mato Grosso em 08 de abril de 1919 e o Centro de Letras, hoje Academia, cuja instalação em Cuiabá data de 07 de setembro de 1921. (NADAF, 1993, p.28).

4. Surge A Violeta

Em seu número inaugural, *A Violeta* define como seu fim “único e exclusivo, o cultivo das letras femininas e patricias” (nº 1, p.1).

A periodicidade, inicialmente pensada como bimensal, ao longo dos anos tornou-se irregular, circulando de uma a três vezes por mês, até o número 76, de 25-12-1920. A revista interrompeu a circulação por períodos de um mês, em 1923, 1925, 1926, 1930; de dois meses em 1927, 1928, 1933, 1941, 1945; de três ou mais meses em 1924, 1931, 1932, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938.

Em formato pequeno, de 15,5 por 22,5 centímetros, a revista teve capas variadas, com ou sem ilustração, ora com sumário, ora com publicidade.

O número de páginas variava de oito a vinte, quando havia acontecimentos que mobilizavam a atenção e o interesse da população. A revista apresentava-se com diagramação variada, com tonalidades também diversificadas.

A revista, para as sócias do Grêmio, era gratuita. Para o público de Cuiabá, o número avulso era vendido a 1\$000 e, para os consumidores de outras localidades, custava 1\$200.

A distribuição da revista era feita de maneira informal nas principais repartições públicas da cidade e enviada formalmente através do correio, ou informalmente através de portadores a assinantes locais, a assinantes de outras cidades do estado ou fora do estado (principalmente Rio de Janeiro).

A *Violeta* recebeu apoio financeiro, material e operacional de pessoas físicas, de empresas e de órgãos oficiais do estado.

Sua impressão era feita em diferentes gráficas de Cuiabá, entre as quais duas oficiais, a Tipografia Oficial (Imprensa Oficial) e a Tipografia da Escola de Aprendizizes Artífices (depois Tipografia da Escola Industrial). Segundo Nadaf (1993, p.31), algumas gráficas cobravam pelos serviços, outras prestavam seus serviços gratuitamente, como cortesia às senhoras e senhoritas que editavam a revista.

As seções também variaram bastante. As duas únicas seções mantidas ao longo da vida da revista foram a “Chronica”, que abria cada número e o “Noticiário” que os fechava⁵. No primeiro ano, as seções mantidas foram: Crônica, Perfil, Na hora do *footing*, seção Recreativa, Álbum de *A Violeta*, De tudo para todos e Noticiário. Produções literárias e matérias sobre assuntos variados entremeavam essas seções.

A crônica que abria cada número, à guisa de editorial, comumente assinada por uma das redatoras, de modo geral, focava algum assunto em evidência, associado a acontecimentos, eventos, festividades da vida cotidiana da cidade,

⁵ Além dessas duas seções permanentes, Nadaf (1993, p.32-33) elenca um total de dezesseis seções que se alternaram ao longo do percurso da revista.

relacionados ao movimento dos ciclos da natureza e da vida social, às práticas religiosas e cívicas, a fatos históricos, políticos e culturais.

No primeiro ano, as crônicas versaram sobre o lançamento da revista, sobre Natal, Ano Novo, início do ano letivo, carnaval, chuvas, quaresma, festival e abertura do cinema, maio mês das flores e do culto à Virgem Maria, maio mês da poesia e lançamento de livro de poesias, touradas e festas juninas, revolução francesa, carta de Júlia Lopes, os soldados (do exército sediado em Cuiabá) e os exercícios militares, as enfermeiras da Cruz Vermelha, cultura e lazer, primeiras chuvas, educação, Cristóvão Colombo, cultivo de jardins citadinos, alistamento militar obrigatório, culto cívico à bandeira, imprensa e divergências políticas, voluntários.

A *Violeta* contava com um corpo de quinze redatoras, composto por sócias do Grêmio Literário Julia Lopes, cabendo sempre a uma delas a direção da revista, por um ano ou mais.

No primeiro ano de circulação, duas redatoras – Maria Ponce de Arruda e Maria Dimpina Lobo – garantiram a produção de matérias necessárias à composição de cada número. Usando pseudônimos, produziram uma variedade de matérias, diferentes seções, redigiram textos, artigos, enfim, fizeram com que a revista circulasse, tornando-se seus principais pilares de sustentação. Sem elas, e sem sua dedicação, não haveria material suficiente para compor muitos números que circularam.

O uso de pseudônimos foi bastante usual entre as editoras e colaboradoras d'A *Violeta*, sendo que Maria Dimpina Lobo e Maria Ponce de Arruda foram as que mais recorreram a este recurso (NADAF, 1993, p.54, 57, 60, 61, 64). As principais colaboradoras da revista, em Cuiabá, foram Amélia de Arruda Lobo, Ana Luiza da Silva Prado, Antídia Alves Coutinho, Benildes Borba de Moura, Maria Dimpina Lobo, Maria Ponce de Arruda e Maria Santos Costa.⁶

⁶ A *Violeta* contou também com colaboradores de outros municípios mato-grossenses, de outros estados e do estrangeiro (ver NADAF, 1993, p.64-76).

A colaboração de uma terceira redatora, Amélia de Arruda Lobo, também foi de importância significativa, em oito dos primeiros vinte e quatro números. As demais redadoras tiveram uma produção sextante, contribuindo esparsamente em poucos números (no máximo cinco). *A Violeta* veiculou matérias escritas por outras trinta mulheres, residentes em Cuiabá ou em outras cidades de Mato Grosso.

Um escritor local colaborou em sete números. Respondendo a provocações feitas na “Seção Recreativa”, inaugurada no número oito, dez rapazes colaboraram. Representando simbolicamente um jardineiro, esses rapazes recebiam da revista um ramallete simbólico, cujas flores representavam secretamente moças da sociedade local e tinham a função de oferecê-las a outros rapazes de seu círculo de amizades. Logo em seguida, ao final da seção, a revista revelava o nome das senhoritas que as flores representavam.

5. Pode entrar, a casa é sua⁷

Quando *A Violeta* surgiu no cenário mato-grossense foi recebida com entusiasmo na sociedade cuiabana. Foi saudada como um gesto feminino ousado, como indicador de progresso e foi também intimada a resguardar os valores morais dominantes na sociedade, o que eufemisticamente aludia à visão da moral sexista, ainda persistente.

É pertinente transcrever como três jornais da época repercutiram o lançamento da revista.

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o primeiro número da primorosa revista “A Violeta” órgão do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, que circulou no dia 16 do corrente.

⁷ Expressão de boas vindas utilizada para bem receber visitantes. Em Cuiabá, é também utilizada para receber a visita da imagem de São Benedito durante a peregrinação do santo, à época de seus festejos.

A sua colaboração é bastante variada e atraente e pinta perfeitamente o gosto e a fina delicadeza das gentis senhoras e senhoritas de que se compõe o seu corpo redatorial.

Merece palmas e francos elogios essa iniciativa das nossas distintas conterrâneas, que por essa forma proclamam bem alto que em Mato Grosso o belo sexo pensa e faz.

Reunindo-se sob a égide de uma escritora que honra o seu sexo e a nossa raça, esse pugilo de senhoras e senhoritas acaba de assinalar uma conquista de extraordinário alcance no domínio intelectual e com o seu gesto de coragem, diremos mesmo de audácia, abre um exemplo digno de imitação por parte dos poucos que entre nós se dedicam aos ideais superiores da Arte. (Gazeta Oficial, 21-12-1916, p.4)

A “Gazeta Oficial” que registrou essa grata notícia, numa das suas últimas edições, acrescentou ainda que se tratava, entre as distintas associadas do Grêmio, da publicação de uma revista puramente literária que atenderia ao nome sugestivo de “A Violeta”.

É animador e consola o espírito cético dos que descrêem do nosso progresso ver, numa época ainda de rudes preocupações materiais, uma iniciativa como esta, partindo de quem estava no caso de seguir o exemplo de outrem, mas que absolutamente não se esperava que viesse, como veio, a dar o exemplo para ser imitado. (O Povo, dezembro de 1916, *apud* A Violeta, 25-12-1942, nº 292, p.8).

Toda perfumada como a mimosa flor que lhe serve de título, surgiu no campo da imprensa *A Violeta*, linda revista do “Grêmio Literário” que um grupo de senhoras e senhoritas desta cidade acaba de fundar (...).

Oh! Exmas senhoras e gentis senhoritas, podeis muito para o engrandecimento moral de nossa sociedade! Deus dotou os vossos corações de uma influência que, bem dirigida, conforta, eleva, abranda, apazigua, idealiza, e, pois que ainda Ele depositou em vossas almas um instinto muito seguro do que convém a vós mesmas, nós esperamos muito do “Grêmio literário” que fundaste e do vosso porta-voz a mimosa e perfumada “A Violeta”. (A Cruz, 24-12-1916, p.1).

Os conteúdos jornalísticos dos trechos acima transcritos evidenciam um conjunto de respostas:

1. Aplauso à iniciativa;
2. Elogio ao gosto e fina delicadeza do estilo feminino;
3. Conhecimento e conquista intelectual;

4. Visão da revista como gesto de coragem;
5. Apreensão da revista como signo de progresso;
6. Qualificação da revista como exemplo a ser imitado;
7. Atribuição de poder de engrandecimento moral;
8. Alerta para o que convém às senhoras e senhoritas.

Quando *O Jasmim* foi lançado, o jornal feminino foi recebido de maneira raivosa, agressiva, destrutiva, como um mal a ser aniquilado e rapidamente extirpado da sociedade mato-grossense.

O que teria levado a imprensa a receber bem, de modo caloroso *A Violeta*? Que diferenças significativas distinguiriam as duas publicações femininas? Dezenove anos separam o lançamento d'*O Jasmim*, e d'*A Violeta*, ambas as publicações com nome de flor. O que mudara?

Em primeiro lugar, há que se considerar o conhecimento disponível, propiciado pela experiência d'*O Jasmim*, sobre a posição fechada e conservadora da imprensa cuiabana, sobre o seu poder destrutivo, sobre a necessidade de negociação, de construção de canais de acolhimento.

Em segundo lugar, é oportuno perguntar quem eram as mulheres que criaram a revista feminina e como usaram o conhecimento acumulado no percurso do jornalismo feminino local.

Os ecos da relação conflitual entre o primeiro jornal feminino e a imprensa cuiabana da época, repercutem na voz dos homens que então faziam jornalismo e que se reportaram ao acontecimento. A partir de suas falas, podia-se perceber que entendiam a prática jornalística como masculina, interdita a mulheres e a temática política como território exclusivamente masculino.

Ora, *O Jasmim* ao assumir posição declarada e francamente alinhada ao movimento feminista, entrou em confronto com o machismo. E, ao colocar-se de modo independente para abordar aberta e criticamente as relações de poder

inscritas nas relações de gênero, invadia o campo político, território dos homens, interdito às mulheres; desafiava a hegemonia masculina e procurava romper com a posição secundizadora impingida pelos homens.

As redatoras d'*A Violeta* matreiramente sinalizaram que não invadiriam o território dos homens.

A Violeta será o órgão do “Grêmio Literário Júlia Lopes”, organização esta que tem por fim único e exclusivo, o cultivo das letras femininas e patricias, abrindo as suas columnas a todas que conosco quizerem colaborar, para o engrandecimento moral da nossa estremecida terra. (nº 1, p.1).

As redatoras definiram a revista como órgão do Grêmio, demarcaram a literatura como seu campo exclusivo de atuação, silenciando a política como alvo de interesse da revista e insinuando uma subordinação aquiescente ao se comprometerem com o engrandecimento moral da amada terra.

E por que sua voz mereceria crédito? Porque, enquanto representantes da elite social, submetidas aos controles da ordem vigente, ofereciam pouco perigo; eram mais afeitas ao papel de reprodutoras dos valores de sua classe, que ao papel de contestadoras da desigualdade feminina.

Entretanto, as redatoras sub-repticiamente romperam as fronteiras entre o universo masculino e o universo feminino. “Invadiram” o território dos homens ao escreverem e publicarem. Ao exercer essas competências – até então consideradas afetas ao universo masculino – ressignificaram a atuação feminina, impelindo-a para a esfera pública, no âmbito da sociedade local.

Ao criarem o Grêmio, e qualificarem a revista como órgão dessa organização, as suas associadas construíram uma mediação institucional entre pessoa (mulher) e sociedade, deslocando o foco da relação revista feminina e imprensa cuiabana, para associação literária, sociedade e cultura. A discussão acerca do gênero acabou sendo relegada ao segundo plano ou, até mesmo, inexistiu, nesse primeiro momento.

A sociedade, para além da imprensa, acolhia a revista através das representações governamentais, militares, políticas, econômicas.

A imprensa viu-se pressionada à cooptação. Reticente, recebeu a revista feminina com condescendência desconfiada.

No meio masculino mais amplo, *A Violeta* foi bem acolhida. Contou com a participação ativa de profissionais da imprensa, intelectuais e escritores que colaboraram na revisão, na impressão, no envio de matérias. O público masculino respondeu ao convite à interatividade que a revista lhe fez, como bem demonstrou sua participação na “Seção Recreativa”.

Capítulo III – A *Violeta*, o feminino e a questão do gênero



Maria Dimpina Lobo



Maria Santos Costa



Benilde Borba de Moura



Amélia de Arruda Lobo

Fotos Ilustrativas de ex-Diretoras e Redatoras da Revista *A Violeta*

(NADAF, 1993, p.54 e 63)

Pode-se dizer que *A Violeta*, para além de sua existência num contexto sociocultural de mudanças, foi – ela mesma – um importante agente de fomento dos processos de mudança cultural na sociedade mato-grossense. A revista funcionou como uma mensagem ativadora de conseqüências sociais e pessoais em torno da questão da mulher, possibilitando novos olhares sobre o seu lugar, sobre os seus papéis. Sem romper com a tradição, ampliou o espaço da mulher, conquistando para si novos papéis e informando sobre outros que a mulher desempenhava em outros meios sociais, colocando-se a possibilidade de que pudesse vir a assumi-los no meio local, associando novos significados à sua condição social.

A pesquisadora Bárbara Heller (2002), analisando os periódicos das primeiras décadas do século XX, afirma que raramente sobreviviam, alcançando poucos anos de funcionamento. Uma característica forte da revista *A Violeta* é sua relativa longevidade, funcionando por mais de trinta anos, o que, por si só, empresta a ela um diferencial pertinente como objeto de estudo.

Essa característica é relevante, considerando o pensamento vigente à época do início de sua produção.

A mentalidade vigente na época (era) a de que as mulheres deveriam, no máximo, ler os livros de rezar e alfabetizar seus filhos. Ser profissional de letras não era, portanto, considerado adequado às mulheres, a menos que escrevessem obras pedagógicas, voltadas à infância (HELLER, 2002, p.223).⁸

Em Cuiabá, todavia, as mulheres já tentavam formalmente romper com essa lógica de subordinação da mulher, desde o século XIX, com o lançamento d'O *Jasmim*, o que favorecia a iniciativa bem sucedida de criação de uma revista feminina.

À medida que a revista apresenta a possibilidade de manifestação dos processos de pensamento de mulheres, ela amplia e acelera os processos locais de

⁸ Essa mentalidade, entretanto, não tinha uma constituição ideológica monolítica na comunidade cuiabana, que incorporava outras memórias agregadas às estruturas mentais, comportando uma diversidade de referências em relação à mulher, a que me reportarei oportunamente.

circulação de suas idéias e opiniões. Produzindo a revista, suas redatoras, através das opiniões, da escrita e sua circulação no meio social da cidade, conquistam liberdade pessoal, fortalecendo-se na negociação da flexibilização dos limites de presença, forjando um percurso próprio.

Ao manifestarem seus pontos de vista, criavam a possibilidade de confrontá-los com os das suas leitoras e seus leitores. A sua opinião, transformada em opinião pública, passava a ser levada à consideração da comunidade. Essas opiniões tendiam a refletir as próprias contradições dessas mulheres frente às novas demandas do tempo em que viviam.

O chamamento de flor dado ao primeiro jornal e à primeira revista feminina de Cuiabá, por exemplo, remete à esfera da produção simbólica de identidade das mulheres que os criaram e os fizeram circular.

Ao se darem o direito de se situarem num campo de atividades socialmente reservado aos homens, essas mulheres reconfiguraram o espaço social e o campo de alteridade masculino e feminino, em termos de expor a complexidade desse campo relacional, iluminando algumas nuances da problemática do feminino, na expressão provinciana da sociedade local, sob o influxo das percussões das conquistas feministas em difusão, a partir dos centros nacionais e internacionais.

Em Cuiabá, na Primeira República, com a emergência da imprensa feminina, é possível distinguir os seguintes planos de corte no campo relacional masculino X feminino:

- opressão X subordinação aquiescente
- busca de superação X resistência
- avanços X recuos.

Na Primeira República, as mulheres mato-grossenses viviam ainda a contingência de conquistarem seus direitos mais elementares, como de ser reconhecida como ser dotado de inteligência; de ter direito à identidade própria, desvinculada da

condição de filha, esposa e mãe; de ter direito ao voto; de ter direito de exercer funções fora do âmbito familiar.

É bem verdade que a luta de Nísia Floresta⁹, no século XIX, por uma educação feminina perspectivada nos direitos e na igualdade, destravada da impostura das prendas domésticas e voltada para a habilitação da mulher para, junto com o homem participar dos progressos da ciência e da técnica, espalhara sementes.

Uma das teses defendidas por Nísia era a de haver estreita relação entre o cuidado e o empenho na educação feminina e o desenvolvimento de uma nação.¹⁰

A guisa de complemento, assim como Nísia Floresta, Berta Lutz e outras mulheres continuaram a luta pela libertação feminina e, já nas primeiras décadas do século XX, muitas conquistas foram alcançadas no campo educacional, no campo profissional, no campo ideológico, no campo social e cultural. Mas, essas conquistas ainda não se estendiam ao conjunto da sociedade brasileira.

Na sociedade cuiabana, a condição feminina dominante se conformava num desígnio em que os deveres obscureciam os direitos.

Na vida e na morte, na sociedade tradicional, sempre coube à mulher o ônus do casamento, o ônus do cuidado doméstico e da perpetuação da família. A mulher casada assumia a responsabilidade de atualização das pautas sociais e culturais relacionadas à continuidade da família, no âmbito mais amplo. A viúva continuava com a tarefa de cuidar dos filhos e netos, de conferir à união conjugal um caráter atemporal, como a igreja prescrevia: “o que Deus uniu a morte não separa”. A viúva deveria se pautar de acordo com o que a sociedade, a igreja e a família exigiam de uma mulher: “o lar é o reino da mulher”, “ser mãe é sofrer no paraíso”, “ser mãe é desdobrar fibra por fibra”, “ser mãe é a mais nobre das missões”.

⁹ Pesquisadora e educadora nordestina, considerada por estudiosos uma pensadora cem anos à frente de seu tempo vivido.

¹⁰ Esta tese está presente no pensamento de redatoras d’*A Violeta* sobre educação da mulher, como se verá mais adiante.

À esposa cabia ser submissa ao marido e servi-lo com dedicação; cabia ser uma boa dona de casa e desenvolver informalmente atividades rentáveis para sustento doméstico; à mãe cabia criar, educar e formar os filhos, estar disponível para cuidar deles e prestar-lhes os serviços domésticos de alimentação, vestuário, higiene, saúde, descanso.

À filha cabia cuidar dos pais e dos avós, recebê-los e provê-los, se necessário. À irmã cabia cuidar dos irmãos e auxiliá-los ao longo da vida, acolher sobrinhos órfãos, abrigar sobrinhos em fase de estudo, quando os irmãos morassem fora da cidade.

Na esteira desse desígnio, o projeto de educação da mulher cuiabana, alicerçado na moral patriarcal e na religião, tinha como objetivo prepará-la para assumir as funções de esposa e mãe na organização familiar tradicional. A mentalidade reinante era de que à mulher bastava o ensino primário e o desenvolvimento de habilidades manuais. A educação intelectualizada do curso secundário e superior era reservada aos homens.

A criação da primeira escola Normal se deu em 1840. Sua duração foi efêmera, deixando de funcionar em 1844. Outra tentativa se daria em 1874, com a Lei de 13 de julho que cria um curso Normal que foi absorvido pelo Liceu de Línguas e Ciências, em 1879, já que a finalidade desse estabelecimento seria, também, a de habilitar professores. Em 1889, com a reforma de Souza Bandeira, o curso de preparação de professores foi novamente desmembrado do Liceu, passando a constituir o Externato Feminino. O curso Normal só veio a funcionar com maior regularidade a partir de 1910, com a reforma do governo Pedro Celestino. (ALVES CORRÊA, 1991, p. 94).

O curso Normal, com duração mais reduzida, compreendia disciplinas consideradas menos complexas, mais adequadas, portanto, às possibilidades e limitações da capacidade intelectual feminina. (ALVES CORRÊA, 1991, p.98)

Alves Corrêa (1991) demonstra que a criação da Escola Normal tinha na base uma oposição com o Liceu que remetia à oposição masculino/feminino. Para além da ação inferiorizante do ensino destinado à mulher, todavia, a Escola Normal representava a chance de ampliação da oportunidade de educação feminina.

A importância da Escola Normal pode ser apreendida nas ações das suas egressas, ações de competição no mercado de trabalho, de associatividade no campo social (por exemplo, o Grêmio Literário), de conquista de visibilidade e voz no campo da comunicação social (*O Jasmim e A Violeta*).

Na sociedade tradicional brasileira, a família e a Igreja foram importantes agentes socializadores da figura feminina.

A família, costuma-se dizer, é a célula *mater* da sociedade, é a viga mestre de sustentação da estrutura social. A reiteração dessa 'verdade' no discurso social é um modo de inculcar a importância da família para a permanência e prolongamento da sociedade. É um modo de construir o sentido de conservação.

O estilo de vida da família mato-grossense reproduzia, em suas linhas mestras, as principais diretrizes da mentalidade tradicional da chamada família patriarcal brasileira.

Na estrutura patriarcal da família, a chefia cabia ao pai, que desempenhava um poder quase absoluto, tendo como modelo o rei português, como assinala Mello (1997).

Essa estrutura patriarcal ocorria tanto no ambiente rural (CÂNDIDO, 1979), como no ambiente urbano. Em qualquer desses mundos, o pai emerge como figura catalisadora das relações de poder (FREYRE, 1980).

O pai, portanto, era detentor de grande poder sobre a mulher, sobre seus filhos e filhas, sobre parentes, agregados e "crias" que integrassem o seu grupo doméstico. Todos os membros do grupo familiar deviam respeito e submissão à autoridade paterna. Na ausência do pai, o poder era transferido ao filho mais velho; na ausência do primogênito, a qualquer dos filhos varões; na ausência de filhos, ao avô ou ao tio.

Entre as mulheres, além da educação dos filhos e dos serviços domésticos, muitas compartilhavam ou assumiam a responsabilidade de manutenção cotidiana da família, desenvolvendo um leque de atividades de ganho, ou seja, geradoras de receita, no âmbito das suas casas, sem se afastarem de suas funções convencionais.

Em Mato Grosso, esse modelo, embora dominante, não era exclusivo. Por circunstâncias várias – principalmente pelas injunções deambulatórias próprias de atividades exercidas pelos homens nos garimpos, no extrativismo, nas forças armadas, mas, também, por injunções da violência política, da violência econômica e social que ceifavam a vida de muitos homens – suas mulheres eram chamadas a assumirem papel central nos seus grupos familiares.

Mesmo assim, o imaginário social continuava a valorizar as mulheres dóceis, obedientes, prendadas, dependentes, que aceitavam sem reclamações a dominação masculina e assumiam de modo aquiescente sua posição subalterna.

A ideologia da suposta superioridade em relação à mulher a que se articula o patriarcado vincula-se a preceitos milenares da Igreja Católica.

Na *Epístola aos Efésios*, São Paulo já pregava a superioridade do homem.

As mulheres sejam sujeitas a seus maridos como ao Senhor, porque o marido é cabeça da mulher, assim como Cristo é cabeça da Igreja, seu corpo, da qual Ele é o salvador. Ora, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim o estejam também as mulheres a seus maridos, em tudo. (Ef. V, 22-24).

Na primeira metade do século XX, fiel à tradição, a Igreja mato-grossense foi colaboradora incansável no projeto de inserção da mulher como ator social secundizado. Interessava-lhe a manutenção da situação feminina, pois a sua circunscrição à esfera doméstica contribuía para a “preservação” da família como valor caro à confissão católica, uma vez que o modelo de família inscrevia a fé católica.

A mulher “do lar”, dependente do homem, objetiva a sua condição de inferioridade, de secundização.

Uma das figuras mais ilustres, mais prestigiadas, mais festejadas de Mato Grosso, nas primeiras décadas do século XX, era a do arcebispo D. Aquino Francisco Corrêa. Era um homem culto, poeta, de boa aparência, sedutor, político de prestígio na cidade, no Estado, na República. Foi Presidente do Estado, foi membro da Academia Brasileira de Letras.

D. Aquino exercia forte influência nas diversas esferas da vida social local. Em discurso proferido por ocasião da formatura de uma turma de normalistas, em 1925, reforça a construção do trinômio mulher-mãe-professora como expressão ideal da condição feminina.

Nada mais digno de vós, nada mais condizente com a delicadeza das vossas allmas femininas, nada mais natural nos vossos corações virginais, onde o instinto maternal estremece em carinhos para a infância, como a crisálida dourada e palpitante em seu casulo de seda (CORRÊA, 1944, p.198).

Como paraninfo das formandas da Escola Normal Dom Bosco, de Campo Grande, em 1934, D. Aquino critica o feminismo e reafirma o papel social da mulher, segundo o entendimento da Igreja:

(O feminismo é) não sei que doutrina, que pretende elevar a mulher, mais do que o fez o cristianismo, e torná-la, de todo em todo, igual se não superior ao homem.

Trata-se do feminismo que pleiteia na ordem doméstica, a extinção do poder marital e a legalidade do divórcio, na ordem social o livre acesso da mulher a todas as profissões, e na ordem política, o seu direito de votar e exercer todo e qualquer cargo público.

A verdade está, pois, na palavra de Deus, que disse à primeira mulher: estarás sob o poder de seu marido. (...) A moral católica põe dois limites à liberdade feminina: para as casadas o cuidado da família, e para todas a honestidade do sexo. Emancipar a mulher destes deveres e destas conveniências, ao invés de elevar, seria degradá-la. (D. Aquino Corrêa *apud* ALVES CORRÊA, 1991, p.68).

Nesse discurso de D. Aquino, transparece com clareza a visão conservadora que a feição local da Igreja tinha da mulher e de sua posição social. Ao criar a mulher, Deus lhe concedeu posição secundária em relação ao homem. A inferioridade da mulher, sendo-lhe atribuída pelo Criador, é parte de sua natureza.

A proposta feminista de igualdade de direitos, à medida que contrariava os desígnios divinos era antinatural. D. Aquino encarava o feminismo, portanto, não como um projeto social, mas como uma doutrina anticristã. O feminismo é subversivo da ordem social, política, e religiosa daquela sociedade.

As rupturas de limites que propõe e realiza, são perigosas. O espaço da mulher é restrito à casa, à família, a ocupações que guardam relações intrínsecas com a maternidade, com a domesticidade, a maternidade, subordinação ao marido, e por extensão, ao homem. O feminismo é a desordem, o perigo de dissolução da vida social.

A tríade mulher/mãe/professora articula a 'pré-valência' da natureza como fundamento de identidade feminina. Ser mulher, ser mãe, ser professora primária são diferentes expressões da mesma natureza feminina reforçando a construção da inferioridade, articulando à sua natureza, à sua biologia o sentido de cuidar do marido, da casa, da família, da criança. Ensinar a criança na escola é uma extensão da maternidade. Cuidar é atributo intrínseco à natureza feminina, é fonte de realização da mulher.

A força simbólica da tríade mulher/mãe/professora se faz presente na fala de professoras que se formaram nesse período e incorporaram essa visão ou, minimamente, reproduziam o discurso vigente.

É o que mostra Alves Corrêa analisando depoimentos de professoras que exerceram o magistério na primeira metade do século XX.

A imagem da relação professor/aluno é aquela da obediência e respeito filiais. A maior liberdade no relacionamento é qualificada negativamente como excesso dos tempos modernos. Ressalta, na representação das professoras, a base de construção social do

respeito aquiescente à autoridade: autoridade da Igreja, autoridade dos pais, autoridade do marido, autoridade do Estado, autoridade dos professores, etc. (ALVES CORRÊA, 1991, p.203).

De acordo com a ordem tradicional ainda sobrevivente, os homens oprimiam e as mulheres aceitavam a subordinação de modo aquiescente. Contudo, essa ordem já não era monolítica, apresentando fissuras no ordenamento das relações de gênero.

As mulheres começavam a ter clareza de que poderiam conquistar sua identidade, consituindo-a em separado, buscando autonomia relativa e resgatando para si a atividade de construção dessa identidade, dissociada da visão secundizadora empreendida até então pela perspectiva masculina, mas não necessariamente separada deste universo.

Novos valores começavam a circular na sociedade local. O rio Cuiabá e o rio Paraguai constituíam importante via de comunicação entre Mato Grosso e o Rio de Janeiro, a capital do País. Por essa via circulavam bens econômicos e bens simbólicos.

As lutas femininas e suas conquistas, promotoras de mudanças qualitativas nas relações de gênero e na posição social da mulher, percutiam no meio social cuiabano. A tentativa frustrada d'O *Jasmim* evidencia que ao percutir essas mudanças, o meio social abria-se a novas idéias e novas práticas começaram a se fermentar.

Essa insistência em situar uma voz no espaço comunicativo local, aliada à tentativa de estabelecimento do jornal *O Jasmim* – de certa forma – abrem espaço para a estratégia utilizada para o lançamento da revista *A Violeta*. A via da instrução, da educação e do trabalho foi certamente uma forma poderosa de mudanças, em nível ideológico e em nível prático.

Constatando a persistência da mentalidade patriarcal e dos valores machistas na sociedade cuiabana do início do século XX – quando valores republicanos e

valores feministas já circulavam na sociedade mais ampla – faz-se necessário perguntar: de que se alimentava esse conservadorismo resistente?

Para responder a essa pergunta, pelo enfoque dos Estudos Culturais, é forçoso recorrer a Gramsci, para construção do aporte teórico de referência. Afiliando a discussão de gênero, que se arraiga neste trabalho, ao conceito de hegemonia de Gramsci, é possível entender como se configurou a política de negociação de entrada da revista no meio social e junto à imprensa.

Gramsci (1991), ao interrogar como as contradições se manifestam na superestrutura, do ponto de vista da classe dominante e do ponto de vista das classes subalternas, desenvolveu o conceito de hegemonia.

Os discursos dizem, representam, conceituam o mundo de acordo com os interesses de classe. A ideologia, segundo Gramsci, tem um caráter de classe. A hegemonia é a apropriação por uma classe da capacidade de direção cultural e ideológica, articulando seus interesses particulares com os interesses das demais classes, de modo a que eles se constituam em interesse geral. A hegemonia busca o consenso pela via do consentimento ativo em conformidade com os padrões da sua direção política dominante. É o que se percebe no caso d'*A Violeta*.

As esferas cultural, política e econômica têm natureza relativamente autônoma. A cultura pode ser lugar de luta. A contradição experienciada na comunicação abre possibilidade para um leque de ações contra-hegemônicas.

Nesse sentido, *A Violeta* é um veículo de reprodução, mas também de produção. Reproduz o machismo conservador e produz uma abertura nessa visão, favorecedora de mudanças na condição feminina. Realiza, portanto, um trabalho educativo ao apresentar práticas alternativas que consignam novos significados.

Essas práticas e os significados que comportam, ao circularem na esfera pública, estabelecem conexões entre o habitualmente vivido e outras possibilidades de

vivência. Ao fazê-lo, evidenciam que os controles não regulam a possibilidade de outras vivências femininas articuladas a outros padrões de sociabilidade. A resistência aos controles favorece novas formas relacionais, favorece a transformação do vivido em conformidade com a tradição conservadora.

O desenvolvimento de processos de libertação feminina exige o conhecimento de formas de ação libertadoras. O direito da mulher à palavra, à voz, a dizer, conquistado na circulação da revista feminina, evidencia uma experiência de autonomia, evidencia um processo de liberação e isso pode ser alcançado, por exemplo, através de ações contra-hegemônicas.

A Violeta representa, no plano da mudança da condição feminina, a possibilidade concreta de transformar estruturas de opressão e de mudança da situação da mulher para algo melhor, pois o jornalismo fomenta e desenvolve necessidades.

Gramsci, ao tratar da questão dos jornais adverte que:

Os leitores devem ser considerados a partir de dois pontos de vista principais: 1) como elementos ideológicos “transformáveis” filosoficamente, capazes, dúcteis, maleáveis à transformação; 2) como elementos “econômicos”, capazes de adquirir as publicações e de fazê-las adquirir por outros. (...) é necessário – quando se constrói um plano editorial – manter a distinção entre os dois aspectos, a fim de que os cálculos sejam realistas e não de acordo com os desejos pessoais. (GRAMSCI, 1991, p.163).

A Violeta, enquanto órgão de comunicação, preocupou-se com ambos os aspectos. As sócias do Grêmio recolhiam mensalidades e os demais leitores compravam a revista, como já vimos. Mas, ao construir o plano editorial da revista, visualizaram a possibilidade de captação de recursos através de doações em dinheiro e de doações em serviços de diagramação e impressão. Usaram seu poder de persuasão junto à sociedade política e junto à sociedade civil.

Da sociedade política, obtiveram apoio e serviços da Gazeta Oficial, uso de espaços de órgãos públicos e, indiretamente, a “boa vontade” (ou consentimento desconfiado) da imprensa. Da sociedade civil, como membros da elite local, obtiveram apoio e certa cumplicidade, uma vez que lhe interessava a mobilização

feminina na ação cultural, principalmente na realização periódica de festivais e outros eventos, dinamizando o cotidiano da cidade, oferecendo alternativas de interação social e de práticas culturais comuns aos grandes centros.

Porém, é no que concerne à percepção das leitoras como “elementos ideológicos transformáveis” que reside a força das redatoras d’*A Violeta*. Para poder chegar às leitoras e com elas estabelecer trocas, a revista procurou cooptar os setores sensíveis da direção cultural da sociedade, com vistas a assegurar a desobstrução de canais de interatividade.

Para isso, as senhoras e senhoritas que faziam a revista teceram um discurso cheio de ambigüidades, procurando ao mesmo tempo apaziguar desconfianças e abrir espaço à transformação. Exploraram a contradição.

Não posso afirmar, nesse momento, ao certo, em que medida essa estratégia se delineou a partir da concepção de um projeto anteriormente rascunhado por elas, ou se esse direcionamento se configurou no decorrer do processo. O resultado, porém, da existência do contraditório como elemento de percussão – intencional ou não – pendulou as ações e redações das autoras e editoras da revista entre a aceitação das funções sociais femininas determinadas pelo patriarcalismo e a possibilidade de construção de uma história identitária fundada no seio do universo feminino.

Contradição – é bom lembrar – é, ao mesmo tempo, uma categoria de análise e uma dimensão no movimento do real. A contradição expressa uma relação de conflito, na definição de uma coisa pelo que ela não é, pelo seu contrário. A contradição aponta o caráter inacabado que se inscreve no real; ao mesmo tempo em que exclui um ao outro, não permite que um exista sem o outro.

As contradições no processo de reprodução mostram o conflito. *A Violeta*, enquanto mediação entre o velho e o novo, vinculou o fenômeno do feminismo no conjunto de suas relações com os demais fenômenos da vida social. A revista

possibilitou conexões dialéticas entre a resistência machista conservadora e a exigência feminina de mudanças.

Esse jogo de ir-e-vir, em pontilhado, já se fez presente no primeiro número da revista. A Crônica de abertura procurava apaziguar desconfianças:

“A violeta” será antes o escrínio singelo que encerrará em cada uma das suas páginas os nossos primeiros ensaios na vida jornalística.

Vimos animadas das mais risonhas esperanças; abrimos a esta sociedade culta que de certo nos acolherá com benevolência, as nossas almas cheias de sonhos auri-rosados.

A alma moça necessita do affecto como a flor do orvalho; seja a *sympathia* que os nossos leitores nos dispensarem, o balsamo vivificador que nos suavizará nas agruras da *lucta*. (A Violeta, nº 1, p.1).

Na medida em que as mulheres da revista anunciam sua inserção através da seara jornalística – até então ocupada cativamente pelos homens – pedem a sua colaboração, benevolência e simpatia, como elixir revigorante para os próximos passos dentro desse universo a ser conquistado. É a própria busca do ser sem serem notadas.

A primeira matéria assinada por uma das senhoritas do corpo editorial, e que vem logo em seguida à abertura, muda o tom da “frágil” Violeta que na apresentação se mostrara necessitada de reforço e condescendência. Na matéria, intitulada “A educação da mulher”, leitoras e leitores se defrontam com *A Violeta* que propõe, fazendo emergir discretamente, uma narrativa contra-hegemônica da mulher secundizada.

Á mulher compete grande responsabilidade na sociedade (como) professora ou mãe, filha, irmã, ou esposa, a ella compete a mais espinhosa das missões humanas – a educação dos sentimentos. (...)

E, para conseguir uma educação tal que a prepare para ser uma verdadeira mãe de família, urge prepara-la desde cedo, não somente pra o adorno dos sallões ou para o encanto da família, mas também para encorajar serena e calma todas as lutas das quaes, freqüentes e muitas vezes, será ella a mensageira da paz social, da paz doméstica principalmente. (A Violeta, nº 1, p.2)

Não foi somente no discurso, mas, principalmente, ao se apoderarem do discurso que as escritoras e editoras da revista promoveram a mudança. No momento em que tomaram para si as rédeas daquilo que lhes compete ou não, pendularam contra-hegemonicamente e conquistaram espaço para construir seu papel social e individual. Discrição era requisito fundamental para a consecução do consentimento do outro masculino.

Na seção “Noticiário”, *A Violeta* agradecia, mas aproveitava para referir obstáculos enfrentados no fazer jornalístico feminino:

De todos os lados começou a surgir-nos obstáculos, que antes permaneciam como que incubados, visto que não incluíamos nas nossas phantasias.

Ao lado dessas barreiras, porém, surgiram incentivos animadores, aprovações entusiásticas que nos encheram de coragem para dar primeiro passo dúbio e incerto que bem estão observando ao correr d'estas páginas, os olhos argutos mas piedosos do leitor. (...)

Estamos prontas para a luta... luta tenaz e incançável com o trabalho...

Mas como a nossa idéia é bella e os nossos sentimentos sinceros temos esperança que Deus e os homens nos ajudarão a vencer. (*A Violeta*, nº 1, p.7-8).

Ao se referirem aos leitores no masculino e homens, buscavam cooptá-los; isso de maneira clara. No segundo plano, descortinava-se a leve acusação; ora, se o discurso era dirigido ao universo masculino, era dele que também se originavam as críticas do deslocamento de papéis que estavam promovendo no campo hegemônico. Vale lembrar que não era por ser masculino que se configurava somente na fala dos homens.

Mantendo o movimento pendular, *A Violeta* retomava a narrativa da mulher humilde e aquiescente:

O primeiro numero de *A Violeta* foi um sucesso.

O facto conforta e estimula, porque mostra que a nossa sociedade vae se interessando por assumpto das letras. *A Violeta* não

pretende nem mais nem menos que desenvolver o gosto pelos prazeres do espírito. (A Violeta, nº 2, p.10).

Ao registrarem o sucesso do lançamento da revista, suas editoras se apressavam em reiterar a garantia de que sua pretensão se restringia à literatura, “a desenvolver o gosto pelos prazeres do espírito”.

O cuidado em reforçar o propósito da revista, já expresso no primeiro número, apontava para a adoção da humildade como estratégia de sobrevivência, num ambiente de imprensa exclusivamente masculino. Os homens da imprensa, praticantes de um jornalismo político-social, há alguns anos passados já haviam sufocado e destruído *O Jasmim*.

É possível que essa humildade fosse meramente cerimoniosa, como convinha à etiqueta, recobrando um plano de abertura gradual a outros assuntos, além da literatura, inclusive assuntos de ordem política, terreno até então interdito a mulheres, na imprensa cuiabana.

De todo modo, o tom não era apenas conciliatório, como parecia ser. O uso do vocábulo “conforto” referia a consolo, que remetia à sensação de alívio, de bem estar.

Uma das casualidades que a inexperiência nos levou a cometer um lapso sensível na nossa modesta revista; foi sem dúvida não termos antecipadamente solicitado o benemerito apoio de cada uma a quem enviamos a “A Violeta”. Sabemos com verdadeira certeza que a aquiescencia de nossos trabalhos intelectuaes, embora ainda pequeninos e cheios de erros, será o perdão necessário e aguardamos convictamente a benemerencia dos leitores e desde já, consignamos como assignantes todos aquelles que não nos devolverem a revista no decorrer deste mez.

Aquelles que por um nosso descuido involuntário deixarem de receber a nossa revista, queiram nos endereçar as suas reclamações que recebem-as emos com prazer. (A Violeta, nº 3, p.12).

É interessante observar a esperteza das editoras, utilizando o pedido de desculpa às leitoras e leitores “comuns” a quem enviaram o primeiro número da revista, como recurso de venda de assinaturas.

Tais leitoras e leitores “comuns”, fora do círculo oficial, mas com status social e poder de compra, certamente constituíam o público alvo da revista e era conveniente dirigir-lhes a palavra, direta e pessoalmente. Nada mais oportuno que pedir desculpas publicamente, como forma igualmente pública de persuasão. No fundo da aparência de esquecimento, de pedido de desculpas, configurava-se uma postura incondicional de assinatura da revista.

Por entre palavras e expressões como “inesperiência”, “lapso sensível”, “modesta revista”, “benemérito apoio”, “perdão necessário”, “benemerência”, as editoras d’*A Violeta* dispararam o cheque mate: “desde já consignamos como assignantes todos aquellos que não devolverem a revista no decorrer deste mez”. E quem haveria de fazê-lo? Elas eram senhoras e senhoritas da elite local, portadoras de vínculos e laços com as esferas do poder. Além disso, a imprensa, as autoridades haviam recebido bem a revista.

A Violeta retomava a narrativa da mulher que se situava no mundo como sujeito e que, enquanto sujeito, tem voz, tem opinião:

Mas eu transportei meu pensamento até os lares desorganizados da velha Europa; por onde a guerra ateadada pelo facho das ambições inconfessáveis e das paixões humanas mal contidas, estendeu o seu manto cruel, tecido de lágrimas, deshonra e mortes. (*A Violeta*, nº 2, p.10).

Ainda que envolta num texto ingênuo e sentimental, a autora explicitava sua posição contra a guerra. A referência aos lares desorganizados como foco de produção de sentido do horror da guerra remetia ao feminismo ameno, sem ruptura com a visão da família como valor social inquestionável, posição que se alinhava plenamente àquela adotada pela patrona do Grêmio.

O que deveras deve ter impressionado, a mocidade patricia é a lei do sorteio obrigatório. Os nossos caros patrícios acostumados à vida calma e despreocupada dos bancos escolares, a ganhar o suficiente para manterem-se commodamente, sentem-se horrorizados ante a idéia de servir a pátria, como que tolhidos de sua liberdade de cidadãos durante esses longos tresentos sessenta e cinco dias. (*A Violeta*, nº6, p.1-2).

A crítica manifesta ao alistamento obrigatório como coerção, como restrição às liberdades individuais, evidenciava o desejo de autonomia de opinião, mais ainda, de expressão pública dessa autonomia. De maneira inteligente, a redatora utiliza-se de um assunto eminentemente do universo masculino para reivindicar a palavra e, com ela, a opinião.

Não se pode deixar de considerar essa busca de autonomia, expressa na prática comunicacional das redadoras, como uma manifestação de feminismo, num contexto conservador, afeito à ordem, aquiescente às decisões do governo central.

A Republica era o dourado sonho do povo brasileiro.

Nem podia ser outra a forma de governo adoptada em um paiz como este, cujos filhos descendem do índio bravo, valente, impavio, do portuguez audaz e corajoso daquelles tempos em que atiravam-se destemidos, os portuguezes, a incógnitos mares em busca de novas aventuras, do portuguez do tempo em que no dizer de Camilo Castello Branco "Portugal era mais portuguez".

A indole mesmo do povo brasileiro fazia-lhe sentir demasiado pesado o jugo da metrópole, pois elle queria viver em uma pátria livre, gosar das riquezas que lhe oferecia a Natureza, elle que tinha o direito incontestavel de chamar esta bem-fadada e invejavel terra - minha pátria.

Lucta renhida travaram os índios contra os homens brancos que lhes vinham roubar a terra; mas o terror das armas de fogo, o agrado em que cahiam alguns chefes e índios das tribus, já fazendo os casamentos de suas filhas com os portuguezes já servindo-se dos objectos de usos europeus que lhes eram fornecidos, fizeram com que muitas tribus se rendessem, firmando no Brazil o domínio portuguez.

Houve, em nossa cara pátria, desde os tempos coloniaes, uma terra onde bem se fazia sentir o poder da vontade popular.

Era Pernambuco, donde sahiram sempre solemnes protestos contra os que desejavam implantar o despotismo no Brazil.

Cinco lustros fazia que o protomartyr da Republica, o heróico Tiradentes, havia cedido o seu sangue em troca das frustradas idéias emancipadoras, nascidas em Minas em 1789, e já Pernambuco, representado pelos mais dignos dos seus filhos prepara-se para repellir com energia de então o predomínio que alguns portuguezes, senhores no governo lhe queriam impor, mostrando que, si em 1808 um povo recebera em festas o rei de

Bragança, esse mesmo povo se revoltaria si quizessem sobre elle exercer um predomínio brutal. (*A Violeta*, nº 6 p.2).

No texto acima, a articulista Maria Dimpina, oferece ao leitor crítico de agora uma rica possibilidade de análise relacionada ao pensamento feminino que interpretava em sua escrita. Em primeiro lugar, há que se ressaltar a sua apaixonada crença na liberdade como valor. O desejo de liberdade, feito luta por autonomia, reunia num mesmo crisol a audácia e a coragem dos portugueses navegadores, dos índios que lutaram contra os colonizadores, dos brasileiros que lutaram por sua pátria livre, das mulheres que – como ela – reconheciam naquele momento a vontade popular como fonte de poder, o protesto, as idéias emancipadoras como forma de participação política, a capacidade de luta contra práticas de impostura, de despotismo, como forma de expressão de emancipação feminina.

A citação oportuna e sutil de Camilo Castelo Branco demonstra, além de leitura dos clássicos portugueses, uma clara visão crítica relativizadora do discurso corrente na história oficial que idealizava os portugueses, os conquistadores, sem considerar a feição opressora do colonialismo. Essa mesma intenção relativizadora aparece em relação aos índios. A história oficial não lhes reconhecia o papel de sujeitos da história.

Maria Dimpina procurava resgatar esse papel e, ao mesmo tempo, procurava realçar a sua participação na construção do espírito de brasilidade, na construção dos ideais republicanos, através do seu exemplo de luta pela liberdade. Por fim, ressaltava e valorizava o povo como sujeito político coletivo, ao destacar que “si em 1808 um povo recebera em festas o rei Bragança, esse mesmo povo se revoltaria se quizessem sobre elle exercer um predomínio brutal”, tal como o fizeram anteriormente inconfidentes mineiros e revolucionários pernambucanos no século XVIII.

Nem tanto pelo teor, mas mais ainda pela tomada para si do discurso, da palavra como expressão de uma opinião no concernente ao político é que as moças

redatoras e editoras da revista auxiliavam e interferiam no processo de mudança social de seu tempo.

A *Violeta* reivindicava, empoderando a mulher, dando-lhe voz ativa:

Hoje, que já temos um Jardim aprasível, uma Bibliotheca, torna-se necessário a criação de um teatro. (A Violeta, nº 4, p.3)

A existência da biblioteca atestava um novo flanco de inserção da mulher, tangibilizando as práticas conquistadas, possibilitando avanços na ocupação feminina dos espaços públicos, permitindo-lhes a reivindicação de mais e mais espaços públicos onde essas práticas pudessem ser expandidas.

Quase todas as Capitaes têm um prédio estadual ou municipal destinado a esse fim. (A Violeta, nº 4, p.3).

Segundo Moura (1976), a prática do teatro tem raízes profundas na tradição cultural mato-grossense, remontando ao século XVIII. Desde então, já encenavam-se peças em Cuiabá. A peça *O Saloio Cidadão*, uma sátira inspirada em Molière, foi encenada a 14 de agosto de 1790 (MOURA, 1976, p.32).

O gosto pelo teatro foi sendo cultivado pelos cuiabanos, ao longo dos séculos subseqüentes. Karl Von den Steiner, quando passou por Cuiabá, em 1884, ficou admirado com a vida social e cultural da cidade. Registra ter assistido à peça *Caim e Abel* no teatro da Sociedade Amor à Arte, construído por um tenente da marinha.

Rubens de Mendonça (1975) registra que a Sociedade “Amor à Arte” desapareceu em 1894 quando desabou a casa onde funcionava seu teatro. No lugar do teatro foi construído um barracão de zinco, espaço em que se realizavam bailes elegantes e onde funcionou o Cine Parisien. Desde então, Cuiabá deixara de ter um teatro.

A reivindicação das redatoras d'*A Violeta*, entretanto, embora alinhada à tradição histórica cuiabana, não se reportava a ela. Articulava-se ao anseio de

modernidade, conferindo à construção do teatro, um sentido instrumental de modernização.

A Violeta opinava, reivindicando para o feminino o dote do pensamento e da expressão de suas idéias:

A tradição (das touradas) que o povo guardou até muito tempo, legada pelos nossos avós os portugueses, e pelos hespanhoes que se lhe seguiram, já não está de acordo com as nossas aspirações, com o nosso orgulho de viver no sentido das luzes. (...)

A lucta do homem contra o homem é dolorosa e dá uma idéa sombria do instincto do Ser intelligente a quem Deus concedeu a suprema graça da Razão; mas a lucta desse Ser contra o bruto é intensa loucura, um rebaixamento, uma morbidez de consciência, só digna dos cérebros ainda em formação dos bárbaros da Antiguidade.

As touradas em Cuiabá, não têm mais a sua razão de ser... (*A Violeta*, nº 12, p.1-2).

“O orgulho de viver no sentido das luzes” dizia respeito à modernidade. As touradas – enquanto manifestação da cultura tradicional – pareciam às redatoras uma prática que remetia ao passado, ao atraso. Entendiam que numa cidade moderna, capital de estado, não havia mais lugar para práticas como a tourada, considerada por elas como bárbara, como tradição de um passado distante, sem sentido em tempos modernos.

Entre as redatoras, muitas já haviam feito viagens ao Rio de Janeiro, capital do país, um dos centros de irradiação da onda de modernização iniciada no século XIX. No Rio não havia touradas, o que indiciava não serem elas condizentes com “as luzes” da modernidade.

A Violeta orientava e educava:

A educação é um ponto natural mas a instrucção é o resultado de um exemplo.

O aperfeiçoamento, a evolução, o progresso tem como factor unico a instrucção (*A Violeta*, nº 19, p.1).

Pode parecer, ao leitor de hoje, uma visão tradicional, uma vez que a educação está arraigada na vida contemporânea. Mas à época, pensar uma educação instrucional era progressista, pois extrapolava o domínio da educação doméstica, levando a um projeto de educação mais amplo, no contexto das novas demandas de modernização da sociedade.

O melhor meio (de educar seu filho) é reforçar na criança a sua tendência moral e desviar-a das más companhias. Incutas-se-lhe forte sentimento de confiança na sua própria força moral, de sorte que elle por si se envergonhe de praticar más acções.

Não o castigues sem necessidade imperiosa e esse castigo deve ser simplesmente e unicamente moral.

E é sobretudo o teu exemplo, minha querida, que deverás sobrepôr a todos os outros processos educativos.

Sê o límpido crystal onde se vá reflectir sem jaça o character do teu filho.

Dá-lhe franca liberdade de brincar e de exprimir seus sentimentos, e auxiliá-o mesmo fazendo trocas de ideias e pensamentos.

Procura dar-lhe o mesmo grau de desenvolvimento physico, intelectual e moral, até o momento em que te for necessário entregá-lo ao preceptor.

E, não para ahí a tua missão, continua a educá-lo, auxiliando o trabalho do mestre a quem o entregues.

Não há educação completa sem a cooperação da família e do professor.

Ensinar não é educar: isto cabe a ti, enquanto na escola, lá fora, o mestre procura ensinar. (A Violeta, nº 10, p.3).

A educação foi uma das grandes bandeiras empunhadas pelas redatoras da revista. Entendiam-na como importante forma de conquista feminina de autonomia. Essa bandeira já havia sido desfraldada desde o século XIX, por Nísia Floresta e já conquistara o apoio de frações da classe dominante, nos centros urbanos mais desenvolvidos, como Rio e São Paulo.

Júlia Lopes de Almeida, como expoente dessa luta, era uma de suas incansáveis batalhadoras. Com a autoridade de escritora consagrada, expunha publicamente sua defesa da educação feminina como forma de conquista de autonomia pessoal

e de desenvolvimento social. Sua voz firme se fazia ouvir em seus escritos, especialmente nas matérias que publicava em jornais do Rio de Janeiro. As editoras d'*A Violeta* encontravam na patrona de sua agremiação, a necessária referência para fazer da educação uma de suas mais importantes e persistentes trincheiras de luta pela autonomia feminina, pela modernização social.

Há um requinte no discurso proposto n'*A Violeta*, pois a transformação do discurso aparentemente tradicional – a presença da mulher na educação – em bandeira de luta não representava perigo eminente à dominação masculina. A contradição encontra-se no fato de que ao aparentar reforçar o papel tradicional, a revista ressignifica esse mesmo papel dentro do contexto da modernidade, de um projeto moderno de educação onde a mulher pudesse passar à condição de protagonista.

A Violeta, incorporando a sensibilidade de sua patrona pelas flores e jardins¹¹, estimulou o cultivo de flores, o cuidado com jardins, a defesa das árvores.

Numa terra de fertilidade prodigiosa como a nossa, onde cada semente encontra o humus exigido para sua germinação, é de admirar o pouco amor dedicado às plantas pelo cuiabano. (...)

É a jardinagem, o carinho e cuidado na sementeira, na transplantação, na poda, no enxerto, na preparação dos canteiros e na disposição das flores segundo a cor e a espécie que lança lastro na balança do sentimentalismo. (*A Violeta*, nº 21 p.1)

À penna da chronista vem agora a noticia de que uma pobre velha, ja bem velhinha, chora nos dias que correm, porque pretendem derrubar a figueira que sombrêa sua triste habitação. (...)

Mas a velhinha não concorda, crente de que a sua vida está presa à da secular figueira (...).

(...) a chronista dá a consolação de que as lagrimas fazem milagres...

Talvez o pranto salve a planta. (*A Violeta*, nº 5, p.1).

¹¹ Apaixonada por flores e jardins, o que na época ainda não se cultivava entre nós, Júlia escreveu um manual de jardinagem, *Jardim Florido* (1922). (TELLES, 2006, p.440)

É interessante anotar, porém, que além de incorporarem a sensibilidade de sua patrona pelas flores e jardins, as editoras d'*A Violeta* demonstravam sensibilidade para a questão da preservação, ao se solidarizarem com a velhinha na sua luta pela defesa da velha figueira que queriam derrubar; uma forma de valorização do sentimento feminino de cuidado, de zelo.

A Violeta informava, instruía sobre cuidados com os bebês, sobre saúde, veiculando matérias sobre tais temas, abordando assuntos relacionados à higiene e puericultura como o banho, o uso da balança para acompanhar o peso da criança, a alimentação, os cuidados do primeiro dia de vida, sobre os dois primeiros meses, sobre os cuidados do terceiro ao sexto mês; sobre cáries e saúde bucal, nos números 8, 9, 10, 11, 13, 14 e 15.

De certo modo, o ambiente educacional também sofria alterações de cunho macro-social, em consonância com o que acontecia não só em Cuiabá, no Mato Grosso, mas, principalmente, advinda dum movimento de natureza nacional, articulado ao processo de modernização mundial, com o advento dos tempos modernos.

Com o crescimento dos fluxos econômicos e, conseqüentemente, dos fluxos comunicacionais entre centro e margem, a revista *A Violeta* abordava educação, mulher, governo, política, economia, sociedade, cultura e outros temas de forma articulada e, também, dissociada dos acontecimentos dos grandes centros. Tradição e Modernidade se confundiam e se influenciavam nos escritos das jovens moças e senhoras do Grêmio Júlia Lopes.

O feminismo que elas advogaram se caracterizava pela ambigüidade. Não foi por acaso que escolheram Júlia Lopes como patrona. Elas acreditavam na possibilidade da libertação feminina não conflitual.

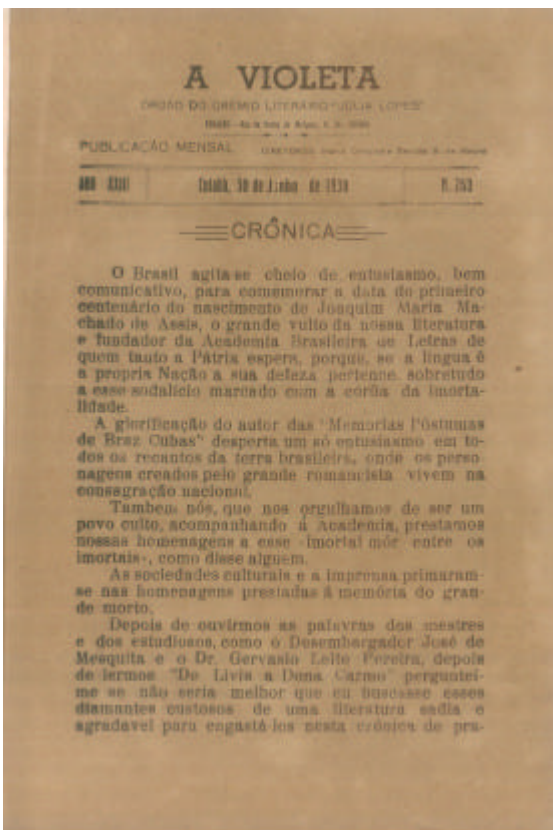
Era, na verdade, uma posição relativamente ingênua. Isso porque mudanças no estilo de vida, no modo de se portar, no modo de cuidar do corpo que timidamente estavam se processando na sociedade local – como evidenciaram o lançamento

d´O *Jasmim*, o corte do cabelo a *la garçon* – não se processavam sem conflito. Elas encontraram franca resistência e provocaram a hostilidade dos homens da imprensa, formadores de opinião.

Mas, esses mesmos fatos que tanto furor despertaram, também evidenciavam rupturas na visão de mundo hegemônica.

Novas formas culturais estavam em curso, constituindo-se e coexistindo com as formas tradicionais. As práticas comunicacionais do Grêmio Júlia Lopes de da revista *A Violeta* se inscreviam entre as que rompiam com o conservadorismo. Suas redatoras lançavam mão da escrita para rescindir a proposta conservadora da sociedade oligárquica, com a mentalidade patriarcal ainda dominante.

Capítulo IV – O Contexto da Modernidade e o Texto da Revista *A Violeta*



Exemplos ilustrativos das seções “Crônica” e “Noticiário” (Revista *A Violeta*, junho de 1939)

Para a análise e compreensão da revista feminina *A Violeta*, torna-se requisito necessário um esboço geral dos cenários e dos contextos em que foi gerada. Esse esboço, ainda que delineado com alguns poucos traços, tem a finalidade de compor uma linha de fundo, um horizonte sobre o qual poderei ressaltar certos aspectos da revista que perderiam sua relevância, se descolados desses contextos.

Cenário Internacional

Ao escrever a história do século, Eric Hobsbawm define como seus marcos temporais o ano de 1914, em que eclode a Primeira Guerra Mundial e o ano de 1991, em que desmoronam as instituições que buscavam balizar as relações internacionais e se estabelece uma forte tensão entre essas instituições e a barbárie econômica contemporânea deflagrada no bojo da globalização acelerada, desintegrando padrões de relacionamento social humano, quebrando elos entre gerações, entre passado e presente, promovendo o desencaixe do tempo e do espaço, como será desenvolvido a seguir.

Sob o impacto da extraordinária explosão econômica da Era de Ouro e depois, com suas conseqüentes mudanças sociais e culturais – a mais profunda evolução da sociedade desde a Idade da Pedra – o galho começou a estalar e partir-se. No fim deste século (século XX), pela primeira vez, tornou-se possível ver como pode ser o mundo em que o passado, inclusive o passado no presente, perdeu seu papel, em que os velhos mapas e cartas que guiavam os seres humanos pela vida individual e coletiva não mais representam a paisagem na qual nos movemos. Em que não sabemos aonde nos leva, mesmo aonde deve levar-nos, nossa viagem. (HOBBSAWM, 1995, p.25)

O breve século XX, como Hobsbawm o chama, deságua na sociedade de consumo, “essa sociedade formada por um conjunto de indivíduos egocentrados sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro, o prazer, ou seja lá o que for)...” (HOBBSAWM, 1995, p.25)

Para desenvolver sua análise, Eric Hobsbawm distingue três esferas na história do século XX: a Era da Catástrofe, a Era do Ouro e a Era do Desmoronamento.

Para os propósitos deste capítulo, limito-me a fazer uma breve incursão pela primeira e fazer tão somente uma ligeira menção à segunda, considerando que no período de circulação d'*A Violeta*, Cuiabá sofre, ainda que remotamente, efeitos de suas irradiações, filtradas nos centros nacionais de difusão de cultura.

A Era da Catástrofe é o tempo das guerras, Primeira Guerra Mundial (1914) e Segunda Guerra Mundial (1939). A guerra, segundo Hobsbawm, incita o pensamento beligerante, exige organização e administração, produção em massa, fabricação de armamentos, empréstimos e endividamento. Mas foi principalmente a economia dos Estados Unidos que se beneficiou de modo duradouro com as duas grandes guerras, tornando-se a primeira grande potência mundial.

Entre os efeitos negativos das grandes guerras, vale ressaltar a oficialização da tortura, o aumento da brutalização e da violência. Entre os efeitos positivos, vale ressaltar o da democracia política. Na medida em que o mundo se vê diante de cenários aterrorizantes e catastróficos, ocorre – paradoxalmente ou não – o enfrentamento da questão, fazendo emergir movimentos de contenção do avanço do embrutecimento do ser humano.

Entre as revoluções que ocorreram no interstício das duas grandes guerras, destaca-se a revolução russa e na sua esteira a adoção do regime socialista pelos países do Leste Europeu. Com a expansão do movimento internacional comunista, tentativas esparsas de insurreição armada ocorrem em várias partes do mundo, inclusive no Brasil (em 1935). Os Partidos Comunistas começaram a ganhar força política em vários países e o bolchevismo consolidou-se como tradição revolucionária, desdobrando-se em processo de descolonização, em criação e consolidação de partidos trabalhistas, em fortalecimento do sindicalismo.

Na Era da Catástrofe, valores e instituições do liberalismo entraram em colapso, pois o autoritarismo e as ditaduras ganharam fôlego, corroendo valores como liberdade de expressão, liberdade de publicação, de reunião. A razão e o debate

público, caros à democracia liberal, perdem eficácia e os regimes de pretensão totalitária, fascista, ganham terreno em vários países.

Na América Latina, a influência fascista se estendeu principalmente na Colômbia, na Argentina e no Brasil. A Depressão provocou a queda imediata do preço do café, produto dominante em nossa pauta de exportações, quebrando as finanças do país, provocando um desequilíbrio econômico com forte repercussão política sobre o poder oligárquico da República Velha, abrindo espaço para o crescimento e consolidação da liderança populista e nacionalista de Getúlio Vargas.

Por entre os escombros das grandes guerras, irrompe o modernismo, vicejando principalmente no campo das artes e da comunicação. O escândalo que Marcel Duchamp causa em meio aos amantes da arte convencional burguesa acende um rastro de pólvora e os protestos vão se espalhando em movimentos de vanguardas modernistas com repercussão cultural extraordinária.

O crescimento dos meios de comunicação de massa, da imprensa, do cinema, do rádio, dá suporte à difusão de novas idéias e costumes, gostos, novos modos de ver, de pensar, de estabelecer relações, afetando pessoas e grupos, promovendo profundas mudanças na vida cotidiana, nos modos de estar e ser no mundo.

A Era de Ouro que sucede à Era da Catástrofe, de acordo com Hobsbawm, inicia-se em 1945 e se estende até 1970. Embora apenas os primeiros anos dessa Era tenham rebatimento no período de circulação da revista objeto deste estudo, suas cintilações no mundo da cultura são bastante consideráveis no que concerne aos valores, aos deslocamentos nos focos de produção simbólica, à visão de mundo, ao estilo de vida, à moda, às artes, aos modos de construção da pessoa.

Mudanças culturais que começaram a se operar desde os anos vinte ganham força e velocidade, desembocando na revolução cultural que marcaria profundamente os anos da Era de Ouro.

Hobsbawm elegeu a família como foco de abordagem das mudanças culturais em profundidade operadas em todo ocidente. A estrutura das relações entre sexos e gêneros sofreu abalos tão fortes com o divórcio, o anticoncepcional, o trabalho feminino, que os arranjos básicos da família sofreram mudanças significativas, com reflexos acelerados no estilo de vida.

Modernidade no Brasil: e *la nave va*

No Brasil, como no mundo todo, a cidade constitui o assentamento de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais. Embora as cidades brasileiras, como as do chamado Terceiro Mundo, se ressentissem das bases estruturais que o desenvolvimento econômico propiciava às do Primeiro Mundo, elas se tornavam o ponto de inflexão em que o Novo e o Velho se intercomunicavam.

Entre os anos 20 e 50, uma onda de modernização começa a se configurar no Brasil e crescer com o arrefecimento do poder das oligarquias conservadoras, a expansão do capitalismo, a emergência de setores médios e liberais, o movimento modernista de 22, o movimento escolanovista defendendo a universalização do ensino médio público, laico e gratuito, a luta por escola para todos, a industrialização, o crescimento urbano, a difusão da imprensa, do rádio e a nova indústria cultural que começa a brotar.

Esses vetores de modernização, entretanto, não foram suficientes para garantir o desenvolvimento que deu sustentação à modernidade dos países centrais.

A renovação vagarosa das idéias produzia pouco efeito nos processos sociais e o modernismo que se instaura assume uma feição diferenciada, na medida em que configura uma modernidade sem modernização.

Nestor Canclini (2000), num estudo intercultural e interdisciplinar, aborda a questão tendo como foco a diversidade de estratégias que os países latino-americanos desenvolveram para entrar e sair da modernidade em situações em

que as tradições dos diferentes grupos ainda não foram perdidas e a modernidade ainda não se instalou inteiramente.

Canclini parte do pressuposto de que a modernidade não seja um 'estágio' inelutável do desenvolvimento. As hipóteses explicativas da especificidade do modo latino-americano de entrar e sair da modernidade são as seguintes:

- a) a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa as nações, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que tradição e modernidade se misturam;
- b) a modernização latino-americana, numa abordagem transdisciplinar, de ciências nômades, pode ser pensada de modo a superar a concepção do mundo da cultura em camadas, que opõe tradicional e moderno, culto, popular e massivo. Em vez de camadas, o fenômeno pode ser visto e entendido como hibridação;
- c) o olhar transdisciplinar sobre os circuitos híbridos entre os diferentes 'estratos' ou 'camadas' pode iluminar processos políticos em que operam poderes oblíquos contraditórios.

No caso brasileiro, é possível aproximar a tese das culturas híbridas com a tese da modernidade sem modernização.

Florestan Fernandes (1975), em sua análise sobre a construção da ordem social competitiva em nosso país, procurava ressaltar que a defasagem entre a transformação social e cultural e a transformação econômica é um dado forte do capitalismo ocidental, uma vez que essas transformações não ocorreram em todas as sociedades do Ocidente.

No Brasil, há uma defasagem evidente entre o desenvolvimento da esfera cultural e o crescimento das forças produtivas. A autonomização da cultura e o mercado

consumidor de bens culturais começam a ganhar consistência entre os anos 40 e os anos 50.

(...) esta impossibilidade de uma autonomização plena encontra um paralelo na dificuldade de formar um público de leitores. Para isso contribui de imediato a baixa escolarização e o elevado índice de analfabetismo. (ORTIZ, 1993, p.28)

Ainda de acordo com Ortiz, em 1920, setenta e cinco por cento da população brasileira era de analfabetos. Em 1940, esse percentual, embora baixando para 57%, continua avassalador à modernização do país.

O desenvolvimento brasileiro nas primeiras décadas do século XX se caracteriza pela descentralização e pelo enviesamento, ocorrendo de modo desigual. A modernização é aparente, pois as condições materiais desse desenvolvimento não existem, ocorre sem mudanças estruturais. A ordem industrial se implanta somente na década de 30, mas a ordem oligárquica conservadora ainda se mantém no poder, em várias regiões do país.

Algumas atividades vinculadas a uma cultura de massa se presentificam desde o início do século XX. É o caso da imprensa e, a partir de 1922, do rádio. Mas a sociedade urbano-industrial só iria se consolidar na década de 40, mesmo no Sudeste e no Sul, tendo o eixo Rio-São Paulo como ponto de inflexão.

Após o final da Segunda Guerra Mundial, a sociedade brasileira se modernizava com o crescimento da indústria e a expansão da urbanização. Mas essa modernização vai se operando em camadas. Por entre as dobraduras, o capitalismo tradicional resistia em grandes bolsões da sociedade nacional. O mundo moderno vai se infiltrando, florescendo nas grandes cidades.

Um olhar sobre a cidade, seu crescimento e evolução urbana é um modo bastante proveitoso de apreender os reflexos locais da modernidade.

Se em São Paulo e no Rio de Janeiro a modernidade vai desabrochando no crescimento e da melhoria da qualidade da vida urbana, e se difundindo na

nascente autonomização da cultura, na capital de Mato Grosso – Cuiabá – essa modernidade apenas se insinua, de modo pontual e desarticulado, numa dinâmica em mosaico, fragmentada e descompassada em temporalidades desconformes.

Cenário Mato-grossense

A sociedade cuiabana, na Primeira República e no Estado Novo, período em que a revista *A Violeta* circulou, guardava os valores da sociedade tradicional.

Um denominador comum, de indiscutível importância histórico-política na vida nacional desse período, foi a proclamação da República. Mas a instauração do Regime Republicano, entretanto, não chegou a operar transformações profundas. Na transição de trabalho escravo para o trabalho livre, plasmava-se uma sociedade caracterizada pela rigidez das classes e dos marcadores de posição social. Se esta é uma característica nacional, ela assume feição mais resistente em Mato Grosso.

A nova forma de governo não rompeu e nem superou as estruturas tradicionais de poder, a elas se conformando, de modo a reproduzir as mesmas condições anteriores. As mudanças que a República engendrou não chegaram a transformar a sociedade e a cultura.

O poder político era extensão do poder econômico. No novo cenário republicano, emoldurado na forma federativa, o poder central se vê na contingência de estabelecer alianças. A manipulação de votos pelos chefes locais permitia aos governadores a dominação dos votos, fortalecendo-os na correlação de forças com o poder central. Os governadores decidem a composição das câmaras federais e a eleição do Presidente da República, estabelecendo-se um compromisso entre o governo federal e os governos estaduais.

Com a Política dos Governadores, estabeleceu-se um arranjo político acentuando a vinculação das políticas federais com as estaduais, estimulando a expansão das oligarquias nos vários Estados, oligarquias essas que passam a articular-se tanto a nível

regional quanto no âmbito nacional, de forma escalonada, conforme sua capacidade de influência. Enquanto isso, na esfera municipal desenvolvia-se o coronelismo como base de legitimação e poder das próprias oligarquias, fechando o circuito de estrutura de dominação. (DANTAS, 1987).

O coronelismo se caracteriza como um fenômeno eminentemente republicano, de 'mandonismo' local, de constituição tridimensional. Do ponto de vista econômico-social, constituiu-se a partir de um tipo de dominação que se estabeleceu entre proprietários rurais e trabalhadores, sob a forma de dependência pessoal. Do ponto de vista ideológico, constituiu-se como um conjunto de representações que fortalecem e reforçam laços entre senhor e trabalhadores sob forma de reciprocidade assimétrica de proteção x lealdade e submissão. Do ponto de vista político, constituiu-se como empoderamento do proprietário rural no papel de intermediação entre a fração estadual da sociedade política e as massas de trabalhadores, no âmbito municipal.

Os coronéis ganham força, ampliando seu poder político à medida que asseguram ao poder central o voto de seu "rebanho eleitoral", (na expressão consagrada por Vítor Nunes Leal (1975)). Emergem as oligarquias regionais, e a elas se articula a política dos governadores. O acordo entre os Presidentes da República e os Governadores, garante o apoio dos governos aos políticos vinculados ao partido da situação, o que promove um acirramento da luta entre grupos oligarcas regionais, como ressaltou Raymundo Faoro (1987).

Em Mato Grosso, o processo político se harmonizava ao quadro dominante. As oligarquias locais se subsumiam no movimento hegemônico. As disputas e conflitos entre as oligarquias se aprofundaram, gerando um clima de instabilidade político-administrativa muito grande. Em 41 anos, passaram pela presidência do Estado de Mato Grosso 27 presidentes.

Duas oligarquias se alternavam na condução política do estado e o revezamento do poder se dava, via de regra, após lutas violentas entre os coronéis que as controlavam e os bandos que as integravam. A oligarquia do norte, cujo centro de poder estava instalado em Cuiabá, compunha-se de usineiros e fazendeiros. A

oligarquia do sul, com centro de poder localizado em Corumbá, era composta por grandes pecuaristas, por empresários de comércio exterior e pelos representantes da Companhia Matte Laranjeira – de capital estrangeiro – que explorava a erva mate e controlava com mão de ferro um território maior que o estado de Sergipe.

Durante a Primeira República, uma série de lutas armadas se sucederam e a violência imperava em Mato Grosso, sob a chancela dos poderes constituídos e das forças que se lhe opunham.

Nesse cenário de tensão política, desenvolveu-se a tendência local de atribuir à forma federativa a instabilidade decorrente das lutas políticas, dos movimentos armados que dominavam a cena regional. Siqueira (1990) destaca o Massacre da Baía do Garcez, a Revolução de 1906, a Caetanada como os movimentos armados mais importantes que irromperam em Mato Grosso, durante as primeiras décadas do século XX.

Os jornais da época denunciavam a instabilidade que essas lutas oligárquicas geravam. Eles próprios, porém, instrumentos das diferentes correntes de ‘mandonismo’ local, expressavam interesses e posições de facções e partidos políticos antagônicos, acirrando divergências, alimentando discórdias e rivalidades.

O jornal *A Reação*, por exemplo, órgão do partido político ligado à oligarquia do sul e de grande circulação no Mato Grosso, foi editado em Assunção. Seus diretores deram a seguinte justificativa: Publica-se na República do Paraguai por faltas de garantias (30 de junho, 1902 p.1). O escopo desse jornal era a incitação da revolta popular contra o governo da oligarquia rival.

O autoritarismo reinante e as violências das práticas políticas, entretanto, não estrangularam inteiramente a diretriz política de modernização emanada do governo central do país. Durante o governo de Antonio Paes de Barros, Mato Grosso participou de exposição na França, financiou expedições científicas, custeou a publicação de várias obras, aumentou a arrecadação do estado, no que

se refere ao comércio externo e interno. Essas medidas contrariavam os interesses oligárquicos dos coronéis da porção sul do estado.

As lutas políticas que culminaram no assassinato do governador Antonio Paes de Barros não cessaram após a sua morte. O Partido Republicano Conservado, o Partido Liberal e o Partido Republicano Mato-Grossense continuaram envolvidos numa luta sangrenta pelo poder.

Em 1917, depois de um acordo entre as lideranças políticas, o Bispo Dom Aquino Correa tomou posse no governo de Mato Grosso. O poder até então exercido pelos coronéis ou por representantes das oligarquias locais ganhou uma certa aura de neutralidade com a nomeação de Dom Aquino como interventor.

Segundo Siqueira (1990 p.163), durante seu governo de intervenção, houve aumento da imigração, fomento de núcleos populacionais às margens da ferrovia Noroeste do Brasil – no sul do estado –, incremento das atividades agropecuárias, aumento da oferta de empregos, surgimento de organizações classistas, deslocamento do eixo econômico Cuiabá-Corumbá para Cuiabá-Campo Grande, incremento das ações das forças armadas, corroborando para o desestímulo do coronelismo e do banditismo.

A cidade de Cuiabá

Meu olhar sobre Cuiabá tem como referência principal o recorte empreendido pelo arquiteto Júlio De Lamonica Freire¹². Trata-se de um trabalho que consegue abordar dialogicamente arquitetura e cotidiano da cidade em movimento. O seu objeto de análise e interpretação são os modos como os moradores de um conjunto de habitação denominado CPA se apropriam dos modelos padronizados das casas e as redesenam, rompendo esses padrões e conferindo às suas

¹²Dissertação de mestrado, intitulada “Por Uma Poética Popular da Arquitetura”, apresentada em 1988 à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, para a obtenção de diploma de Mestre e publicada em 1997, pela Universidade Federal de Mato Grosso

moradias formas e significados fundados no imaginário de morar e de morada articulados à memória social dos grupos e camadas a que pertencem.

Segundo Júlio, o ato de habitar uma casa padrão, monocórdica, dura e impessoal configura um embate entre morador e moradia.

Nesse embate, os moradores enfrentam a casa padrão com seus sonhos de moradia e vão relacionando signos do repertório arquitetônico que a memória social preserva e com eles empreendem a produção simbólica de seu próprio discurso arquitetural. Desmontam a casa padrão e, em sucessivas reformas, vão compondo o seu redesenho e construindo sua moradia-ninho, combinando signos do patrimônio cultural cuiabano de espaço e visualidade, reproduzindo metaforicamente a casa imaginada, enraizada nas lembranças de vivências de morar que a memória coletiva recolhe e mantém.

Para garantir fundamentos empíricos à sua análise e interpretação, ao longo do capítulo “Formação do Repertório” o arquiteto recompõe o processo de evolução urbana de Cuiabá, buscando apreender diferentes momentos de seu desenho, da sua arquitetura e do cotidiano de vida urbana da capital mato-grossense. É exatamente deste trecho de sua dissertação que passo a olhar o desenho da cidade à época da circulação da revista *A Violeta*.

No final do século XIX e primeiras décadas do século XX, a característica urbanística mais relevante é o adensamento da mancha urbana, sem ampliação de seu tamanho. O traçado das ruas torna-se mais nítido, o centro, o Porto e a localidade de Coxipó começam a incorporar novidades arquitetônicas dos grandes centros, com afastamento dos limites do lote, alpendre lateral, jardins e maior requinte das fachadas.

A base de sustentação material do adensamento da mancha urbana foi garantida pela extração da borracha e da poaia e pela produção de açúcar. O surto açucareiro promovido pela implantação de usinas à beira do rio Cuiabá e do rio Paraguai, com maquinário importado da Europa, e a exportação de borracha e de

ipeca, imprimiam vigor comercial à cidade, especialmente ao bairro do Porto e às ruas que o ligavam ao centro. O aquecimento da economia local estimulou o incremento de construções e a introdução de inovações arquitetônicas.

Casas alpendradas, com fachadas requintadas, incorporando o uso de relevos e balaústres, foram construídas nas principais ruas do centro e no Porto. Mas a arquitetura mais esplendorosa foi a das usinas e destilarias com seus grandes e imponentes sobrados.

O comércio se diversificava. Casas bancárias e empresas de importação, exportação e de serviços foram fundadas na cidade. Foi implantada uma empresa industrial – trazendo inovações tecnológicas para o beneficiamento de produtos agrícolas – com moinho de processamento de mandioca, descascadoras de milho e arroz, separadores e máquinas de lavagem.

A ação da iniciativa privada começou a ter maior expressão no desenvolvimento urbano de Cuiabá, mas é ainda ao setor público que cabia a iniciativa de edificações de maior porte e com maior apuro no projeto arquitetônico e no acabamento.

No largo da matriz, foi construído o Palácio da Instrução, ainda hoje uma das mais belas edificações da cidade. No Porto, foi construído o Grupo Escolar Senador Azeredo, de menor porte, mas com esmero semelhante ao do Palácio da Instrução. A fachada da matriz do Bom Jesus de Cuiabá foi reformada, ganhando mais uma torre e um novo frontão.

Foram implantados serviços urbanos como as linhas de bonde de tração animal, a ligação inicial de 200 telefones, as linhas telegráficas, serviços de correios e telégrafos, incremento de linhas de transporte fluvial, circulação de vários jornais.

É nesse clima de efervescência urbana que foi criada a revista feminina *A Violeta*.

Antes de abordá-la, porém, convém focar a posição da mulher nesses contextos, fazendo uma breve digressão sobre a diferença de gênero.

A Narrativa de Gênero e o Feminino Local

A tradição cultural envolve uma complexa teia de condutas, de detalhes de comportamento que desempenham papel importante na experiência de um povo, uma determinada sociedade.

A civilização ocidental emprestou à nossa cultura uma universalidade que tendemos a não considerar como histórica, para vê-la como centralidade do devir humano. A nossa sociedade, como toda e qualquer sociedade humana, nos impõe determinadas categorias de compreensão e classificação.

Uma das formas universais de articulação de mensagens é utilização do corpo como suporte de símbolos. Os símbolos nele impressos, todavia, variam de cultura para cultura.

A díade 'macho e fêmea' constitui um poderoso foco de produção simbólica, configurando socialmente significados de ser homem e ser mulher, expressos em idéias e representações sobre sexualidade, sobre masculino e feminino. Essas idéias e representações dão sentido às práticas e comportamentos que conformam culturalmente a diferença sexual. A construção social e cultural de sentidos da diferença rege as relações entre homens e mulheres ao longo da história.

A diferença de sexo passou a ser designada diferença de gênero, como forma de ruptura do discurso machista. O uso da designação gênero foi proposto por feministas anglo-saxãs para evitar a forte conotação biológica que o termo sexo comporta e que fica muito patente na expressão diferença sexual. Com o uso da expressão diferença de gênero, elas pretendiam enfatizar a conotação social da distinção. Conceitualmente, além de realçar o caráter social e cultural da

distinção, refere o caráter político dessas relações. Assim, o debate da diferença entre homens e mulheres sai do campo biológico para o campo social, o campo cultural e campo político, lugares de construção do sujeito.

Isto não quer dizer que se está negando as características biológicas dos sexos, mas esse não é o foco de interesse da discussão, uma vez que a valorização/desvalorização das pessoas com base na diferença sexual é socialmente, e não biologicamente construída. O conceito de gênero tem, portanto, enfoque relacional, afirmando o caráter social e cultural do feminino e do masculino sem, contudo, referir-se a papéis, e, sim, à hierarquização mediante a secundização da mulher.

Há mais de três mil anos a tradição judaico-cristã, de que as sociedades ocidentais são herdeiras, reserva ao homem uma posição central dominante, desenvolvendo o machismo como valor e como fundamento de diferenciação, de avaliação qualitativa. A cultura machista modela o comportamento, a conduta dos indivíduos através de regras e valores que atribuem ao homem posição dominante, e à mulher posição subordinada.

É bem verdade que as construções sociais do homem e da mulher se constituem por sobre corpos sexuais que apresentam características biológicas diferenciadas. Mas o modo como a diferença é apreendida, concebida e representada é que configura os sentidos que lhe são atribuídos e as regulações que lhe definem um lugar no sistema de posições sociais. A hierarquização das posições homem e mulher é que transforma a diferença de sexos em desigualdade dos indivíduos que os portam.

A análise da categoria sexo e dos papéis sociais sexualmente regulados, vem sendo balizada por três abordagens principais: abordagem culturalista, abordagem marxista e abordagem pós-estruturalista, com a qual os Estudos Culturais se alinham.

A abordagem culturalista privilegia a construção dos papéis masculino e feminino. A abordagem marxista privilegia o cruzamento de dois tipos de determinação: a determinação sexo e a determinação classe social. A abordagem pós-estruturalista privilegia a construção de identidades sexuais na perspectiva das formas como os sujeitos vivem a sua sexualidade, procurando romper com a rigidez das oposições macho e fêmea, masculino e feminino, e com a correspondência reducionista entre identidade sexual e identidade de sexo.

Nossa sociedade constrói simbolicamente a masculinidade, a feminilidade. Ser masculino e ser feminino têm como fundamento uma distinção da ordem da cultura, de seus símbolos e significados, manipulados nas relações de poder, o que remete essa distinção à ordem política. As relações entre os sexos são orientadas pela prevalência da masculinidade.

Na primeira república, entretanto, a discussão girava em torno de papéis e o papel do homem na vida social, embora fosse alvo de debates, ainda era socialmente referido no modelo hegemônico machista. Na outra ponta da alteridade, o papel da mulher na vida social, embora em movimento sob pressão das lutas feministas, ainda era relegado ao segundo plano.

A consequência da longa segregação da mulher e seu confinamento à esfera privada da vida social foi sua invisibilidade como sujeito histórico, econômico, político, social. O universo da mulher restrito à esfera doméstica era uma imposição machista, uma forma social de controle.

Pouco a pouco as mulheres foram rompendo os limites e gradativamente passaram a exercer atividades fora desse universo, trabalhando em fábricas, no comércio, nos hospitais, nas escolas, no serviço público. Mas as mulheres eram recebidas como estranhas nesse universo masculino e sofriam formas de sanção social por meio de salários mais baixos, da posição subordinada, por meio de violências simbólicas que iam da desqualificação jocosa à agressão degradante, questões que sobrevivem – guardadas as devidas proporções – até os dias de hoje.

A hierarquização das esferas de poder, bem como as representações de fragilidade e inferioridade associadas à mulher com base na diferença biológica dos seres, constrói a superioridade masculina e é manipulada estruturalmente, conferindo uma posição subordinada à mulher. Os movimentos políticos de libertação das mulheres conseguiram conquistas importantes nos vários campos da vida social, mas essas conquistas não foram suficientes para provocar rupturas na mentalidade machista, ainda dominante na sociedade cuiabana da primeira metade do século XX e, ainda hoje resistente em vários bolsões da sociedade brasileira.

A diferença de gênero demarca linhas de separação, regulando oportunidades e vantagens sociais, favorecendo o empoderamento dos homens e, em contrapartida, a subordinação das mulheres.

É importante ressaltar que já havia em Mato Grosso certa disposição social de concessão pontual à visibilidade da presença feminina. Sobre a questão, Bandeira (1988) registra comentários de viajantes, sublinhando a participação feminina como uma diferença notável em relação a outras áreas do país, em que as mulheres eram mantidas enclausuradas no interior da casa, fora do meio masculino de convívio cotidiano.

Com o recuo das atividades usineiras e da produção extrativista da borracha e da poaia, a economia regional entra em declínio e o crescimento da cidade entra num período de estagnação.

Com a diminuição da navegação, a falta de estradas, o cessamento das exportações, a transferência ou fechamento de empresas, muitos fluxos de comunicação foram sendo obstruídos. Curiosamente, o relativo isolamento em que a cidade emergia foi sendo compensado pela revitalização das práticas culturais tradicionais.

As festas populares do Divino Espírito Santo, de São Benedito, de São João; as cavalhadas e touradas do Campo d'Ourique; as

danças populares, religiosas e profanas como o cururu, dança de São Gonçalo, siriri, congo, cordões carnavalescos, batalhas de confete, representações teatrais, vive sua época de ouro.

A classe dominante também cultivava práticas de convívio social como as representações teatrais, as tertúlias e os saraus. (FREIRE, 1997, p.107)¹³

Nos anos trinta, a fisionomia da cidade apresenta poucas mudanças. Um novo momento de crescimento urbano vai se configurar na década de 40, no Estado Novo, com o projeto triunfalista da Marcha para o Oeste do Presidente Vargas. A política de integração do Centro-Oeste, em articulação com o capitalismo autoritário, patrocinando projetos de colonização interna, num movimento das frentes de expansão que ofereciam oportunidades de investimento da poupança interna e meios de reprodução do capital nacional, consignou volumosos recursos para sua consecução.

Como uma das figuras mais influentes da ditadura Vargas, Filinto Muller garantiu a nomeação de Júlio Muller como interventor do Mato Grosso. Garantiu, também, o aporte de recursos orçamentários para a realização de obras previstas no programa de investimentos da Marcha para o Oeste.

A modernização de Cuiabá, como parte desse programa, mobilizou recursos federais na construção da Avenida Vargas, do Grande Hotel, do Cine Teatro Cuiabá, dos edifícios da Secretaria Geral, do Tribunal de Justiça, do Colégio Estadual e do Quartel do 16º Batalhão de Caçadores. Foi construída a primeira ponte sobre o rio Cuiabá, ligando a capital à Várzea Grande, facilitando as comunicações com as cidades do oeste mato-grossense.

Essa febre de construções trouxe um novo alento à economia local, à vida da cidade e atraiu mão-de-obra especializada. A grande inovação foi a introdução, na cidade, de prédios com vários pavimentos, símbolo da modernidade dos grandes centros urbanos.

¹³ Sobre esse momento, memorialistas cuiabanos, como Dunga Rodrigues (1981), José de Mesquita (1978), Átila Delamonica (1992) fornecem informações valiosas.

Logo em seguida, porém, a década de 50 vai se iniciar sob o signo de um novo momento de estagnação, em cujo bojo evanesce a revista *A Violeta*.

Aproximações e distanciamentos entre o nacional e o regional: um olhar sobre os primeiros anos d'*A Violeta*.

Pelo enfoque da ação comunicativa entre *A Violeta* e seu público, é relevante ressaltar que o próprio surgimento de uma revista feminina na capital de Mato Grosso, um estado periférico, é, em si mesmo, um reflexo da modernidade, de mudanças culturais em trânsito na sociedade nacional e expressão local da emergência de novas relações de produção, circulação e consumo de bens simbólicos, pois a mídia impressa percute processos de mudança cultural na sociedade como um todo.

Não há, porém, como dissociar neste trabalho a discussão de modernidade e modernização da discussão de gênero. O fato da revista ser liderada, organizada e elaborada por mulheres, aliado ao fato da discussão acerca das questões de gênero irromper na era moderna, tornam intrínseca e recorrente a exposição dos aspectos do discurso da revista no que diz respeito tanto à modernidade e modernização, quanto ao gênero e ao feminino.

As jovens moças do Grêmio Literário Júlia Lopes, através de sua revista, buscavam construir sua identidade de mulher de seu tempo, ganhando voz e visibilidade social pelo exercício da atividade jornalística.

A postura feminina inovadora dessas jovens, para além da percussão da crescente luminescência das lutas femininas em nosso país, reproduziam e atualizavam uma cunha histórica de participação social da mulher mato-grossense. Segundo Bandeira (1988), essa cunha já fora observada e registrada por viajantes estrangeiros que passaram pela região no século XIX, entre os quais o francês Francis Castelneau.

As mulheres brasileiras nas outras províncias por onde andavam, nas casas em que eram recebidos, eram mantidas reclusas nas áreas íntimas, longe do olhar e do convívio com visitantes, permanecendo fora dos espaços e das atividades de interação social. As regras dominantes, até então, atribuíam à mulher uma posição secundária e essa secundização era atualizada através de valores culturais que lhes exigiam recato, resguardo, evitarem aparecer na presença de homens sem vínculo parental, principalmente visitantes estranhos.

De acordo com Bandeira (1988), a mulher mato-grossense não se enclausurava. Embora partilhando os valores dominantes, não os exacerbava na esfera doméstica das relações sociais. Bandeira enfatiza que Castelneau observou surpreendido essa peculiaridade, ao registrar que as mulheres participavam de refeições com os visitantes, e com eles mantinham certa convivialidade, adotando a postura recatada recomendável e uma prudente reserva, não se imiscuindo na conversa dos homens.

Nessa mesma linha de peculiaridade regional da conduta feminina mato-grossense, no século XIX, outros viajantes dão notícias de fazendas prósperas e de atividades mineradoras dirigidas por mulheres.

Com a tradição histórica de visibilidade feminina, acima ressaltada, não pretendo diminuir, nem desmerecer ou apequenar a iniciativa das moças do Grêmio Literário Júlia Lopes. Procuo tão-somente clarificar o enraizamento cultural de *A Violeta* na sociedade cuiabana do início do século XX, fortemente caracterizada pelo tradicionalismo, sob a perspectiva do contraditório que se configura entre esse meio social conservador e a sua boa receptividade a uma revista feminina.

O jornal *O Povo* (02.12.1916) se surpreendeu com o lançamento da revista, vendo-a como signo de progresso. O jornal *A Cruz* (24.12.1916) noticia o surgimento da revista, cobrando das senhoras e senhoritas que a fundaram a orientação moral e religiosa de sua infância. As boas vindas dadas à revista pelos órgãos de imprensa local, descritas anteriormente, refletem percepções diferentes dessa nova forma de participação social da mulher cuiabana: uma percepção

democrática, consignando uma visão progressista; uma percepção autoritária, consignando uma visão conservadora, na perspectiva moralista das convenções e normas.

Essa mentalidade, entretanto, não detinha hegemonia ideológica na comunidade cuiabana, o que permitia a iniciativa bem sucedida de criação de uma revista feminina.

A Violeta, ao longo de sua trajetória, nos revela – assim – a contradição entre a influência conservadora de valores religiosos e militares e a abertura ao novo, dando abrigo ao anseio de mudanças, tão presente no meio social mais amplo.

O novo se dá a ver nos efeitos de sentido que pontuam os escritos das moças que produzem a revista sobre questões que desafiam a humanidade, como a guerra, o feminismo; que desafiam a sociedade nacional, como o voto da mulher, o analfabetismo, a ampliação da rede de escolas públicas.

Um claro eixo de inserção na modernidade que a revista articula é a transformação que o movimento do conceito de espaço e tempo expressa, ao focar a mulher local, a mulher nacional, a mulher internacional em matérias com mensagens conflitantes em confronto com a imagem dominante de mulher conformada à ordem, à tradição, dando visibilidade à mulher que vota, à mulher que participa da guerra, à mulher que conquista assento no parlamento. Essa nova mulher não é uma possibilidade, tem existência concreta em outras sociedades e esvazia a imagem estereotipada da mulher sentimental, romântica, guardiã de valores, restrita aos papéis de mãe de família e de esposa.

Embora esse eixo seja significativo, ele não é dominante, pois a revista também valoriza e cultiva a mulher conservadora, tradicionalista, atualizando, reforçando e consolidando imagens da mulher.

Esse apego a valores tradicionais é bastante compreensível. Cuiabá, nas primeiras décadas do século XX, começava a apresentar tímidos sinais de

modernização em sua fisionomia urbana, sem grandes repercussões na mentalidade dominante.

A arquitetura e a urbanização são os veículos mais expressivos de mudanças, dando sustentabilidade a um novo modo de perceber o espaço, o tempo, o luxo e o consumo e a representação moderna do modo de vida, como expressado anteriormente.

O processo de incorporação de mecanismos de adaptação a novos padrões e à introdução de elementos paisagísticos na arquitetura residencial era geral. Reis Filho (1995), ao abordar as transformações da arquitetura brasileira que entraram em voga no final do século XIX, com o apoio dos hábitos e do conhecimento técnico de migrantes, afirma que

as primeiras transformações verificadas então nas soluções de implantação ligavam-se aos esforços de libertação das construções em relação aos limites dos lotes. O esquema consistia em recuar o edifício dos limites laterais, conservando-o freqüentemente sobre o alinhamento da via pública. Comumente o recuo era apenas de um dos lados; do outro, quando existia, reduzia-se ao mínimo. (REIS FILHO, 1995, p.44).

Essa descrição se ajusta perfeitamente às residências construídas no Porto e no centro de Cuiabá, nas primeiras décadas do século XX.

Nos primeiros anos d'A *Violeta*, o Porto de Cuiabá era bastante movimentado. Pelos rios Cuiabá e Paraguai trafegavam vapores, paquetes, lanchas. Os vapores maiores, após Corumbá, seguiam fazendo a linha de transporte entre Cuiabá e Rio de Janeiro, a capital do país.

A distância não impedia que por sobre as águas do Prata e do oceano Atlântico se estendesse uma ponte entre Cuiabá e Rio de Janeiro, viabilizada pela tecnologia da máquina à vapor. Por ela, iam e vinham, com notável freqüência, famílias abonadas, moças, rapazes, homens de negócio, estudantes de medicina, engenharia, direito, militares, funcionários, artistas, professores e professoras, altos dignatários da justiça mato-grossense.

A seção “Noticiário” da revista *A Violeta* dá conta desse trânsito de viajantes que iam e vinham pelos vapores Nioac e Coxipó, pelas lanchas Brasil, 13 de junho, Matto Grosso. A chegada de vapores, principalmente, era sempre um acontecimento de grande expressão no cotidiano da cidade.

Esse trânsito ampliava e acelerava os processos comunicacionais de trocas de informação entre diferentes agentes, a circulação de novas idéias, de novos textos culturais.

Levando em conta que o Rio de Janeiro, como capital do país, era um centro cultural gerador de significações, de apelos; um centro de difusão de processos comunicacionais, e que Cuiabá mantinha-se integrada a esse centro através de vínculos relacionais de ordens diversas, convém dispor alguns traços gerais sobre a sua vida social e cultural, quando da criação da revista *A Violeta*.

Nos anos de 1916 a 1918, alguns acontecimentos político-sociais, científicos e culturais marcam a vida do Rio de Janeiro, ressaltando uma série de melhoramentos urbanos, como a inauguração da Avenida Niemeyer; promulgação do Código Civil; primeiros projetos de leis sociais regulamentando o trabalho de menores; declaração de guerra à Alemanha; eleição de Rodrigues Alves; epidemia de gripe espanhola; fundação de vários jornais; início da Campanha Sanitária; fundação da Academia Brasileira de Ciências; gravação do primeiro samba (*Pelo telefone*, de Donga); fundação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; lançamento de livros de Rui Barbosa e outros autores; realização do I Congresso Brasileiro de Jornalistas; primeira designação de mulher para o serviço público; primeiras greves, manifestações estudantis, manifestações políticas, desfiles militares.

Na Rua do Ouvidor, na Rua da Carioca, na Praça da República, no Largo da Sé, no Largo de São Francisco e adjacências, enfim, no centro da cidade, bondes, coches, carruagens e os primeiros automóveis disputam espaço com os pedestres. Cafés, confeitarias, teatros, cinemas, clubes animam a vida carioca. O

jogo do bicho, o carnaval e o futebol já eram práticas consolidadas, difundindo-se as duas últimas como expressões populares de nossa alegria.

No início do século XX, a cidade passa por uma verdadeira operação 'bota-abaixo', da administração Pereira Passos, que – com objetivos de ordem higiênica – promoveu a derrubada de pardieiros e cortiços.

A cidade passa por reformas com a abertura da Avenida Central e da Avenida Beira Mar, construção de ruas transversais, urbanização de mangue e abertura da Cidade Nova, entre outras obras, implantando um novo parâmetro urbanístico. A nova arquitetura define-se a partir de uma estética importada, presentificada nas novas edificações de casas, construções verticais de prédios comerciais, edifícios com elevadores, palácios. A nova racionalidade urbana e o novo partido arquitetônico se inspiravam nas transformações urbanas de Paris ao final do século XIX e nos padrões urbanísticos e arquitetônicos americanos, símbolos de civilização e riqueza que nossa oficialidade pretendia imitar.

O Rio de Janeiro tem presença marcante na obra ficcional de Lima Barreto e nos escritos jornalísticos de seu contemporâneo João do Rio, bom como nas crônicas para revistas e jornais escritas por Machado de Assis.

Esses três homens de letras nos legaram um extraordinário retrato da cidade, tanto sob a dimensão de sua fisionomia urbana, como sob a dimensão social, cultural e política de sua vida cotidiana, vista e vivida pelos seus diferentes atores sociais.

Quando do advento dos bondes elétricos – marco da *Belle Époque* e peça-chave na metropolização das cidades, segundo Sevckenko (1998) – Machado, por exemplo, narrou em várias crônicas as diferentes percepções que tinha ao observar o alvoroço causado pela novidade. Era patente a sua relutância em relação à nova máquina e a alteração comportamental que causava tanto nos que dela se beneficiavam quanto nos transeuntes que atravessavam a pé as ruas da cidade; tanto relutava que em uma de suas crônicas deixa claro que a primeira

visão que teve de um bonde elétrico foi quando voltava da praia em um bonde comum.

Anteontem (...) vindo pela praia da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar.

Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não eram as prendas físicas que lhe davam aquele aspecto. Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a eletricidade (Machado de Assis *apud* SEVCENKO, 1998, p.549).

Na outra ponta do eixo centro-margem, as redatoras da revista *A Violeta* viam a novidade pela perspectiva do progresso e da modernização de maneira mais positiva.

Brevemente, diz-se, teremos uma Companhia de Bonds electricos que fará um percurso de cerca de doze kilometros pelas principaes ruas de nossa urbs verde, passando uma linha pelo gracioso Bosque Municipal, e mais tarde talvez outra que se estenda até o Coxipó. (*A Violeta*, nº 9, p.1).

Ao noticiarem a substituição da linha de bonde com tração animal pela linha de bonde elétrico, as redatoras aproveitaram a oportunidade para sutilmente reforçar a necessidade de uma linha para o Coxipó, bairro distante do Porto e do centro da cidade. O aumento das demandas de locomoção em Cuiabá, assim como o alongamento das distâncias, propiciava às redatoras o exercício de uma escrita que denotasse o anseio pela modernização da cidade. O fluxo e a velocidade – não só das pessoas, mas, também, da comunicação – são elementos engendrados na Modernidade e, dela, propulsores.

Afonso Carlos Marques dos Santos, Francisco de Assis Barbosa, Joel Rufino dos Santos e Paula Bieguelman (1983)¹⁴ nos oferecem um extraordinário panorama da cidade que o escritor tão bem e tão profundamente conhecia e amava. Realizaram uma pesquisa primorosa procurando apresentar, de modo articulado,

¹⁴ Publicação, em dois volumes, patrocinada pelo Instituto Municipal de Arte e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro, intitulada *O Rio de Janeiro de Lima Barreto*.

o Rio de Lima Barreto, a leitura que fazem da visão barretiana e uma rica iconografia da cidade. Percorrendo minuciosamente a obra de Lima Barreto, buscam desentranhar a paisagem e a alma do Rio presente na sua ficção, no seu jornalismo e na sua memorialística.

Para os propósitos deste trabalho, entretanto, tomaremos João do Rio como referência no esforço de identificar aproximações e distanciamentos entre o centro e o regional local de Cuiabá que as moças do Grêmio Júlia Lopes nos apresentam em seus escritos.

Não tenho nenhuma pretensão comparativa das produções literárias de João do Rio e das escritoras cuiabanas que produzem a revista feminina em exame. Tomo João do Rio como referência para traçar uma linha de fundo, para compor um horizonte sobre o qual possa, com alguma base empírica, melhor evidenciar aproximações e distanciamentos que se me afiguram recortáveis a partir da leitura da “Chronica” que abre os trinta e seis primeiros números da revista *A Violeta* e do “Noticiário” que comumente a encerra.

Como profissional da imprensa, jornalista e repórter, João do Rio serve-se da crônica para registrar com argúcia, clarividência e espírito crítico o cotidiano e as transformações do Rio de Janeiro, reportando-me principalmente ao estudo que Renato Cordeiro Gomes (2005) fez de sua obra.

A crônica, conforme Antonio Cândido nos ensina, além de dotada de simplicidade, brevidade e graça,

... não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. (...) “Graças a Deus”, – seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. (CÂNDIDO, 1992, p.13)

É exatamente esse ‘rés-do-chão’ que persigo ao escolher a seção inicial d’*A Violeta*, intitulada “Chronica”, bem como o “Noticiário”, porquanto vão nas

minúcias do cotidiano comum, possibilitando o estabelecimento do íntimo social das pessoas e sua relação com as coisas e as outras pessoas.

Ao examinar as crônicas e os noticiários não assumo, portanto, um enfoque literário *stricto sensu*, mas, sim, um enfoque comunicacional. Tendo presente que comunicação é relação entre sujeitos que trocam mensagens (Matino, 2001), comentários feitos pela revista pontuando certos acontecimentos evidenciam que as escritoras e leitores compartilham uma província comum de significação da modernidade e da modernização, perspectivando transformações e mudanças urbano-culturais nesse sentido, como evidencia o teor de comentários feitos na crônica que abre o número 09 da revista:

- a) sobre o festival de caridade que o Grêmio Júlia Lopes realizou em benefício da Santa Casa de Misericórdia, com programação musical:

Enquanto lá fora a chuva miúda e imertinente cahia incessante, o salão nobre do Palácio da Instrucção, profusamente illuminado e garridamente enfeitado, regorgitava, literalmente cheio, d'uma sociedade culta e selecta que applaudia com boas gargalhadas e palmas as engraçadíssimas conferências e a música harmoniosa conscientemente interpretada pelos muito hábeis musicistas.

Para o Grêmio essa concurrencia no sabbado, apesar da chuva, foi uma apotheose!

É a victoria do gosto pela arte, sobre a apathia que ameaçava invadir a alma já por si nostálgica do cuiabano.

Em realidade parece que já podemos gritar bem alto que Cuiabá progride. (p.01)

- b) sobre a previsão de instalação de uma Companhia de bondes elétricos:

Brevemente, diz-se, teremos uma Companhia de Bonds electricos que fará um percurso de cerca de doze kilometros pelas principaes ruas da nossa urbs verde, passando uma linha pelo gracioso Bosque Municipal, e mais tarde talvez outra que se estenda até o Coxipó.

Como será bom, então, numa dessas insípidas noites de verão dar-se um giro de bond e depois ficar-se lá pelo Bosque até muito tarde, saboreando um sorvete ou uma limonada em mesinhas redondas dispersas aqui e ali pelas alamedas (...) (p.01)

c) sobre a próxima inauguração do Cinema Parisien:

E um Palco também se abre!

Os empresários do Cinema Parisien pretendem inaugurar no próximo dia 21 uma nova sala de diversão.

Um cinema com toda comodidade e conforto, que poderá também ser transformado num palco à disposição dos que queiram trabalhar pela arte de Thallic, será certamente um ponto de reunião de gente chic, e um grande passo avançado no caminho do progresso (p.02).

d) sobre a ansiedade pelo progresso:

A cronista só espera que a realidade não se faça tardar, para que com os outros possa dizer bem alto que Cuiabá progride (p.02).

No entendimento reducionista de modernidade e modernização como progresso técnico, comum ao centro e à margem, configura-se uma clara aproximação entre o nacional e o regional, como dão a ver a escrita da cronista d'*A Violeta* e a crítica que João do Rio faz ao apagamento do velho Rio nas operações de 'cirurgia urbana', nas demolições e descaracterizações que se faziam a pretexto da modernização da cidade.

Outra aproximação relativa à valorização do modelo exógeno e da construção de sentidos do convívio social mais restrito, presente na sociabilidade comum à elite, pode ser apreendida nos comentários mundanos da cronista d'*A Violeta*, e na ironia de João do Rio ao artificialismo da cópia, ou nas crônicas em que aborda a trivialidade do chamado mundo elegante, o fascínio pelo brilho dos salões que encanta a camada privilegiada da sociedade carioca, em que o assunto é a moda, o chá, o *footing*, o *flirt*, a dança, a alegria transitória, com que se empresta significado efêmero à vida.

Alice dos Santos era um caso de frivolidade mundano e sensual comum. Passara até os vinte e três anos na província, com a atenção voltada para a vida elegante da capital. Fizera assim uma idéia exagerada de tudo: da moda, dos divertimentos, dos homens, da liberdade, dos costumes, acreditando em quanta fantasia lia nos jornais e em quanta invenção narram os provincianos de volta, para se darem ares. Os seus modos causavam impressão. Ela os tinha, entretanto, porque os

considerava extremamente cariocas. Ao casar com Arcanjo, muito mais velho e pobre, posto que com posição política, casara com a mira de vir instalar-se no Rio, desejo a que se recusara sempre o velho estancieiro, seu pai; e não só para gozar os refinamentos da cidade como para dominar e ser a primeira entre as senhoras faladas pela beleza, pela fortuna e pela posição. O cuidado com que se comparava à fotografia das grandes damas dos jornais ilustrados para se achar melhor sempre! A pertinácia com que estudava os *magazines* mundanos a tecnologia, a língua confusa da alta-roda, aliás tão limitada! Quando chegou, não quis usar nenhum dos antigos vestidos, nenhum dos antigos chapéus, que, entretanto, já eram grandes. Esteve incógnita oito ou dez dias, à espera de *tiolettes* estupendas (João do Rio *apud* SEVCENKO, 1998, p.540-541).

Nos diversos números examinados, *A Violeta* reserva espaço para a trivialidade descompromissada em várias seções. Dão destaque ao *pic nic* e outros divertimentos organizados por oficiais do 16º Batalhão de Caçadores sediado em Cuiabá; as *soiées* dançantes em casa de oficiais ou de pessoas da elite cuiabana; a fofocas sobre a vida afetiva, sobre *flirt*, namoro; a trajes e complementos usados pelas mulheres; ao *footing* no jardim da Praça Alencastro.

Mesmo quando se percebem como sujeito ativo do processo de modernização, sua visão se perde pelo fascínio da frivolidade e do *glamour* dos salões.

A nossas festas, não somos nós os que dizem – têm um atractivo especial, lembram qualquer cousa dos centros mais civilizados, naquelle desfilas de senhores e senhoras em toillettes finas que sobem e descem as escadarias illuminadas do Palácio da Instrucção, satisfeitos nesse rendez-vous social, que nós as do “Grêmio” sabemos proporcionar-lhes (*A Violeta*, nº 15, p.02).

Um distanciamento significativo se situa ao nível do modo de apreensão do local que o cronista do Rio e as cronistas de Cuiabá expõem na sua escrita. A Cuiabá das crônicas d’*A Violeta* é a cidade asséptica da elite, dos abonados, das famílias endinheiradas ou das camadas médias herdeiras do prestígio político ou social de seus ascendentes.

As ruas e os cidadãos comuns te pouquíssima validade. No número 18, a cronista comenta a chegada da chuva, enfatizando que diminui a poeira das ruas. A gente comum é indiretamente evocada quando fazem alusão aos desfiles cívicos, às touradas, às festas de São Benedito e do Divino, às festas juninas, na medida em

que é essa gente que garante a realização, a continuidade e o brilho dessas festas. Mesmo assim, incorporando uma postura civilizatória equivocada, no número 12 colocam-se contra a realização de touradas, sem apresentarem qualquer razão que a justifique:

As touradas de Cuiabá, já não têm mais razão de ser (p.02).

Contraditoriamente dão realce ao *footing* nas touradas, comentando *flirts* e trajés, ressaltando a elegância dos ocupantes de camarotes.

O modo de apreensão do local é fundado na visão tradicional de comunidade fundada nos laços de família. Cuiabá é percebida como uma comunidade estamental, vista de dentro do estamento dominante a que pertencem. Como diria Bauman, uma comunidade bem tecida de “biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação freqüente e intensa” (BAUMAN, 2003, p.48).

O modo de apreensão do local que João do Rio expressa em suas crônicas é fundado na visão crítica da sociedade de classe, na heterogeneidade do urbano, na inclusão e exclusão que regem os processos de interação cidadina. A rua, suas margens, mendigos, prostitutas, crianças infratoras, malandros, operários, trabalhadores da estiva, acampamentos da miséria povoam suas crônicas. João do Rio mostra como a cidade e a vida urbana vão sendo envolvidas num processo de modernização periférica, uma modernização sem as mudanças estruturais necessárias, sem rupturas na lógica da exclusão.

Não é que faltasse sensibilidade às redatoras d'*A Violeta*, ou que lhes faltasse conhecimento sobre problemas sociais. Tanto é assim que abordam questões relativas à educação como valor, à necessidade de disseminação da escola pública, à função formativa e informativa da comunicação social, ao feminismo.

No número 19, por exemplo, ao noticiar a aprovação, na Inglaterra, da Lei que institui o voto feminino, a cronista tece o seguinte comentário:

É muito justo que as mulheres votem. Não se regem pelas mesmas leis, não pagam elas os mesmos impostos e não estão elas sujeitas às mesmas penalidades dos códigos? (p.09)

A crônica do número 22 também comporta um teor feminista, elogiando o protesto que mulheres mineiras fizeram contra o alistamento militar obrigatório.

O modo de apreensão do local que as moças do Grêmio denotam em sua escrita subordina-se a uma lógica da ordem, determinante de uma sociabilidade alicerçada na moral religiosa e nos valores positivistas, do liberalismo, do cientificismo e do progresso.

Não se pode deixar de reconhecer que essas moças, através da revista, funcionaram como intérpretes, como decifradoras de códigos modernos, daí a preocupação com a divulgação de informações de higiene e puericultura, no sentido “civilista” de acesso a conhecimentos, para a promoção de mudanças das técnicas de cuidado da criança.

As crônicas d'*A Violeta*, de certa forma são um registro da maneira como a sociedade cuiabana da época percebeu o choque do ‘novo tempo’ com as instituições tradicionais arraigadas no modo de vida local. Em alguns casos, de maneira até desprezenciosa, como nos lembra Antonio Cândido:

É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram no fundo do significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social (CÂNDIDO, 1992, p.18).

Não se pode deixar de reconhecer sua atitude progressista ao repercutir na revista as idéias feministas, anseios de progresso técnico, de desenvolvimento econômico e social, de mudanças culturais. Mas essa atitude embala-se na crença na industrialização, na tecnologia, na racionalidade e na modernização urbana como benefícios indiscutíveis, como canais de realização da esperança no futuro.

Considerações Finais

Tendo como referência os Estudos Culturais na abordagem d'*A Violeta* como produção cultural e como prática comunicativa, procurei desentranhar das suas páginas as formas sociais e culturais que deram substancialidade empírica à orientação feminista dominante nessa revista feminina.

Parece claro que a influência do feminismo ameno preconizado por Júlia Lopes de Almeida, patrona do Grêmio que produzia a revista, era o cimento que unia o conjunto dos textos veiculados nos números analisados.

Busquei interrogar o motivo e o sentido feminista da revista, empreendendo um esforço de apreensão do latente, do subterrâneo, do não dito nas entrelinhas e nas dobras dos textos, desencavando motivações e sensações na escrita desarmada das moças e senhoras do Grêmio, por meio de uma metodologia qualitativa, a partir de um agregado entre texto e contexto.

Capra (1997) e Hobsbawm (1995) ressaltaram a liberação feminina como uma das conquistas mais importantes do século XX, dentro do processo de modernização, diretamente ligada aos aspectos da modernidade. Uma das questões mais instigantes que se colocam ao pesquisador do campo da comunicação – para além do entendimento das forças que abalaram o sistema de crenças que fundamenta a cosmovisão masculina – é o esclarecimento das formas como a instituição patriarcal vem atuando por mais de três mil anos.

Um dos temas prioritários de pesquisa ainda é investigar a maneira pela qual essa instituição vem se rompendo e, mesmo assim, mantém-se residualmente operante, não só na sociedade brasileira, mas em muitas sociedades ocidentais, marcadamente as latino-americanas. Setores dessas sociedades caudatárias da civilização ocidental teimam em manter suas crenças no poder e supremacia do homem.

A força masculina ainda latente ou manifestamente observável em nossa sociedade e cultura, no parlamento, no judiciário, no executivo, nas grandes empresas, engendra o discurso social que alicerça práticas culturais formantes do feminino, ainda impregnadas de mecanismos geradores da submissão.

O estudo de uma revista feminina editada fora do centro fornece elementos preciosos para entender o processo de libertação feminina frente ao conservadorismo religioso e à persistência de padrões tradicionais de pensamento do lugar social da mulher. Este estudo revela um matiz da luta das mulheres para a construção de sua subjetividade por meio do uso da palavra escrita. Fazendo um jogo de espelhos em que a imagem dessas mulheres cuiabanas que editavam *A Violeta* possa se refletir no espelho dos deslocamentos conservadores do feminino no século XXI, percebe-se força e a importância dos processos comunicacionais em que essas mulheres se envolveram, no início do século XX.

O diálogo promovido entre margem e centro também foi de grande relevância para o desenvolvimento do discurso das redatoras e editoras da revista, pois, na medida em que havia forte presença dos ritos socioculturais tradicionais, seus vetores não podiam deixar de considerar a natureza inovadora que envolvia os pólos modernizadores no início do século XX.

O movimento pendular do discurso das redatoras e editoras da revista nada mais foi do que o reflexo de um tempo híbrido, em que a sociedade local se via atrelada aos modos de produção de sentido calcados no domínio masculino do poder e que, ao mesmo tempo, encontrava-se ávida por mudanças vindouras dos grandes centros, como a modernização e a nova configuração da sociedade a partir do advento da Modernidade. Foi nesse hibridismo espaço-temporal que essas mulheres se fizeram 'ouvir' a partir de suas falas, escritos e opiniões veiculadas em *A Violeta*.

Nas páginas d' *A Violeta* pulsam a vida, os projetos, as conquistas, os sonhos, as idéias, as esperanças das mulheres que a faziam. Elas permitem ao leitor ver, ouvir e sentir como essas mulheres viveram, como era o mundo que as cercava.

Como bem lembra Del Priore (2006, p.07), a posição social da mulher promove infindáveis interfaces no âmbito das instituições e das relações (família, criança, trabalho, educação, mídia, literatura). Enquanto indivíduo, sua história também é a do seu corpo e da sua sexualidade, das agruras e felicidades, dos caminhos e des-caminhos que percorreu por todos esses anos, em busca da afirmação de sua posição, de sua autonomia.

Esse é o significado maior deste trabalho: resgate do sentido de duração de um processo de mudança cultural em tempos em que a velocidade, imediatismo e a fragmentação das práticas comunicacionais obliteram a compreensão do processo social da comunicação. Trilhar este caminho, por isto mesmo, foi ao mesmo tempo um esforço de estudo e pesquisa e uma espécie de peregrinação pessoal em busca da relíquia do sentido fundante da reciprocidade masculino-feminino.

O projeto de libertação da mulher tem como corolário a libertação do homem. Conseqüentemente, torna-se imperativo que os homens participem da construção desse projeto; liberando a mulher para o gozo de sua própria autonomia, liberta-se o homem, liberta-se a sociedade.

Bibliografia

A Violeta. Revista Feminina. Cuiabá. Números 01 a 36.

ALVES CORREA, Sylvia. **Mulher, trabalho e educação: diferença de gênero e magistério primário em Cuiabá (1889-1945).** Dissertação de Mestrado. UFMT, 1991.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território Negro em Espaço Branco.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BARROS, João Moreira de. **Cuiabá e seu Passado.** Cuiabá, 1982.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto.** São Paulo: Perspectiva, 1993.

BAUMAN, Sigmund. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Trad. Plínio Dentzien. Rio: Zahar, 2003.

BOGDAM & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às Ciências da Comunicação.** Bauru: EDUSC, 1999.

BRUSCHINI, Maria Cristina A. & ROSEMBERG, Fúlvia. **Vivência: história, sexualidade e imagens femininas.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

_____. **Consumidores e Cidadãos; Conflitos Multiculturais na Globalização.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CÂNDIDO, Antonio [et al.]. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. **Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do Antropólogo.** Brasília: Paralelo 15, São Paulo: Editora UNESP, 1998.

- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. Carla Bassanezi (coord. de textos). 8ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.
- ELKIN, Frederick. **A Criança e a Sociedade: O Processo de Socialização**. Trad. A. Blaustein. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Estudos Culturais: uma introdução* in Silva, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.151-170.
- FERREIRA, Giovandro Marcus. *As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa*. in HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). **Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis (RJ) Vozes, 2001, p.99-116.
- FRANÇA, Vera Veiga. *O Objeto da Comunicação / A Comunicação como Objeto*. in HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). **Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis (RJ) Vozes, 2001, p.39-60.
- FREIRE, Júlio De Lamônica. **Por Uma Poética Popular da Arquitetura**. Cuiabá: Ed. UFMT, 1997.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro, Brasília: Livraria José Olympio Editora/INL-MEC, 1980.
- GEERTZ, Clifford – **A Interpretação das culturas**. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e indústria cultural: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões**. Petrópolis: Vozes, 1974.

- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3ª ed., Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.
- HELLER, Bárbara. *Jardim Fechado: a voz das leitoras da Revista Feminina*. in BALOGH, Anna Maria [et al.] (org.). **Mídia Cultura e Comunicação**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002. p.217-226.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX. 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOHNSON, Richard. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* in Silva, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.07-131.
- MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MARTINO, Luiz C. *De qual comunicação estamos falando?* in HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). **Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis (RJ) Vozes, 2001, p.11-25.
- MATTELART, Armand & Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *O fim das casas-grandes*. in NOVAIS, F (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Volume 02. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- MENDONÇA, Estevão de. **Breve Memória sobre a Imprensa de Mato Grosso**. Cuiabá, EdUFMT, 1965.
- _____. **Datas Mato-Grossenses**. Volume I. 2ª ed. Cuiabá: Editora Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso, 1973a.
- _____. **Datas Mato-Grossenses**. Volume I. 2ª ed. Cuiabá: Editora Casa Civil do Governo do Estado de Mato Grosso, 1973b.
- MENDONÇA, Rubens de. **Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. 3ª ed. Cuiabá: Edições Igrejinha, 1975.
- MOURA, Carlos Francisco. **O teatro em Mato Grosso no século LXVIII**. Belém: SUDAM/Edições UFMT, 1976.
- NADAF, Yasmin J. **Presença de Mulher: Ensaios**. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.
- _____. **Sob o signo de uma flor**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

- NELSON, Cary, TEICHLER, Paula & GROSSBERG, Lawrence. *Estudos Culturais: uma introdução*. in: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1992
- ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita: a Tecnologização da Palavra**. Trad. Enid A. Dobránszky. Campinas: Papiрус, 1998.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 7ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- SANTOS, Affonso Carlos Marques (org.). **O Rio de Janeiro de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1983, vol. I e II.
- SANTOS, Jacqueline Rios dos. **Minha amiga Cláudia (História, gêneros jornalísticos e produção de uma revista feminina)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação do Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, SP, 1996.
- SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. in NOVAIS, Fernando A. (coord. Da coleção). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; COSTA, Lourença Alves da & CARVALHO, Cátia Maria Coelho. **O Processo Histórico de Mato Grosso**. 3ª edição. Cuiabá: EdUFMT, 1990.
- STEINER, Karl von den. **O Brasil Central**. Trad. Catarina Barata Canabrava. São Paulo: s.e., 1942.
- SULLEROT, Evelyne. **La presse féminine**. Paris, Armand Colin, 1963.
- TELLES, Norma. *Escritoras, escritas, escrituras*. in DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. São Paulo: Vozes, 1999.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)